

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

RENATA MANCOPES

**A EXPERIÊNCIA DE *SI* NA AFASIA: O SUJEITO NOS LIMITES DA  
LINGUAGEM**

FLORIANÓPOLIS

2008.

RENATA MANCOPE

**A EXPERIÊNCIA DE *SI* NA AFASIA: O SUJEITO NOS LIMITES DA  
LINGUAGEM**

Tese apresentada ao Programa de Pós  
Graduação em Lingüística da Universidade  
Federal de Santa Catarina como requisito  
parcial para obtenção do grau de Doutor em  
Lingüística.

Orientador: Prof. Pedro de Souza, Dr..

FLORIANÓPOLIS

2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

**A EXPERIÊNCIA DE *SI* NA AFASIA: O SUJEITO NOS LIMITES DA  
LINGUAGEM**

RENATA MANCOPES

BANCA

---

Dr. Luiz Roberto Agea Cutolo  
(membro)

---

Dra. Maria Teresa Celada  
(membro)

---

Dra. Ronice Müller Quadros  
(membro)

---

Dra. Vera Lucia Ferreira Mendes  
(membro)

---

Dr. Pedro de Souza  
(orientador)

Florianópolis, fevereiro de 2008.

*Se hoje me torno doutora, é preciso dedicar este trabalho ao meu pai, que rompeu fronteiras, não apenas quando saiu do interior do Rio Grande do Sul, mas principalmente porque rompeu fronteiras em direção ao mundo das letras e aprendeu a ler sozinho. Dedico também este trabalho à minha mãe, que com sua persistência e luta cotidiana, se tornou sábia e fez-se doutora na vida.*

## Agradecimentos

Ao Pedro, por nossas diferenças, por ter me apresentado ao Foucault e por ter exigido minha legítima assinatura nesse trabalho.

Agradeço a professora Claudia Lemos, pela palavra certa no momento de qualificação dessa tese, assim como agradeço ao professor Valdir Flores, por sua leitura criteriosa também no momento da qualificação.

As professoras Dra. Maria Teresa Celada, Dra. Ronice Müller Quadros e Dra. Vera Lúcia Ferreira Mendes pela criteriosa escuta/leitura dessa tese e a oportunidade de discussão e troca nesse momento de mudança de posição acadêmica: ser doutora.

Agradeço a UNIVALI, especialmente à professora Arlete Terezinha Besen Soprano, diretora do Centro de Ciências da Saúde e ao professor Valdir Cechinel Filho, pró-reitor de pesquisa e extensão, pelo apoio institucional possível para realização desse trabalho.

Aos meus alunos, estagiários, orientandos e pacientes que fazem ecoar aqui e ali a paixão e o compromisso com a clínica da linguagem, e em especial aqueles que têm instigado minha escuta e minha reflexão no campo das afásias.

As colegas da UNIVALI, Sheila, Idelma, Sinara e Luciana (*fisio*), que de forma especial, cada uma ao seu modo, apoiaram a realização desse trabalho.

A minha ex-aluna Juliana Viana, que trabalhou comigo na transcrição das filmagens que constituíram o corpus desse trabalho.

A minha ex-aluna, hoje colega, Danielle Tesch, que também trabalhou comigo em algumas transcrições “de emergência”, e com quem tenho partilhado questões sobre a afasia e a clínica. Aos amigos da UFSC, Jeanine, Mario, Eric e Cassandra, cujos laços se fortaleceram em torno de nossas inquietações sobre o sujeito e o discurso, e principalmente por todas as risadas que demos juntos.

Ao Jaçanã pela sincera, disponível e afetuosa amizade que se traduziu em cumplicidade nos momentos de alegria e nos de “nem tanta” também. *Merci beaucoup pour l'aide avec le français*. Agradeço você por sua escuta para minhas questões acadêmicas e da vida, você está presente neste trabalho.

Ao Marcelo Dias que acreditou em mim sempre e com quem compartilho algumas das minhas loucuras.

Ao meu amigo Luiz Cutolo, pelas cotidianas palavras de incentivo, por sempre compartilhar comigo o afeto pela docência e por tantas outras coisas simples da vida...desde que o café *espresso* seja bem tirado! Agradeço também, por ter aceitado compor a banca de avaliação deste trabalho.

Agradeço ao meu amigo Carlos Máximo, cuja presença tornou-se mais forte nos últimos dias de produção desse trabalho, e com quem compartilho uma amizade afetuosa.

A minha amiga Denise Terçariol, que está presente nessa tese por nosso laço intelectual, por nosso laço de amizade, pela credibilidade depositada em mim e pela valorização desse título e o que ele representa para mim. Obrigada por todos os momentos e concessões feitas nos meus horários de trabalho para que essa escrita se concretizasse.

A minha amiga Aline G. da Silva, pelo carinho, pelo encorajamento constante e por estar sempre segurando a minha mão.

Especialmente e muito especialmente a minha amiga Stella M. B. Lopes, sem a qual eu não teria chegado até aqui e há tantos outros lugares na vida, já que você suporta meus altos e baixos e sempre está por perto para dizer sim e dizer não. Obrigada por tudo e por ter acrescentado um bocado de sensibilidade à minha vida. O percurso teria sido impossível sem você Sam.

As minhas tias-mães sem as quais o viver não seria o mesmo: *Tia Udi* e *Me*, para vocês sempre meu muitíssimo obrigado.

Agradeço ao meu irmão de coração Daniel Maia, pela sinceridade do afeto, por ser presença constante, prova de um amor perene e fraternal desde os primeiros anos das nossas vidas.

Sou imensamente e especialmente grata aos meus irmãos. A Paula por sua participação silenciosa, ao Guilherme por seu amor verdadeiro no coração, e a Flavia por sempre acreditar em mim e por ser o incentivo em pessoa, obrigada por estar sempre me empurrando para frente.

Agradeço também ao meu pai (*in memoriam*), sem ele esse percurso não teria começado, repito aqui o valor que ele sempre deu aos estudos, o bem mais sólido que ele conquistou e que fez questão absoluta de transmitir.

Meu agradecimento especial a minha mãe, presença constante e incondicional na minha vida e na do Arthur, por tudo e por sempre estar ao meu lado, por sustentar mais do que eu mesma as minhas possibilidades, por ser sempre a primeira da fila tanto para me segurar nos momentos de queda quanto para me aplaudir.... mesmo que ela me aplauda sozinha!

E por fim, e por isso o mais importante: agradeço ao meu querido filho Arthur, por todos os passeios adiados, pelas tardes de sol que ficamos em casa enquanto eu não saía do computador, pela comida esquentada e por suportar meu mau-humor. Mas, mais do que isso agradeço o brilho dos seus olhos a cada encontro dos nossos olhares, pelo reconhecimento que ele traduz e por toda alegria que o seu sorriso traz para minha vida, sem tudo isso, nenhuma tese seria importante.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	10
RESUMÉ.....	11
INTRODUÇÃO .....	12
1 DISCURSIVIDADES CONSTITUTIVAS NAS AFASIAS .....	17
1.1 Contando a história .....	17
2 FALAR-SER: LINGUAGEM E SUBJETIVIDADE .....	37
3 FALAR A AVENTURA DE SUPORTAR A FALTA .....	69
3.1. Do homem ao sujeito, da língua ao discurso .....	71
3.2. A linguagem, a incompletude e a cena .....	80
3.3 O corpo, a linguagem e o sintoma .....	87
3.4 A temporalidade .....	92
3.5 O silêncio .....	101
4 A EXPERIÊNCIA DE SI NA AFASIA .....	109
4.1 Apontamentos metodológicos .....	110
4.2 A subjetivação no entremeio de posições discursivas.....	113
4.2.1. “Ser quando se é mais de um: análise do funcionamento da co-enunciação” - Bloco Discursivo 1 (BD1) .....	114
4.2.1.1. O funcionamento da co-enunciação por intervenção inacabada .....	114
4.2.1.2. O funcionamento do uso de “a gente” do “eu” .....	123
4.2.2. “Ser na falha, no atrapalho, na hesitação: análise do funcionamento da descontinuidade enunciativa”	



- Bloco Discursivo 2 (BD2) .....	128
4.2.2.1. O funcionamento discursivo das pausas e hesitações ...	128
4.2.2.2. O funcionamento discursivo dos atrapalhos .....	135
4.2.2.3. O funcionamento discursivo dos comentários sobre a própria fala .....	142
4.2.3 ‘Ser no humor: análise do funcionamento do riso/rubor na enunciação’ – Bloco Discursivo 3 (BD3) .....	147
4.2.4. “Ser quando não se fala: análise do funcionamento do silêncio” -Bloco Discursivo 4 (BD4) .....	151
4.3 Considerações sobre as análises .....	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS? .....	166
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	172

## RESUMO

Este trabalho advém da problemática clínica enfrentada no tratamento com sujeitos afásicos, o qual, movido pelo compromisso com a fala e com o sujeito, identificava que algo ali excedia a constatação de um “mau” funcionamento da linguagem. A afasia problematiza a subjetividade, na medida em que o mal estar do sujeito em sua fala indicia necessariamente a relação subjetividade e linguagem. O objetivo deste trabalho, portanto, é compreender o processo de subjetivação na afasia, buscando analisar como as práticas discursivo-sociais que constituem historicamente a afasia atravessam a fala do indivíduo assujeitando-o em dada posição frente ao seu modo destoante de falar e como este sujeito estabelece a relação consigo a partir disto. Discutem-se as discursividades constitutivas das afasias, procurando na história dos estudos afasiológicos explicitar o quadro enunciativo que a constitui para compreender o que ela é na atualidade. Faz-se um percurso teórico a partir dos pressupostos de Michel Foucault quanto à produção da subjetividade, entendendo-a como uma construção que se dá por práticas discursivas e sociais e que coloca em movimento múltiplas formas de subjetivação, perpassando os processos de assujeitamento e subjetivação como articuladores da produção do *si*. A partir disto propõe-se questionar o estatuto patológico das afasias, postulando-o como algo que não deve ser definido *a priori*, já que há que compreendê-lo a partir da relação consigo e os modos de existência que o sujeito estabelece com a afasia. A análise detém-se em uma experiência de enunciação, atuada em condições muito particulares de relação com a linguagem, qual seja, a de interlocução entre sujeitos afásicos e não afásicos em um grupo terapêutico. As atividades do grupo foram filmadas durante um ano e posteriormente transcritas para o papel, sendo analisadas por meio da análise do discurso. Observou-se que acerca do afásico, há um regime discursivo que, ao mesmo tempo em que o assujeita, permite-lhe o trânsito na contramão desse assujeitamento e abre espaços discursivos distintos conspirando para um processo de subjetivação que confere a emergência de um *si* particular no sujeito afásico. Sob a cisão da perda da vigência no dizer, a análise permitiu vislumbrar que a partir de diferentes posições-sujeito novos *eus* são passíveis de existir com linguagens próprias e singulares, o que constitui a experiência de *si* na afasia, a despeito da escuta que a clínica faça (ou não) do sujeito.

## RESUMÉ

Ce travail est issu de la problématique clinique affrontée dans le traitement de sujets aphasiques. Dans le souci de la parole et du sujet, on y apercevait quelque chose d'autre qu'un fonctionnement "mauvais" du langage. L'aphasie problematise la subjectivité, dans la mesure où la malaise du sujet dans sa parole fait signe nécessairement à la relation subjectivité et langage. L'objectif de ce travail, donc, est de comprendre le processus de subjectivation dans l'aphasie, essayant d'analyser comment les pratiques discursives-sociales qui constituent historiquement l'aphasie traversent la parole de l'individu en lui assujettissant dans une position, dû à sa manière détonnée de parler, et comment ce sujet établit sa relation avec soi-même à partir de cela. On discute les discursivités constitutives de l'aphasie, en cherchant dans l'histoire des études aphasiologiques d'explicitier le cadre énonciatif qui la constitue, afin de comprendre ce qu'elle est aujourd'hui. On propose un parcours théorique à partir des propositions de Michel Foucault relatives à la production de la subjectivité, saisie comme une construction qui se fait dans des pratiques discursives et sociales et qui met en mouvement des multiples formes de subjectivation, encadrant les processus d'assujettissement et de subjectivation comme des articulateurs de la production de soi. À partir de cela, on propose la question du statut pathologique des aphasies, en lui postulant comme quelque chose qui ne doit pas être défini a priori, une fois qu'il faut le comprendre dès la relation à soi et les modes d'existence que le sujet établit avec l'aphasie. On analyse une expérience d'énonciation vécue dans des conditions très particulières de relation avec le langage, c'est-à-dire, d'interlocution entre des sujets aphasiques et non-aphasiques dans un groupe thérapeutique. Les activités du groupe ont été enregistrées pendant une année et ultérieurement transcrites au papier, après quoi elles ont été analysées à partir de l'analyse de discours. On a observé que, à propos du sujet aphasique, il y a un régime discursif qui, au même temps qu'il l'assujettit, lui permet le mouvement dans le contre-pied de cet assujettissement et ouvre des espaces discursifs distincts qui conspirent à un processus de subjectivation qui donne lieu à l'émergence d'un *soi* particulier pour le sujet aphasique. Sous la scission de la perte de la maîtrise du dire, l'analyse a pu montrer que, dès des différentes positions-sujet, des nouveaux *moi(s)* sont possibles d'exister avec ses propres langages singuliers, ce qui constitue l'expérience de soi dans l'aphasie, en dépit de l'écoute que la clinique fasse (ou non) du sujet.

## INTRODUÇÃO

O momento de apresentação de um trabalho é importante porque permite ao leitor entender como iniciou a preocupação com o tema e como o trabalho foi construído. Descrever o porquê e o como desta tese permite ao leitor compreender minha implicação com a problemática das afasias na clínica. No meu trabalho clínico com a linguagem, iniciado há treze anos atrás, muitos atendimentos, leituras e acontecimentos compuseram uma espécie de constelação de angústias e questionamentos. Creio persegui-los até hoje, ensaiando aqui e ali algumas respostas a estes questionamentos. Mas, a cada ensaio de resposta, novas interrogações são formuladas e eis-me aqui novamente tentando respondê-las.

O problema que motivou essa tese partiu da clínica com sujeitos afásicos. Nas cenas clínicas, eu escutava um sujeito que parecia não mais reconhecer-se em si mesmo, fato este que excedia uma questão ortopédica em relação a linguagem, conforme os procedimentos clássicos em afasia previam. Para além do fato de não conseguir falar ou controlar seu dizer, dizia-me, por exemplo, um paciente em situação de entrevista:

*“acabo-se... acabou-se... todo mundo diz ‘tudo bem’ ‘tudo bem’...trombose,derrame..mas (aponta para o braço e a perna plégicos, do lado comprometido do corpo afetado pelo AVE<sup>1</sup>) **que que é isso cara? Que que é isso?** ....(aponta para a boca e fica estalando a língua)**falar, falar...não sai”**.*

Diante de enunciados como esse, colocava-me muitas questões. O que é possível entrever nesse discurso? O sujeito olha para si e parece não se reconhecer mais em si

---

<sup>1</sup> AVE é a sigla clinicamente utilizada para designar acidente vascular encefálico, popularmente conhecido como derrame, tomado habitualmente como a causa mais comum das afasias.

mesmo, nem em seu corpo e nem em sua fala. A pergunta advinda deles na seqüência das entrevistas iniciais foi sempre a mesma: “*vou ficar como eu era antes?*”. Na clínica via surgir um sujeito que enunciava seu não reconhecimento de si e percebia que os sintomas na linguagem excediam a perda “de palavras” e demandavam a compreensão da dimensão do que essa perda colocava em xeque - a subjetividade. Perguntava-me então: Quem fala nessa fala?

Por outro lado, a instância da clínica fonoaudiológica também abria um campo de questões diante desse fato discursivo, já que permeada por diferentes pontos de vista epistemológicos. Entretanto, fortemente filiada ao funcionamento da clínica médica, ela não parecia dar lugar a essa questão, tampouco ao sujeito. A Fonoaudiologia buscou por algum tempo explicações para os fenômenos ditos patológicos - o que a levou a se ancorar em campos como a Medicina, a Psicologia e a Lingüística. Tal ancoragem aparentemente sustentou a prática clínica da área; entretanto, a colagem e o empréstimo resultantes dessa ancoragem revelaram-se frágeis e reducionistas, visto que não houve interlocução entre as disciplinas e sim uma espécie de aderência de conceitos<sup>2</sup>. A predominância do modelo de clínica médica reduziu a clínica fonoaudiológica ao trabalho com os aspectos orgânicos. Dessa forma, parece que não havia possibilidade de pensar a linguagem em sua complexidade, já que esta permanecia subordinada à ordem do orgânico.

Entretanto, especialmente no campo das afasias, a célebre discussão quanto à relação lesão-sintoma não contribuiu para tocar a problemática dos sujeitos que na clínica se apresentavam. Para mim, o corpo do afásico fala do quanto o organismo depende da fala para alçar a condição de sujeito. Além disso, diante das afasias, parecia-me pertinente interrogar pela relação que o sujeito entretinha com sua fala, pois ali percebia o mal estar do sujeito, o que necessariamente me levava à relação subjetividade e linguagem. Dessa

---

<sup>2</sup> AMOROSO, M. R. M. & FREIRE, R. M. Os sentidos do sintoma de linguagem na clínica fonoaudiológica. In: PASSOS, M. C. **A Clínica Fonoaudiológica em Questão**. São Paulo: Plexus, 2001.

relação é que parecia advir o problema que o levava até a clínica. Por isso, o percurso escolhido para as reflexões pretendidas por mim ao longo da minha formação e também neste trabalho deriva dos estudos da linguagem, especificamente aqueles da análise do discurso e das proposições de Michel Foucault.

Este trabalho, portanto, se sustenta num compromisso ético que me mantém interrogada sobre a fala dos pacientes e por uma exigência teórica em que a linguagem é força fundante da significação e do discurso, sendo o sujeito efeito da linguagem. Com Foucault<sup>3</sup> sustento que o sujeito não é uma naturalidade e que a subjetividade é produto de práticas discursivas e sociais que produzem sujeitos e subjetividades diversas e múltiplas. O que é próprio do sujeito é o assujeitamento, mas sob o ponto de vista foucaultiano há espaços para o exercício da liberdade, sendo possível analisar as práticas da relação consigo como modos de relação do sujeito com a realidade, que o objetiva, fazendo-o coincidir ou resistir a ela.

Diante do exposto, meu objetivo neste trabalho é compreender o processo de subjetivação na afasia, buscando analisar como as práticas discursivo-sociais que constituem historicamente a afasia atravessam a fala do indivíduo assujeitando-o em dada posição frente ao seu modo destoante de falar. Procuro perseguir nas análises a compreensão de como num contexto dito de “perda da linguagem”, os afásicos se subjetivam ou inventam novos modos de relação com sua fala.

Proponho a partir dos estudos sobre a constituição da subjetividade uma abordagem diferente, na qual o afásico pode resistir aos discursos que o assujeitam e abrir outras possibilidades de subjetivação. Desse modo procurarei examinar como a afasia produz sujeito e o modo pelo qual o sujeito afásico enuncia-se, tendo em conta as diversas conseqüências do acontecimento afasia sobre a pessoa por ela atingida.

---

<sup>3</sup> FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, RABINOW. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Trad. Vera Porto Carreiro. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

Pressuponho que, acerca do afásico, há um regime discursivo que, ao mesmo tempo em que o assujeita, permite-lhe o trânsito na contramão desse assujeitamento e abre espaços discursivos distintos conspirando para um processo de subjetivação - o que confere a emergência de um *si* particular no sujeito afásico. Para empreender este trabalho, organizei minha reflexão em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, apresento as discursividades constitutivas das afasias, procurando na história dos estudos sobre a afasia explicitar o quadro enunciativo que a constitui, para compreender o que ela é na atualidade. Nesse capítulo aponto também questões da clínica como um *locus* privilegiado de intervenção e análise do processo de subjetivação na afasia.

No segundo capítulo parto dos pressupostos teóricos de Michel Foucault quanto à produção da subjetividade, entendendo-a tal qual a propõe Souza<sup>4</sup>, como uma construção que se dá por práticas discursivas e sociais e que coloca em movimento múltiplas formas de subjetivação. Faço um percurso teórico sobre as idéias foucaultianas acerca da produção da subjetividade, perpassando os processos de assujeitamento e subjetivação como articuladores da produção do *si*. Discuto a noção de resistência como operadora de subjetividade, relacionando algumas noções deleuzianas que afirmam a resistência em função dos jogos de forças que produzem sujeitos.

No capítulo três faço a discussão sobre o funcionamento da linguagem em sua relação com o modo de constituição do sujeito, ou seja, com a produção da subjetividade. Para operar a reflexão, parto dos pressupostos teóricos de Agambem e Michel Foucault

---

<sup>4</sup> No trabalho de Souza, ao tomar em análise o testemunho de um dependente químico no caso das campanhas antidrogas, o autor demonstra situações em que o sujeito ao falar sobre si mesmo, coloca-se fora de *si* e constitui-se no exterior da enunciação que sustenta o testemunho que faz de si mesmo. Ou seja, no mesmo processo discursivo de assujeitamento é possível que o sujeito se produza sob uma outra posição dita de resistência, na qual ele se subjetiva fora da ordem discursiva que o determina. Cf. SOUZA, P. Resistir, a que será que se resiste? O sujeito fora de si. **Linguagem em (dis) curso**. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, v. 3. Tubarão, 2003b.

quanto à produção da subjetividade e me proponho refletir sobre a especificidade da linguagem nesse processo. Entendo que é a análise do funcionamento da linguagem que permite observar em movimento as múltiplas formas de subjetivação. Inicialmente, discuto o processo de conversão do homem em sujeito e da língua em discurso pela operação da linguagem, para posteriormente discutir a particularidade do funcionamento da linguagem nesse processo. A propósito dessa discussão, permito-me certa recorrência a Psicanálise<sup>5</sup>, apresentando relações entre a linguagem, a incompletude e a falta e a articulação entre o corpo, a linguagem e o sintoma. Além disso, faço a reflexão sobre a temporalidade e o silêncio. Postulo que do ponto de vista das afásias há certo funcionamento de linguagem que particulariza modos de subjetivação em que o sujeito vivencia um estremeamento da sua relação com a linguagem, estabelecendo novas formas de se relacionar com a língua. Proponho que essa relação seja determinada pela instância do inconsciente, relativa à falta, causa de desejo e a da afasia, enquanto interdiscurso, relativa à perda, causa de sofrimento. Portanto, a partir deste ponto de vista compreendo que suportar a falta é condição para fazer funcionar a linguagem e ser sujeito de discurso.

Por fim, no capítulo quatro apresento as discussões a partir da análise do modo como os sujeitos afásicos se enunciam a partir de sua produção em uma situação particular de enunciação, qual seja, a de interlocução em um grupo de afásicos. Procuro, enfim, neste contexto, compreender a movimentação do sujeito que constitui a experiência de *si* na afasia.

Eis, portanto, de forma sintetizada, o que me proponho a refletir neste trabalho a partir desse momento.

---

<sup>5</sup> Vale ressaltar que a Psicanálise é campo não referenciado em Foucault e citado apenas de passagem por Agambem, entretanto, para as proposições empreendidas por mim neste trabalho, a interlocução com a Psicanálise foi considerada e mostrou-se produtiva na compreensão do processo de subjetivação nas afásias.



## **1 DISCURSIVIDADES CONSTITUTIVAS DAS AFASIAS**

Existem as afasias que foram classificadas de vários modos, bastante didáticos e talvez um tanto absurdos, ainda que tais classificações evidenciem o empenho dos estudiosos da área na compreensão das afasias. Entretanto, existem os afásicos que não podem ser compreendidos sem se considerar quem eles eram antes de se tornarem afásicos, ou ainda como eles passam a se ver depois da afasia. Nesse capítulo, pretendo explorar a afasia a partir daquilo em que ela é enunciada, para compreender o quadro que a objetiva, situando a afasia e o afásico como efeito do discurso. A questão mobilizada por mim neste capítulo não envolve saber qual a origem das afasias ou a negação dessas origens, mas sim saber como as afasias se originam enquanto processo a partir da relação entre os discursos que a enunciam. Ou seja, procuro grosso modo, fazer certa genealogia da afasia passando pela história que a constitui, mas buscando principalmente compreender como isso que a constituiu determina o que ela é na atualidade.

### **1.1 Contando a história**

A detecção de um problema de linguagem gerado por lesão cerebral é o primeiro traço das condições de nomeação da afasia como doença, ou seja, algo na fala do indivíduo é nomeado afasia no quadro de uma clínica. Desde o fim do século XIX até o começo do século XX, muito se produziu sobre as afasias dentro de uma perspectiva ligada principalmente à Medicina. Desta forma, o modo de compreender as afasias passava por uma idéia de ciência que buscava essencialmente a experimentação e a mensuração dos fenômenos, instaurando a clássica relação cérebro-linguagem. Tal funcionamento da ciência torna-se a condição de emergência da afasia no discurso da clínica.

Mas o termo afasia foi usado pela primeira vez, na Filosofia, segundo Fonseca e Vieira<sup>6</sup>, por Sexto Empírico, em meados do ano 200, como referência à atitude dos céticos quando eles *se abstinham* de se pronunciar sobre algo. Note-se que se abster de falar não significava impossibilidade de falar. Broca, que é reconhecido como um dos fundadores dos estudos em afasia, também entendia o termo afasia como “estado de um homem no fim dos argumentos” e, por isso, propôs como alternativa o uso do termo afemia, palavra derivada do grego, do verbo falar, que significava perda da faculdade de linguagem articulada em ausência de paralisia da língua, de dificuldades na compreensão ou perda da inteligência.

Entretanto, a hegemonia do discurso médico impera até a atualidade no discurso sobre as afasias e, por isso, destaco desde já que a compreensão da afasia e do afásico como efeito do discurso necessariamente passa também pela discussão da constituição da clínica, já que é ela que parece apagar a fala do indivíduo implicado nela. A afasia foi, portanto, tomada como doença no seio da clínica médica e as transformações do saber médico relativas ao século XVIII e XX demarcam certos modos de conceber e agir diante de quadros como a afasia.

Foucault<sup>7</sup>, no texto “Abram alguns cadáveres”, afirma que entre os séculos XVII e XIX houve uma importante mudança no estilo de pensamento médico que levava a descobrir a doença na profundidade dos mistérios do corpo. Assim, a possibilidade de abertura de cadáveres conferiu à medicina, segundo Foucault, alguns princípios que fundamentam seu campo de conhecimento até hoje. Estudar o corpo em profundidade permitiu a análise experimental das alterações que as doenças produzem, da correlação entre as lesões visíveis no organismo e a coerência das formas patológicas. O discurso

---

<sup>6</sup> FONSECA, S. C. & VIEIRA, C. H. A afasia e o problema da convergência entre teoria e abordagens clínicas. In: **Distúrbios da Comunicação**, v.16, n.1, 2004.

<sup>7</sup> FOUCAULT, M. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

organicista nasce neste estilo de pensamento<sup>8</sup>, fundamentando-se na oposição normal / patológico e interno / externo. E é neste cenário que os estudos sobre as afasias emergem, somando-se a isto a necessidade de mensuração e experimentação dos fenômenos, conforme disse anteriormente.

Assim, os rumos iniciais na investigação das afasias pautaram-se por esse viés, nos quais os estudos anátomo-patológicos certificavam as relações interno e externo a partir da correlação lesão-sintoma. Tais estudos buscavam estabelecer relações entre os sintomas observados durante a vida da pessoa afásica, neste caso os dados lingüísticos, e os fatores neuro-anatômicos inferidos de procedimentos clínicos ou obtidos *post-mortem*<sup>9</sup>. Tais inferências foram consolidando o discurso organicista como a ordem vigente neste campo.

No campo da Fonoaudiologia e da Clínica da Linguagem o trabalho de mestrado de Fonseca<sup>10</sup> assinalou que a afasia historicamente tornou-se pertença do campo da medicina, e embora afirme que só se fala em afasia quando a fala está em sofrimento, não se pode saber *a priori* o que faz sofrer o paciente. Nestes termos, a autora afirma que são inegáveis os avanços da medicina a partir da possibilidade de investigação de cadáveres, entretanto declara que o olhar médico voltado apenas para a inspeção do corpo e suas relações tornou a medicina, no contexto da psiquiatria, por exemplo, surda à palavra do louco. A autora destaca que tal surdez não se limitou à palavra do louco, mas sim a surdez da medicina à palavra. Destaco que no campo das afasias, tal fato é particularmente relevante, na medida em que não considerar o sujeito e a relação que este entretém com sua palavra, não permite

---

<sup>8</sup> Estilo de Pensamento: "modo de ver, entender, conceber; processual, dinâmico, sujeito a mecanismos de regulação; determinado psico-sócio-histórico-culturalmente; que leva a um corpo de conhecimentos e práticas; compartilhado por um coletivo; com formação específica" (CUTOLO, 2006).

<sup>9</sup> COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso. Discurso e Afasia: Análise Discursiva de Interloquções com Afásicos**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

<sup>10</sup> FONSECA, S. **Afasia: fala em sofrimento**. Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas. PUC/ São Paulo, 1995.

um diagnóstico e uma direção para o tratamento que privilegie o singular que o rótulo afasia apaga.

Foucault<sup>11</sup>, ainda nesse propósito, diz que a análise médica acontecia separadamente de seu suporte lingüístico e definia mais “a divisibilidade espacial das coisas do que a sintaxe verbal dos acontecimentos e dos fenômenos”. Segundo as análises de Foucault sobre a história da medicina, poder-se-ia dizer que houve um vazio terapêutico na prática médica entre os anos de 1780 e 1840, já que a mudança da medicina clássica para a medicina moderna deixava de sustentar um olhar superficial e classificatório das doenças e passava ao olhar de profundidade. Sob esse ponto de vista, o doente ficava colocado como o suporte ou o veículo da doença. O sujeito doente, portanto, se constituía a partir desse olhar de profundidade<sup>12</sup>, que em última instância permitia incidir sobre si esse tipo de prática médica. Os estudos sobre as afasias surgem nesse contexto.

Porém, em se tratando de afasia, a relação causa e efeito consolidada pela correspondência lesão / sintoma não parecia esgotar a compreensão das afasias, já que a heterogeneidade de seus efeitos excedia tal relação. No trabalho de Landi<sup>13</sup>, por exemplo, encontrei uma descrição de afasia que data de 3000 a.C., da qual afirmava-se: “quando se tem um ferimento na têmpora, que perfura o osso temporal, a pessoa põe sangue pelo nariz, tem o pescoço enrijecido e **fica sem falar** (grifo meu)”. Já Haslam<sup>14</sup> faz a descrição de “doentes delirantes, nos quais a palavra (fica) embaraçada, a boca desviada, os braços ou as pernas privados de movimentos voluntários, a memória enfraquecida”. Sob este ponto de vista, percebe-se que esse quadro patológico já se definia de forma mista entre algo da ordem da loucura (diria algo ligado ao mental) e algo da ordem da doença orgânica, no

---

<sup>11</sup> FOUCAULT, M. *op. cit.*

<sup>12</sup> Foucault designa olhar de profundidade a este olhar que a abertura de cadáveres permitiu: o ingressar dentro do corpo, identificar possíveis lesões e estabelecer relações de causa e efeito entre os fenômenos.

<sup>13</sup> LANDI, R. **Sob o efeito das afasias: a interdisciplinaridade como sintoma nas teorizações**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: LAEL/PUC, 2000.

<sup>14</sup> Haslam (1798) é citado por Foucault em *O nascimento da clínica*.

caso a paralisia. Ressalto a freqüência com que os afásicos foram confundidos com os loucos nessa época.

A relação de causalidade lesão-sintoma aponta para o modo de constituição histórico das afasias, portanto nem sempre foi evidente. Esta relação tem suas origens no pensamento médico, mas só é legitimada quando os estudos anátomo-clínicos se colocam como a ordem vigente e produzem a coincidência entre corpo da doença e corpo do doente. Explico-me: na medicina classificatória, anterior a medicina do olhar em profundidade, buscava-se estabelecer um certo parentesco entre as “espécies” de doenças. Foucault<sup>15</sup> afirma que sob este ponto de vista, “o quadro nosológico implica uma figura de doenças diferente do encadeamento dos efeitos e das causas, da série cronológica dos acontecimentos e de seu trajeto visível no corpo humano”. As analogias é que definiam a “essência” das doenças. O autor cita como exemplo, que uma inflamação local nada mais era do que a expressão de uma seqüência de sintomas: rubor, tumor, calor e dor. O grau de parentesco entre as doenças era medido pelo grau de semelhança dos sintomas.

Ainda assim, nem o olhar nosológico, nem o olhar de profundidade saturam os sentidos da afasia. Vieira<sup>16</sup>, em seu trabalho “Sobre as afasias: o doente e a doença”, procura também instituir um gesto de leitura sobre a afasia para além daquilo que está dado sobre o tema, o que segundo ela mascara as questões relacionadas à linguagem e aos efeitos subjetivos que as afasias promovem. E para abordar esta questão a autora parte das reflexões de Foucault em *O Nascimento da Clínica* problematizando também a relação de causalidade lesão sintoma assim como aquela de sede da doença em sua relação com o corpo. Para a autora, assim como para Foucault, não haveria coincidência exata entre o

---

<sup>15</sup> FOUCAULT, M. *op. cit.*, p.3.

<sup>16</sup> VIEIRA, C. H. Sobre as afasias: o doente e a doença. In: DE-VITTO, M. F. L. & ARANTES, L. **Aquisição, Patologias e Clínica da Linguagem**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2006.

corpo da doença e o corpo do doente. É certo que sem lesão cerebral não há afasia, entretanto é certo também que não é toda lesão cerebral que leva à afasia.

Na esteira das proposições foucaultianas, a autora destaca que em sendo assim o órgão sobre o qual incide a doença não participa da definição da doença. A definição de uma doença encontra-se em relação a uma família de doenças e não numa sede no corpo. Portanto, a partir deste ponto de vista, a localização de uma lesão no corpo não conta. A análise por semelhança de sintomas e parentesco com outros quadros estabelecia o que seria a essência da doença. Esta essência, portanto, é que seria concebida com uma entidade entre as espécies de doenças. Mas, como a doença ocorre no doente, este acaba por afetar essa essência visto que introduz nela características particulares como idade, estilo de vida ou características de temperamento. Assim, o modo de garantir essa essência seria ignorar a singularidade que se inscrevia em sua manifestação<sup>17</sup>.

Neste ponto de vista, Foucault<sup>18</sup> afirma que para que o médico conhecesse a verdade do fato patológico (da doença), ele deveria abstrair o doente. O médico deveria ser capaz de isolar a doença. O doente ficaria, então, entre parênteses mesmo que seja no seu corpo que a doença se manifeste. Eis aí a doença enquanto essência. Nesse discurso e conseqüentemente, nessa clínica, a doença ganha corpo, mas o doente perde seu corpo que é atravessado pelo olhar de profundidade que busca a lesão, a causa. Mais do que isso, destaco que o que se perde também é a dimensão do sofrimento do doente e dos efeitos da doença em sua vida que não serão escutados no escopo dessa clínica.

Nesse sentido, concordo com Vieira<sup>19</sup> quando afirma que o discurso do paciente sobre seu mal-estar é considerado um ruído parasita e como tal precisa ser eliminado. Isso tem reflexos na relação do médico com o doente, pois a pergunta “o que você tem?” é

---

<sup>17</sup> VIEIRA, C. H. *op. cit.*, p.237.

<sup>18</sup> FOUCAULT, M. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

<sup>19</sup> VIEIRA, C. H. *op. cit.*

substituída por “*onde dói?*”. Mais uma vez o que está em questão é a espacialidade corporal e não a história do paciente.

No final do século XIX houve uma mudança do olhar do médico dirigido ao corpo humano, o que produziu uma transformação no conceito de doença. Os estudos anátomo-clínicos, como mencionei anteriormente, buscavam a associação entre lesões de órgãos definidas a grupos de sintomas estáveis. Vale destacar, entretanto, que houve um lapso de tempo importante até que esses estudos fizessem efeito na clínica, pois a estrutura da medicina classificatória, que dava as diretrizes para clínica médica, perdurou por quase um século. A mudança ocorrida no século XIX foi, segundo Foucault, uma reformulação no nível do próprio saber e não apenas no nível de conhecimentos aprofundados. Houve aí uma ruptura sustentada pela condição de visibilidade das profundezas do corpo que até então inexistia. A medicina classificatória trazia dificuldades de efetiva nomeação da doença ao passo que os estudos anátomo-patológicos passaram a produzir a coincidência entre corpo da doença e corpo do doente. A possibilidade de identificação da doença e sua legitimação no corpo dava à medicina um novo estilo de pensamento, instituía uma nova episteme<sup>20</sup>, na qual o sujeito e sua singularidade eram apagados da cena clínica, privilegiando-se a doença como essência.

Vieira<sup>21</sup>, ainda a respeito da discussão acerca da relação entre o doente e a doença, aponta que foi em 1827, com Bichat, que a anatomia patológica passou a fundamento objetivo da descrição de doenças. Foi, segundo a autora, a partir daí que a articulação entre corpo lesionado e sintomas passou a refletir a articulação também de dois campos: o da

---

<sup>20</sup> Episteme é um dispositivo especificamente discursivo, designado por Foucault inicialmente em 1966 em sua obra *As palavras e as Coisas*. Foucault concebe a episteme como a articulação dos diferentes discursos científicos. Uma episteme implica o desvio, as distâncias, as oposições, as diferenças e as relações de seus múltiplos discursos científicos. Ela não se configura como um sistema ou uma teoria subjacente a uma dada época e sim como um espaço de dispersão, ela é um campo aberto. (REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesan. São Carlos: Claraluz, 2005).

<sup>21</sup> VIEIRA, C. H. *op. cit.*, p.237.

anatomia e o da clínica. Nessa articulação se perde a ordenação dada pela família das doenças e instaura-se um problema relativo a como então agrupar e ordenar as doenças a partir desse novo referencial, qual seja, o corpo lesado.

A autora acompanha as proposições de Foucault a esse respeito, destacando que esse método coloca dois problemas importantes, a saber: a relação entre o ser da doença e os fenômenos da lesão e o fato de todas as doenças possuírem uma lesão no corpo. Essa discussão remete imediatamente a concepção de doença como essência. É Foucault quem questiona a coincidência entre lesão e doença quando pergunta:

quando se constata um derrame seroso, um fígado degenerado (...)? É a lesão a forma originária e tridimensional da doença cujo ser seria, assim, de natureza espacial? Deve-se situá-la (a lesão) na região das causas próximas? Ou como a primeira manifestação visível de um processo que permaneceria oculto?<sup>22</sup>

A partir disso, seria possível questionar se a lesão seria a causa da doença ou a lesão seria um outro visível e não a causa da doença? Pensar a solução dessa questão permite enfim, compreender como no campo da medicina a relação lesão-sintoma se consolidou como a base das doenças e também determinou essa lógica nos estudos no campo das afásias.

Se a doença é entendida como essência, é ela que se instala num órgão, nesse caso, a lesão seria efeito da doença, seria a sede desta doença. A noção de sede da doença substituiu aquela de classes de doenças. Bouilland<sup>23</sup> afirma que essa teria sido a conquista mais bela da medicina moderna: admitir que não há doença sem sede, que ela pode ser espacializada. Segundo Vieira<sup>24</sup>, mesmo acoplando o sintoma à anatomia, o que persiste é

---

<sup>22</sup> FOUCAULT, M. *op. cit.*

<sup>23</sup> Bouilland é citado por Foucault em *O Nascimento da Clínica*.

<sup>24</sup> VIEIRA, C. H. *op. cit.*



a concepção de doença como essência e, conseqüentemente, a causalidade aí suposta é: doença/essência à lesão - relação esta questionada pela autora.

Um outro ponto a ser discutido quanto à questão relativa a causalidade lesão e doença aponta para o que Foucault apresentou quanto aos estudos de Broussais<sup>25</sup>. Para Broussais, a sede passa a ser vista como o ponto de fixação da causa irritante, ou seja, o ponto que fixa a irritação e que a mantém e, por isso, é produtor de efeitos. Assim, se o órgão/sede assume esse *status*, ele adquire força causal, isto é, o espaço local da doença é ao mesmo tempo o espaço causal. Os fenômenos patológicos passam a ser compreendidos como efeitos da anatomia e fisiologia da lesão e a doença passa a ser concebida como reação a uma causa irritante que tem relação com a lesão. Assim, há uma reversão e consolida-se a relação lesão à doença e nasce a medicina dos órgãos em substituição a medicina das doenças. Concordo com Vieira<sup>26</sup> quando a este respeito afirma que se a doença na medicina classificatória era vista como uma essência separada do corpo, passando a ser localizada no corpo, este passa a ser nele mesmo a sede do sofrimento, e transforma-se então no corpo doente.

Nesse sentido, justifica-se a base dos estudos na afasiologia que seguiram essa esteira de pensamento: perda da linguagem decorrente de lesão cerebral já que a lesão é concebida como causa da doença. A procura pela lesão passa a ser o mais importante, dando lugar de destaque ao cérebro que passa a ser mapeado e profundamente estudado. E nesse sentido, o fato das lesões explicarem os sintomas traz como decorrência a anatomia patológica como fundamento da clínica<sup>27</sup>.

Essa clínica, servil ao estilo de pensamento médico e submetida ao discurso vigente e logicamente estabilizado, adapta-se facilmente a ele e faz laço com seu caráter

---

<sup>25</sup> Broussais (1839) *apud* FOUCAULT, M. *op. cit.*

<sup>26</sup> VIEIRA, C. H. *op. cit.*

<sup>27</sup> FOUCAULT, M. *op. cit.*

organicista, passando ao largo das teorizações sobre a linguagem, sendo os sintomas anotados e correlacionados a algum tipo de lesão cerebral. Assinalo desde já que a clínica médica não se ocupa das perturbações da fala e, portanto o alcance dessa proposta na Fonoaudiologia não toca a problemática singular das afasias. O cérebro ganha neste ponto de vista espaço absoluto, ele é tomado como um “mistério” a ser desvendado e a linguagem fica desproblematizada não havendo indagação quanto ao seu estatuto. Acrescento, ainda, que para que o cérebro reine absoluto neste cenário há um apagamento significativo que se coloca simultaneamente a este reinado: o do sujeito.

Particularmente quanto às afasias, o que se estabelece a partir desse referencial de clínica é uma réplica da conduta médica, que se exime do sujeito já que a função diagnóstica (quando ela é considerada implementada) fica reduzida à coleta de “erros típicos” previamente elencados e codificados como sintomas de um tipo nosológico. O que dirige o olhar do fonoaudiólogo, nesse modo de agir, é também previamente moldado já que ele sabe, antes do encontro com o paciente, o que deverá procurar.

Vieira<sup>28</sup> comenta que nos estudos iniciais sobre as afasias, o cérebro era um mistério para os anatomistas e fisiologistas que se empenharam em decifrar suas funções. E datam desse período os estudos que delimitaram o cérebro em lobos e giros e a descoberta de sua uniformidade na espécie humana. Segundo a autora, com Bouilland, em 1825, Broca, em 1861 e Wernicke, em 1874, teve-se o início da delimitação de centros específicos para a linguagem. A partir dessas descobertas, houve grandes debates em função da diversidade das alterações de linguagem decorrentes de lesão em uma mesma área cerebral. Os estudiosos muitas vezes concordavam quanto à responsabilidade de uma dada área por certas manifestações lingüísticas, mas discordavam quanto à concepção de organização cerebral ou a de linguagem. Havia ainda divergências quanto ao pressuposto

---

<sup>28</sup> VIEIRA, C. H. E por falar em afasia. In: GOLDFELD, M. **Fundamentos em fonoaudiologia: linguagem**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.

inicial dos estudos, negando-se a possibilidade de localizar funções complexas como a linguagem, controvérsia estabelecida entre Broca e Jackson. Para Jackson, os neuroanatomistas só poderiam localizar a lesão e os sintomas e não afirmar que ali estaria localizada esta ou aquela função normal, pois, para ele, localizar sintomas seria diferente de localizar função. Esse fato parece sobremaneira interessante já que invoca do interior mesmo dos estudos tradicionais sobre as afasias, algo da heterogeneidade de seus efeitos, ainda que isso tenha passado ao largo das discussões da época.

Efetivamente, em face de toda discussão empreendida até aqui, se vê que o termo afasia, enquanto algo da ordem do patológico, foi certificado no campo da medicina, e foi nesses termos que passou a ser uma referência ao próprio acontecimento cerebral (AVE), o que produz um deslocamento de sentido em relação às primeiras definições da afasia instituídas originariamente na filosofia, conforme apresentei no início desta sessão.

O discurso organicista sobre as afasias assume status de logicamente estabilizado na medida em que se configura como um discurso fundador<sup>29</sup> na afasiologia. Fonseca<sup>30</sup> afirma que, embora nada se leia sobre isso nos trabalhos sobre afasia, é fato que as classificações que sucederam Broca e Wernicke são inegavelmente tributárias daquelas realizadas por eles. Deste modo é como se ficasse proibido recusar a causalidade lesão/sintoma.

A partir desses espaços discursivos estabilizados acerca das afasias, há uma cobertura lógica do real. E, sendo assim, fica obstaculizada a possibilidade de outra interpretação. Fonseca<sup>31</sup> ressalta ainda que a ilusão que a acessibilidade ao cérebro engendrou foi decorrência do procedimento autorizado de abertura de cadáveres. Foi, segundo ela, essa ilusão que constituiu a condição de possibilidade desse discurso

---

<sup>29</sup> O discurso fundador como o discurso de uma ciência particular, conforme Pêcheux (1990).

<sup>30</sup> FONSECA, S. **Afasia: fala em sofrimento**. Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas. PUC/ São Paulo, 1995.

<sup>31</sup> FONSECA, S. *op. cit.*

logicamente estabilizado. A partir daí, revela a autora que a conversão da proposição lesão/sintoma em sintoma/lesão fica autorizada como uma aparente certeza no interior desse discurso.

Estou de acordo com a autora quando esta afirma que a relação cristalizada entre lesão/sintoma foi a mola-mestra da afasiologia. A partir dela infere-se uma relação de causalidade direta entre dois domínios muito heterogêneos, o neurológico e o da linguagem. É claro que se pode compreender que haja um substrato neurológico que faz funcionar a linguagem, entretanto, não é ele que constitui a linguagem enquanto discurso<sup>32</sup> de um sujeito. Quando estamos diante de um sujeito falando, há mais do que a fisiologia de um corpo em questão, há subjetividade e a há linguagem enquanto força fundante de um sujeito. Do contrário, se a relação fosse direta, bastaria estudar o funcionamento cerebral; o que se sabe, não resolve a questão. Não se trata de negar que uma lesão produz efeitos no funcionamento lingüístico, mas não se pode reduzir a complexidade do lingüístico ao funcionamento cerebral.

Outros modos de olhar a problemática da afasia foram instituídos fora do eixo lesão-sintoma e vem sendo perseguidos por diferentes autores e pesquisadores da área, os quais se vinculam principalmente aos estudos da linguagem, da filosofia e da psicanálise e com os quais este trabalho pretende dialogar. Entre eles, historicamente, encontra-se Freud que a partir de sua obra *A Interpretação das Afásias* discutiu o que no funcionamento da linguagem, excedia o estatuto de patologia.

Em 1891, Freud faz uma crítica importante aos estudos tradicionais vinculados às relações anátomo-clínicas, o que contribuiu para fazer avançar o pensamento e os estudos na área das afásias. Freud<sup>33</sup> questiona a relação de causalidade lesão/sintoma, chamando a

---

<sup>32</sup> A relação subjetividade e linguagem será melhor discutida no próximo capítulo, quando apresentarei a partir do escopo teórico de Michel Foucault a esteira teórica que sustenta esse trabalho.

<sup>33</sup> FREUD, S. **A Interpretação das Afásias**. São Paulo: Edições 70, 1987.

atenção para a ocorrência de sintomas lingüísticos na ausência de lesão cerebral. Ele contrapõe-se à idéia de que a linguagem seria apenas um reflexo cerebral e postula um aparelho da linguagem enquanto centro funcional e não centro fisiológico. Afirma o autor que a parafasia observada nos pacientes afásicos não difere do uso errado e da distorção de palavras que as pessoas normais podem observar em si mesmas. Nesse sentido, Freud promove um deslocamento importante da questão cérebro e linguagem, porque demonstra que a perturbação de linguagem, na ausência de lesão cerebral, é um problema relevante que não encontra “lugar” no conjunto de proposições que orientam o discurso organicista. É forte afirmar que há sintoma sem lesão e que este sintoma se estende para todo o conjunto de seres falantes, afásicos ou não<sup>34</sup>.

É certo que o texto de Freud, dessa época, ainda enquadra-se dentro de uma proposta neurológica acerca das afasias. Entretanto, ao discutir que a relação entre a cadeia de processos fisiológicos e o sistema nervoso não era de causa e efeito, colocou o processo psíquico como paralelo ao fisiológico. Para ele, o processo psíquico é paralelo ao fisiológico, designando-o um “concomitante dependente”, ou seja, há entre processo cerebral e psíquico relação de implicação e não de causalidade. Para ele há perda da eficácia do aparelho da linguagem e aqui se pode ler aparelho como funcionamento. Freud aponta para um funcionamento que produz efeitos e que não pode ser reduzido à ordem do orgânico. Essa afirmação é sustentada por ele quando afirma a necessidade de desenvolver uma outra concepção da organização do aparelho da linguagem.

As colocações de Freud perturbaram o discurso sobre as afasias, já que sustentaram a presença de “sintomas” sem lesão, colocando em xeque a natureza da relação cérebro-linguagem. No entanto, seu discurso ficou à margem da ordem discursiva vigente. Embora

---

<sup>34</sup> FONSECA, S. Lesão vs sintoma: uma questão de causalidade. In: **DELTA**, n. 2. São Paulo: EDUC, 1998.

ele tenha feito oposição ao logicamente estabilizado, abrindo um novo campo de questões, Freud chegou a enunciar seu sentimento de isolamento neste campo.

Além desses autores, houve ainda, já no século XX, as produções de Goldstein e Luria, que estiveram focadas respectivamente no viés da Psicologia Gestáltica e na Neuropsicologia, este último em certa aproximação com a Lingüística. Entretanto, apesar de constituírem diferenças na abordagem das afasias, expandindo um pouco a questão da causalidade; discursivamente sua produção aglutinou-se no mesmo espaço do discurso organicista que, em verdade, esteve sempre submetido ao espaço discursivo da Medicina como forma dominante do estilo de pensamento da área.

Vale ressaltar que a reflexão empreendida por Freud abriu a possibilidade de pensar a afasia a partir de um outro lugar que não o da Medicina. Para Freud<sup>35</sup>, é possível abordar as afasias como uma questão de linguagem se rompermos com a dissolução do vínculo causal. Henry<sup>36</sup> afirma que “é claro que a linguagem supõe uma certa organização cerebral, mas ela não esgota a matéria”. O aspecto absolutamente relevante das proposições freudianas é a desproblematização da relação cérebro-mente-linguagem que ficou expressa nos estudos médicos sobre a afasia.

Deste modo, as leituras que se sucederam na área das afasias buscando discuti-las para além do limite lesão/sintoma situaram um novo olhar sobre a questão. Penso que reinterpretar as afasias torna-se uma necessidade para aqueles que se ocupam da clínica da linguagem, notadamente os fonoaudiólogos.

A problemática também se colocou a partir do campo da clínica da linguagem, na Fonoaudiologia, na medida em que os afásicos passaram a procurar o fonoaudiólogo, instaurando uma demanda terapêutica na qual o médico nada podia oferecer. Na instância dessa clínica, o que se colocou no campo das afasias foi a “ordem da linguagem”, já que o

---

<sup>35</sup> FREUD, S. *op. cit.*

<sup>36</sup> HENRY, P. **A Ferramenta Imperfecta: Língua, Sujeito e Discurso**. São Paulo: Unicamp, 1992, p. 182.

que convoca o fonoaudiólogo acerca da afasia é a linguagem e seu compromisso com a fala do paciente. Assim, originou-se um movimento no escopo dessa clínica no sentido de problematizar e buscar uma definição de linguagem e sujeito que não existia na área. Desse modo, uma primeira aproximação com a Lingüística foi feita na busca de um conhecimento sobre a linguagem. Porém, esse primeiro encontro foi, nas palavras de De Vitto<sup>37</sup>, um mau encontro, porque o que se incorporou da Lingüística, inicialmente, foi mais os preconceitos da gramática normativa do que propriamente a um conhecimento lingüístico. Assim, no campo das patologias, onde se inclui a questão das afasias, o que se viu funcionar foi certa taxonomia às avessas, conforme coloca Arantes<sup>38</sup>, porque se buscava a descrição do que a fala do paciente não tinha, do que lhe faltava. Neste modo de abordar as afasias, a fala dos pacientes não chegava a ser descrita, acabava por ficar de fora, como resto daquilo que o aparato descritivo, a gramática, nunca poderia resolver<sup>39</sup>. Neste ponto da produção do conhecimento e problematização das questões da clínica, no campo das afasias, o dito afásico ainda não era escutado.

Antes disso, em torno dos anos quarenta, Jakobson foi pioneiro na abordagem das afasias, reivindicando seu estatuto lingüístico antes de qualquer coisa. O autor acreditava na necessidade de aplicar às afasias critérios puramente lingüísticos, assumindo que as manifestações afásicas deveriam ser estudadas em relação a uma teoria da língua em geral, que colocasse o estudo da afasia como efeito do funcionamento da linguagem, assim como de outros fatos de linguagem, fossem eles poéticos, normais ou patológicos<sup>40</sup>. Dessa forma,

---

<sup>37</sup> DE-VITTO, M. F. L. Novas Contribuições da Lingüística para a Fonoaudiologia. In: **Distúrbios da Comunicação**, n. 7, v. 2, 1995, pp. 163-171.

<sup>38</sup> ARANTES, L. O fonoaudiólogo esse Aprendiz de Feiticeiro. In: DE-VITTO, M. F. L. **Fonoaudiologia no Sentido da Linguagem**. São Paulo: Cortez, 1994.

<sup>39</sup> VIEIRA, C. H. E por falar em afasia. In: GOLDFELD, M. **Fundamentos em fonoaudiologia: linguagem**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.

<sup>40</sup> FONSECA, S. **Afasia: fala em sofrimento**. Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas. PUC/ São Paulo, 1995.

o trabalho de Jakobson distancia-se da relação de causalidade direta lesão/sintoma e enuncia a afasia como um problema de linguagem.

A contribuição de Jakobson marca um lugar diferenciado para as afasias no campo dos estudos da linguagem. Em 1954, no artigo “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, ele faz avançar seu pensamento, ampliando as noções de paradigma e sintagma no sentido de apreender a sistematicidade que subjaz tanto ao sistema em dissolução no discurso dos afásicos como seu “estado nascente” na fala infantil<sup>41</sup>. Neste trabalho, encontram-se formulados os princípios de seleção e combinação na linguagem que produz efeitos particulares na abordagem das afasias. Em seus trabalhos iniciais, ele não faz nenhuma referência ao funcionamento cerebral; suas afirmações, entretanto, se voltam, em determinado momento, para a teoria da comunicação e, posteriormente, acabam por incluir em suas reflexões relações entre o cérebro e a linguagem, embora ele demonstre certa oscilação e dúvida a esse respeito.

Fonseca<sup>42</sup> destaca que as proposições de Jakobson representam um marco no que diz respeito a resignificação das manifestações afásicas, promovendo um deslocamento relativo às discussões sobre o assunto. Parece que os estudiosos da área produziram certo apagamento de suas oscilações, preferindo ratificar os trabalhos que incluíram a questão cerebral aos seus estudos. Mas, segundo a autora, a grande contribuição de Jakobson foi pensar a linguagem enquanto instância simbólica e não apenas cerebral; o cérebro passa a ser visto como condição de possibilidade para o funcionamento simbólico, conferindo à linguagem uma ordem própria.

No campo da Psicolingüística, sob um viés cognitivista, também há um lugar de enunciação das afasias que surge da necessidade de relacionar funções como pensamento,

---

<sup>41</sup> LEMOS.C.Los Procesos Metafóricos e Metonímicos como Mecanismos de Cambio. In: **Substractum**, vol.1. n.1. Barcelona, 1992, pp. 121-134.

<sup>42</sup> *Op. cit.*



comportamento e linguagem. As afasias são tomadas como objeto de análise a partir das teorias que envolvem as funções mentais superiores e o processamento da linguagem. Sob este olhar, o que se repete é o viés da relação cérebro – linguagem, assim como nos estudos pautados pela teoria inatista, que vai enfatizar as questões da faculdade da linguagem e seu funcionamento a partir de princípios e parâmetros estritamente lingüísticos, relativos à gramática universal. As possíveis falhas ou distúrbios da linguagem, dentro desse quadro, são pensados em termos de seu funcionamento mental, principalmente no que se refere ao componente sintático da língua.

Na década de oitenta, os estudiosos da área da Fonoaudiologia, em aproximação com a Lingüística e vinculados aos estudos em Aquisição de Linguagem, realizaram uma nova interlocução, na qual a noção de funcionamento da linguagem autorizou um novo gesto de leitura sobre as afasias. Destacam-se aí as proposições Lemos (1992), em torno das quais o erro da/na linguagem e a questão da subjetividade ganharam lugar.

Parece que é neste lugar enunciativo que o afásico em si surge na ordem do dia. Até então, falava-se na afasia e não no afásico. Da aproximação com teorias como o Interacionismo<sup>43</sup>, a Psicanálise e a Análise do Discurso resultaram novos posicionamentos acerca das afasias que contemplaram em seu escopo o sujeito. Destacam-se os trabalhos de Vieira<sup>44</sup> e Fonseca<sup>45</sup>, que justamente buscaram instalar reflexões importantes para o campo da clínica da linguagem. Somam-se a estes ainda os gestos de leitura de Coudry<sup>46</sup> e de

---

<sup>43</sup> A fim de evitar equívocos teóricos, vale ressaltar que a designação interacionismo utilizada neste capítulo não deve ser tomada como vinculada à idéia de interação como equivalente à comunicação entre parceiros, ou ainda àquela que toma a interação como processo de aprendizagem conduzido por um falante mais experiente. A discussão teórica feita neste trabalho sob a rubrica do interacionismo diz respeito aos estudos Lemos e colaboradores.

<sup>44</sup> VIEIRA, C. H. **Um percurso sobre a história da afasiologia: estudos neurológicos, lingüísticos e fonoaudiológicos**. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992.

<sup>45</sup> FONSECA, S. **Afasia: fala em sofrimento**. Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas. PUC/ São Paulo, 1995.

<sup>46</sup> COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso. Discurso e Afasia: Análise Discursiva de Interlocuções com Afásicos**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Freire<sup>47</sup>, que acrescentam a estas reflexões algo da dimensão do discurso. Atualmente, as reflexões que vêm sendo empreendidas pelo Projeto Aquisição da Linguagem e Patologias da Linguagem, sob coordenação da prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Francisca Lier de Vitto, no LAEL da PUC-SP, em colaboração com a DERDIC, têm constituído um outro lugar para afasia e os afásicos, porque discute a especificidade do que falha na linguagem na instância da clínica fonoaudiológica.

Tais reflexões situam-se em outra ordem discursiva na qual a afasia é enunciada como da ordem da linguagem, mas não fica distanciada do campo da fala, no sentido de pensá-la como acontecimento na fala do sujeito. Acreditamos que a voz dos próprios afásicos tenha constituído novas posições possíveis no discurso sobre as afasias, na medida em que se abriu no campo da clínica um campo de escuta para esse sujeito.

Na instância da clínica, entender as afasias e os afásicos tem outro lugar, já quem em se tratando de cérebro, nada temos a dizer uma vez que o que deve nos ocupar é a linguagem enquanto discurso de um sujeito. Esse outro lugar implica um deslocamento que produz uma leitura das afasias a partir da relação sujeito-linguagem e os efeitos subjetivos que as afasias promovem. Esta clínica exige, precisamente, uma tomada de posição frente à fala sintomática do afásico. Concordo com Arantes<sup>48</sup>, que afirma que é no diagnóstico que o fonoaudiólogo é convocado a assumir uma posição frente ao paciente e decidir se ela é ou não patológica. Essa decisão, segundo a autora, tem conseqüências fundamentais para aquele que procura a clínica, porque dela depende sua permanência ou não no tratamento e sua conseqüente passagem à posição de *paciente*. Se for da subjetivação que pretendo me ocupar, penso que essa pode ser uma primeira posição subjetiva a ser delineada quando se inaugura um processo terapêutico.

---

<sup>47</sup> FREIRE, R. M. Uma análise discursiva da afasia. In: PASSOS, M. C. (org.) **Fonoaudiologia recriando seus sentidos**. São Paulo: Plexus, 1996.

<sup>48</sup> ARANTES, L. **Diagnóstico na Clínica de Linguagem**. Tese de Doutorado. LAEL/PUC SP, São Paulo, 2001.

As afasias deram lugar aos afásicos e pensar as afasias na atualidade excede a implicação necessária entre cérebro e linguagem e situa questões de múltiplas ordens como políticas, sociais e éticas. Parece-me mais interessante e provocativo pensar a implicação linguagem e cérebro a partir das proposições de Agambem<sup>49</sup>, quando este questiona a linguagem como um produto da cultura e coloca a necessária sobreposição entre aquilo que é da natureza e da cultura enquanto fatores endossomáticos e exossomáticos. Para ele, a linguagem é uma passagem da ordem da natureza para a cultura<sup>50</sup>. No campo da linguagem, refletir sobre as afasias contempla pensar a enunciação e a relação sujeito-língua-discurso. Fora da ordem, a enunciação do afásico situa uma problemática, qual seja, a do sujeito. Não há possibilidade de sujeito sem que o indivíduo profira um enunciado qualquer, e a esfera da enunciação compreende o que em todo ato de fala remete ao seu acontecer, independentemente do que antes é dito ou significado<sup>51</sup>.

Com tais idéias em foco entendo a afasia como acontecimento. Acontecimento esse que coloca em xeque o percurso de um sujeito, já que se trata de uma ruptura, ruptura que se dá a partir de uma perda. A perda demarca uma diferença no dizer e um dizer que não pode ser compreendido coloca em ameaça o que seria a “ordem constituída” do sujeito. Nas palavras de Vieira<sup>52</sup>, “vale a pena perguntar, nesse momento, sobre o que produz no sujeito esse encontro com uma condição até então inimaginável, terrificante e absurda de não mais poder falar”. Posso, juntamente com a autora, dizê-la terrificante, porque atinge o que de mais fundante nos faz ser sujeitos: a condição de falantes em que nos reconhecemos

---

<sup>49</sup> AGAMBEM, G. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

<sup>50</sup> A distinção natureza cultura é enfrentada por Agambem ao discutir a infância da linguagem como experiência muda em sua obra *Infância e História* (2005), leitura que pode complementar as idéias apresentadas aqui de forma rudimentar.

<sup>51</sup> AGAMBEM, G. *op. cit.*

<sup>52</sup> VIEIRA, C. H. Sobre as afasias: o doente e a doença. In: DE-VITTO, M. F. L. & ARANTES, L. **Aquisição, Patologias e Clínica da Linguagem**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2006, p. 244.

desde sempre. A esse respeito, Lemos<sup>53</sup> afirma que uma vez falantes de uma língua, não podemos escapar à injunção de escutar (e não apenas ouvir) ou de ler (e não apenas ver).

O afásico, então, interroga a clínica e interroga a mim. Para Lemos<sup>54</sup> ser interrogado por um acontecimento corresponderia a ser analisado por ele, ou seja, ser tocado a ponto de se ver exigido a dizer sobre ele. Eis, portanto, ao que me proponho doravante: refletir como a experiência de si na afasia, atuada em condições muito particulares de relação com a linguagem, produz sujeito e legitima uma certa posição subjetiva.

---

<sup>53</sup> LEMOS, C. T. G. Corpo e linguagem. In: JUNQUEIRA FILHO. L.C.U. **Corpo mente. Uma fronteira móvel**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, p. 239.

<sup>54</sup> LEMOS, C. T. G. **Das vicissitudes da Fala da Criança e de sua investigação**. mimeo., 2002.

## **2 FALAR-SER: LINGUAGEM E SUBJETIVIDADE**

No capítulo anterior, teci considerações acerca da história da afasia buscando explicitar principalmente como, no quadro discursivo da constituição da afasia como doença, não se vislumbra via de regra o sujeito implicado nesta história. Desse modo, para refletir como a experiência de si na afasia produz sujeito e legitima certa posição subjetiva, parto das reflexões sobre a constituição da subjetividade em sua relação com a linguagem. Destaco que a discussão aqui empreendida visa explicitar o modo de olhar que faço com relação à afasia, porque a meu ver as relações subjetividade e linguagem permitem compreender os efeitos subjetivos que as afasias promovem.

A racionalidade dos séculos XVIII e XIX fez do sujeito uma naturalidade, uma coisa em si absoluta. Do ponto de vista histórico, entretanto, ser sujeito não é uma coisa igual em todo lugar e em todos os momentos. Os discursos de uma dada época constituem lugares de enunciação diferentes acerca da subjetividade. Neste capítulo, especificamente, parto das reflexões de Michel Foucault sobre a subjetividade, porque interessa compreender como a relação linguagem-subjetividade é pensada sob este ponto de vista e, a partir disso, compreender também o que dessa relação é ou não afetada por um acontecimento como a afasia.

A afasia é um acontecimento repentino que abala a relação do sujeito com a linguagem e que institui violentamente uma condição terrificante para o sujeito, qual seja: a de não se julgar mais fonte do dizer, ilusão esta constitutiva do sujeito falante. Seria essa uma posição possível na linguagem? Proponho-me a pensar as posicionalidades possíveis para o sujeito submetido à condição afásica, buscando compreender o sujeito nesta condição.

Foucault discute justamente que a questão do sujeito é um problema filosófico que deve ser analisado em sua relação com o tempo e as condições de produção de uma dada época. O autor indica a necessidade de “promover novas formas de subjetividade, através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos”<sup>55</sup>. O que existe são diferentes constituições de sujeito, o que se contrapõe à idéia de um sujeito dado *a priori*. O sujeito é fundado e refundado na história a cada momento. Trata-se, pois, de pensar não mais a permanência de uma mesma essência: o sujeito. Trata-se, portanto, de pensar em posicionalidades.

Ao escutar o sujeito afásico falar sobre si, parece-me que uma primeira divisão já se apresenta quando ele enuncia sua impossibilidade, antecipando seu lugar de não-falante. Interessante notar, porém, que quando fala, o faz a partir de um ato enunciativo “completo” (digo-o completo no sentido de que o sujeito organiza uma formulação lingüística de certo modo organizada). Ou seja, o sujeito enuncia seu não falar justamente pela linguagem, como se pode ver a seguir neste pequeno trecho da interlocução no grupo ora em estudo:

(1) NA<sup>56</sup>: *E o que o senhor fez no final de semana? Conta pra nós, o senhor M. recebeu visitas, a dona A. ficou em casa e viu televisão, né? E o senhor? Saiu ou ficou em casa?*

(2) A: *Ah, isso eu não poder, eu não saber mais, eu não saber falar. Como eu vou dizer pra ti nega?*

(3) NA: *Conta pra nós senhor J. Ficou em casa? Ou alguém foi lhe visitar?*

(4) A: *Como eu posso dizer? Eu não saber, eu não poder. O P. lá de Curitiba, ele veio né...Olha, só?! Eu to falando!*

---

<sup>55</sup> FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, RABINOW. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Trad. Vera Porto Carreiro. Rio de Janeiro: Forense, 1995, p. 239.

<sup>56</sup> Ao longo deste trabalho a notação NA será utilizada para designar o interlocutor não afásico e a notação A designará o interlocutor afásico.

Ao enunciar seu não saber falar, penso que o afásico posiciona-se segundo a ordem discursiva vigente quanto à afasia, naquela posição em que ele é assujeitado afásico ou ainda não-falante. Se tal fato atesta certa condição de verdade sobre a afasia, a partir de uma dada ordem do discurso, é verdade também que a surpresa enunciada pelo interlocutor afásico diante do fato de estar falando, quando reconhece o que diz como algo legítimo, aponta para algo que ocorre para além desse assujeitamento. Parece-me que há assujeitamento, mas há também outro movimento subjetivo possível para o sujeito neste caso.

Para Foucault<sup>57</sup>, a subjetividade é produto das práticas sociais e discursivas que produzem sujeitos e subjetividades diversas e múltiplas e que têm relação com o saber e o poder, o que aponta para uma relação necessária entre aquilo que é da ordem do assujeitamento na constituição da subjetividade. O eixo saber – poder – subjetividade é central no pensamento de Foucault, o saber e o poder são sempre da ordem da produção, são maquinarias sociais, são processos políticos, e a subjetividade é sempre da ordem dos efeitos, é o ponto de chegada. Assim é que entendo que, para Foucault, o saber e o poder são suportes para a produção dos efeitos de subjetividade. Entretanto, o próprio Foucault destaca que o poder não constitui o tema geral de sua pesquisa, mas que seria necessário estender as dimensões de uma definição de poder a fim de usá-la para o estudo da objetivação do sujeito. Ele enuncia três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos, a saber: a objetivação, as práticas divisoras e a subjetivação. É possível compreender a partir disso que uma dada ordem de discurso se institui fundada sobre esses eixos, determinando um certo campo de questões. Conforme discuti no primeiro capítulo deste trabalho, as afasias foram enunciadas de diferentes formas em diferentes momentos e campos de saber, o que acaba por instituir o que a afasia é na

---

<sup>57</sup> FOUCAULT, M. *op. cit.*

atualidade. Como apresentei inicialmente, do lugar discursivo da filosofia, a afasia não era concebida como doença. Esse estatuto de doença foi enfim alçado a partir do discurso da clínica médica e se estende de modo hegemônico até a atualidade. Mas, a especificidade da clínica da linguagem, parece ter formulado outro modo de conceber a afasia, no qual os próprios afásicos parecem ter ganhado voz. Nestes termos, não se trata de negar a condição patológica da afasia, mas entendê-la como um problema lingüístico, vinculado a uma perda que não se localiza em uma lesão cerebral. Se a afasia está atrelada a uma desordem orgânica, sua manifestação vai muito além disso, quando ao escutar o sujeito, este nos convoca a uma torção no olhar e uma abertura na escuta: há ali palavra habitada. A perda da vigência sobre o código lingüístico coloca o sujeito entre a tensão do imaginário em que é colocado como não falante e o fato de que apesar da falha, fala. Tais aspectos podem apontar para os modos de relação que o sujeito que se torna afásico entretém com sua própria fala e com o evento afasia. Por isso, vejo como necessário pensar com Foucault o processo de subjetivação na afasia, procurando compreender como os processos de objetivação e subjetivação operam sobre o sujeito afásico e resultam num modo particular de estar na linguagem.

Quanto à objetivação, Foucault aponta para aquilo que objetiva o sujeito a partir de um discurso e que constata sua existência. Num segundo momento, ele define as práticas divisoras como aquelas em que o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros, afirmando que esse processo objetiva o sujeito, determinando seu lugar. Acrescenta, ainda, que a subjetivação, então, aponta para o modo pelo qual um ser humano torna-se sujeito, em como ele se reconhece no discurso que o determina<sup>58</sup>. Tais processos envolvem o assujeitamento e a subjetivação como constitutivos do sujeito.

---

<sup>58</sup> FOUCAULT, M. *op. cit.*



Do lado da objetivação, os manuais de reabilitação nas afasias indicam o discurso que incide sobre o sujeito e seu entorno quando na condição de afásico. Esses manuais costumam funcionar como uma espécie de mapa orientador das ações a serem tomadas com o “afásico”, apontando para uma espécie de terceira pessoa que passa a ser instituída com a afasia e com a qual os familiares não sabem mais lidar. O modo de enunciar o afásico nestes manuais explicita a objetivação a que ele fica submetido:

(...) seu familiar afásico deverá ser tratado de acordo com sua idade e da forma mais natural possível. Apesar de ter-se tornado mais dependente até mesmo para higiene pessoal ou alimentação, não significa que deva ser tratado como uma criança (...). À medida que você perceber progressos na reabilitação, diminua o seu auxílio para que **seu afásico** torne-se cada vez mais independente (...).<sup>59</sup>

Tal discurso contido nesse tipo de manual é ratificado pelas condutas terapêuticas que o sucedem e que instituem práticas não apenas clínicas, mas de conduta social e de relação com as pessoas:

(...) caso o paciente tenha interesse em comparecer a uma festa de família ou qualquer outro evento onde várias pessoas poderão interpelá-lo, deverá contar com algum acompanhante já bastante adaptado a sua linguagem para acompanhá-lo no contato com estes. (...) Procure informar aos parentes e amigos para que não façam visitas em grupo, fundamentalmente no período inicial e mais crítico da doença, pois o paciente ficará bastante ansioso por não conseguir se comunicar com aquele grupo (...).<sup>60</sup>

A discussão em foco aqui não está atrelada ao valor desses manuais, mas a observar como o discurso constitui as práticas sociais, inclusive aquelas ditas terapêuticas que determinam a afasia e o sujeito afásico. As práticas sociais objetivam os sujeitos assujeitando-os, mas os efeitos desse assujeitamento são designados por Foucault<sup>61</sup> como

---

<sup>59</sup> NISA-CASTRO, S. A. F. & SANTOS, A. C. **Guia de orientações à família do paciente afásico**. Serviço de Fisiatria do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Porto Alegre: Publicações HCPA, 1996.

<sup>60</sup> NISA-CASTRO, S. A. F. & SANTOS, A. C. *op. cit.*

<sup>61</sup> FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002a.

práticas de subjetivação, que revelam como o sujeito se relaciona com esses efeitos e como se espelha e se reconhece neles. É desse ponto de encontro entre objetivação e subjetivação que me ocupo nas análises desse trabalho, quando o que está em jogo é o estremecimento da relação do sujeito com a língua, com o social e consigo mesmo. As práticas sociais instituem o lugar discursivo dos sujeitos na clínica, que por sua vez, delimita a cena e o jogo entre os sujeitos ali presentes. Clínica esta na qual mecanismos de poder também se presentificam e estão ali instituídos por práticas sociais.

Já as práticas de subjetivação são entendidas como práticas de si porque resultam do modo como o sujeito se relaciona com os sentidos dos efeitos do assujeitamento constituído pela realidade imposta. A imposição da realidade é violenta quando o que está em jogo é a afasia.

A afasia instala-se de uma hora para outra na vida do sujeito, o evento neurológico é abrupto e inesperado. As histórias clínicas repetem o fato de que o sujeito acorda no hospital e quando tenta falar não consegue:

*NA(terapeuta): E quando foi o AVC?*

*NA (familiar): Ele tava trabalhando e sentiu dor de cabeça o dia inteiro, já tinha ido no médico para ver isso. Tava tomando remédio pra dor de cabeça. Daí no outro dia foi que deu.*

*NA (terapeuta): O senhor tinha problema de pressão alta?*

*NA (familiar): Nunca teve, nunca tinha dado nada. A única coisa que tava sentindo era dor de cabeça.*

*A: Tava sim, tudo bem, tudo bem, ai, ai... (aponta para a cabeça) e puf...(faz sinal para indicar que caiu no chão). Aí ta... acordei...(aponta para perna e braço plégicos, levanta o braço atingido com o outro braço, eleva e solta-o fazendo-o cair sobre a perna) **O que que é isso, cara?! O que que é isso?!** (aponta para a boca e faz barulhos com estalos de língua). Meu Deus do céu!*

*NA: (terapeuta) Passou mal de repente e quando se acordou no hospital não conseguia falar.*

*A: Meu Deus do céu cara... todo mundo... “tudo bem, tudo bem” ... mas...meu Deus do céu! (levanta o braço atingido novamente, olha para a perna igualmente, balança a cabeça negativamente).*

*NA (terapeuta): não está tudo bem. É isso. Entendo.*

De uma hora para outra, o “andar da vida” é colocado em suspensão assim como as perspectivas identitárias desse sujeito. O sujeito sabe-se ali na cena, mas ao falar não encontra o que quer dizer e não se encontra no que diz:

*NA(terapeuta): Da semana passada pra cá não aconteceu nada de diferente?*

*A: é, eto, corto...*

*NA(terapeuta): não entendi.*

*A: é, eu, é, uma coisa assim. Eu passo (SI<sup>62</sup>) eu mosso, ó, ois, passou, pegar, pegar, e, é mais tempo pra mim, é (SI) tempo, quero tudo.*

O percurso do sujeito é colocado em questão quando diante desse acontecimento há um não reconhecimento de si e uma mudança abrupta de posição. A instância da clínica de imediato é a que determina certo lugar para esse sujeito circunscrevendo também a espacialidade na qual o sujeito vai ou não se movimentar.

Jean-Dominique Bauby, ex-editor chefe da revista *Elle*, na França, escreveu um testemunho dessa experiência na obra intitulada *O Escafandro e a Borboleta*, na qual relata sua condição de estar preso ao corpo após um acidente vascular encefálico sofrido em 1995, que o deixou quase que totalmente paralisado, restando a ele somente o movimento de piscar o olho esquerdo. Traduziu sua condição na metáfora do escafandro, afirmando o piscar de olhos como sua única janela para o mundo. De seu escafandro, ditou o livro a

---

<sup>62</sup> SI: segmento ininteligível.

partir de um código estabelecido em que a cada piscada de olho indicava letra a letra num painel, o que queria dizer. Em suas palavras passou a viver uma “existência inédita de inválido profundo, segundo uns”, ou de mutante, segundo ele mesmo<sup>63</sup>. Na escrita de si, o autor revela um outro modo de existência, inventa um modo de se relacionar com sua nova condição, descrevendo-a ao relatar, por exemplo, uma situação em que está junto a seu filho:

‘Vamos brincar de forca? Você é o enforcado’, diz Théofilhe, eu gostaria de responder que já basta ser paralítico, se meu sistema de comunicação não impedisse as réplicas na lata. A piadinha mais fina embota-se e gora quando perdemos vários minutos para acertá-la. Quando chega, nem nós mesmos entendemos muito bem o que parecia ter tanta graça antes do ditado laborioso, letra por letra. A regra, portanto, é evitar essas agudezas intempestivas. Com isso, perdem-se as faíscas da conversação, aquelas palavrinhas certeiras que vão e voltam como bola em jogo de pelota basca; e incluo essa falta de humor forçada entre os inconvenientes de meu estado.<sup>64</sup>

Mas, se a dinâmica do processo de subjetivação inclui modalidades de relação do sujeito com os efeitos do assujeitamento, concordo com Foucault que é este o único lugar de onde se pode exercer a ‘liberdade’: reconhecer-se neste ou naquele lugar, é o que dá movência ao sujeito. Quanto ao sujeito, o que é possível? Ser objeto da afasia ou há outro modo de ser na afasia? Há movência na afasia? O lugar do exercício dessa liberdade é tenso e é dessa tensão que pretendo me ocupar neste trabalho.

A subjetividade é sempre ponto de chegada, ela é da ordem dos efeitos, efeitos que advêm do poder e saber que constituem maquinarias sociais. Em suas reflexões iniciais sobre a subjetividade, ao discutir a função enunciativa, ele afirma que o sujeito é um lugar

---

<sup>63</sup> BAUBY, J. D. **O Escafandro e a Borboleta**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

<sup>64</sup> BAUBY, J. D. *op. cit.*, p. 77.

vazio, já que pode ser ocupado efetivamente por diferentes indivíduos<sup>65</sup>. Entretanto, esse lugar não é definido de uma vez por todas e pode ser variável o bastante para manter-se idêntico a si mesmo em diferentes situações enunciativas, o que resultaria diferentes possibilidades de posições do sujeito. Assim, Foucault dá visibilidade a um jogo possível de posições para um sujeito que será, para ele, determinado pelas relações discursivas e que, por sua vez, configuram-se sempre como relações de poder. Então, sob esse ponto de vista, é necessário focar as práticas sociais que produzem os sujeitos. No caso específico da afasia, como pude constatar nas análises desse trabalho, as práticas sociais fizeram incidir na clínica fonoaudiológica hegemonicamente o modo de funcionar da clínica médica. Clínica esta que parece prescindir de uma noção de sujeito já que o que está em foco é a doença como essência, por isso não se escuta o que o sujeito diz; procura-se apenas o que no corpo ratifica a entidade  $x$  ou  $y$ , mas não se escuta o sujeito em seu sofrimento. O setting terapêutico fonoaudiológico fica instanciado na clínica médica reproduzindo suas práticas.

Em momento posterior de sua produção, Foucault desloca o foco de suas discussões da relação entre discurso e subjetividade e faz uma reflexão em torno da relação corpo e poder. Assim, interessa a ele entender como os poderes produzem corpos em sua relação com a disciplina, o que se pode ver em *Vigiar e Punir*<sup>66</sup>, que dá origem à figura do sujeito de direito. Para Foucault interessa a microfísica do poder, o poder das relações cotidianas, naquilo em que o poder se relaciona com a conduta dos indivíduos concretos. Nessa fase, a produção sobre a figura do louco vai ser discutida a partir da *História da Loucura*<sup>67</sup> como uma das discussões das figuras de exclusão. Foucault apresenta o louco como efeito de

---

<sup>65</sup> O sujeito é, pelo olhar de Michel Foucault, heterogêneo, não autônomo, constituído em meio às relações de poder polimórfas e espalhadas pelo sistema social e não pode ser considerado sinônimo de pessoa ou indivíduo já que sua constituição sempre se dá no laço social e a todo o momento.

<sup>66</sup> FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1997.

<sup>67</sup> *Idem*, **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2001a.

subjetividade, produzida por um discurso e práticas psiquiátricas institucionalizadas que o fazem louco. Segundo o autor, o assentamento da loucura na estrutura, no jogo da exclusão, foi precedido de um movimento simbólico de reciprocidade na relação entre a razão (o signo da estrutura, o signo da continuidade) e a loucura (o signo da ruptura):

A loucura torna-se uma forma relativa à razão ou, melhor, loucura e razão entram numa relação eternamente reversível que faz com que toda loucura tenha sua razão que a julga e controla, e toda razão sua loucura na qual ela encontra sua verdade irrisória. Cada uma é a medida da outra, e nesse movimento de referência recíproca elas se recusam, mas uma fundamenta a outra.<sup>68</sup>

Essa relação posta por Foucault entre uma continuidade (a razão) e uma ruptura (a loucura) não é uma relação de fronteira, mas uma relação de extensão, ou seja, loucura e razão relacionam-se em descontinuidade. Seus lugares são dados justamente na contigüidade entre elas. Entretanto, a razão ocupa o lugar de centro num lugar não natural. Segundo Derrida<sup>69</sup>, “uma espécie de não-lugar a partir do qual a loucura torna-se um acontecimento de ruptura”.

No caso da loucura, o acontecimento da ruptura vai se dar na diferença do dizer, tal qual acontece na afasia. Um dizer que não pode ser compreendido é uma ameaça à ordem constituída quando o que está em questão é um ideal de transparência da linguagem e a busca por uma normalização. A compreensão acaba por fazer um papel de patrulhamento daquilo que os indivíduos dizem. Entretanto, é impossível exercer esse controle na fala desviante do afásico, algo ali escapa. Ao mesmo tempo, instituída a instância da perda, e colocado aí o sintoma, o afásico sofre um duplo atravessamento: o da falta constitutiva do humano, causa de desejo e o da perda, sintoma, causa de sofrimento. Rompida a ilusão de controle do visível, a língua, o sujeito parece reconhecer-se na ordem de uma clínica que o

---

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>69</sup> DERRIDA, J. J. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciencias humanas. In: **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1967.

objetiva afásico, ele torna-se objeto da afasia. Para além das falhas semântico-lexicais, fonético-fonológicas ou morfossintáticas, o não falar do afásico é determinado por essa ruptura subjetiva. O patrulhamento exercido por uma clínica que busca a palavra coerente, articulada e normatizada, estranha o dizer que o afásico produz e que historicamente já o situou no lugar da demência e, na atualidade, parece deixá-lo ainda às margens do sentido. Para tanto, pensar a afasia como acontecimento de ruptura me parece ser a via pela qual poderemos compreender como o afásico é determinado e se determina como sujeito e como os movimentos e práticas que o determinam permitem e o fazem se enunciar.

A noção de acontecimento posta por Foucault ao discutir a loucura como tal é valiosa para avançar a discussão da subjetivação na afasia. Faço relação com o que Pêcheux<sup>70</sup> coloca sobre o acontecimento como o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória e, conforme referi, percebo na afasia uma ruptura que aponta para esse encontro que vai elencar uma atualidade - que seria justamente a ruptura imposta pela afasia e suas decorrências, com uma memória que insiste em buscar aquilo que o sujeito era, quando este parecia perceber-se como uma continuidade que era revelada pela suposta coerência e transparência do seu discurso:

‘Eu não o via desse jeito’, diz Claude. Meu universo agora está dividido entre os que me conheceram antes e os outros. Que figura pensarão que fui? No meu quarto não tenho sequer uma foto para mostrar-lhes...<sup>71</sup>

No relato de Bauby, a foto metaforiza a ilusão de unidade. Destaco aqui o valor desta suposição constitutiva. A ilusão constitutiva de tomar-se como fonte de sentido e origem do dizer é o que está abalada no funcionamento da linguagem do afásico. Se tal

---

<sup>70</sup> PÊCHEUX, M. (1983) **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

<sup>71</sup> BAUBY, J. D. **O Escafandro e a Borboleta**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 93.

ilusão é da ordem do inconsciente, tal como propõe Pêcheux<sup>72</sup> quando formula a dinâmica do funcionamento dos esquecimentos número 1 e número 2 no discurso, ela atua como fratura exposta na afasia, quando ao revés o que se apresenta é justamente uma posição em que o sujeito não atribui a si a possibilidade de ser fonte de sentidos ou origem do dizer. Tanto isso o é, que vimos em segmentos apresentados anteriormente o sujeito surpreender-se consigo mesmo com o fato de falar.

É preciso destacar ainda que, no campo do pré-construído, ou seja, no campo do já-dito sobre a afasia, estarão marcadas condições de memória que podem também apontar para a subjetividade do afásico. Vê-se no discurso familiar as marcas desse pré-construído reproduzindo o lugar destinado ao sujeito afásico a partir do que se concebe a afasia:

*NA (familiar): a L., em 99, maio, teve dois aneurismas cerebrais no mesmo dia, ficou 7 dias internada*

*A: é no começo quase...*

*NA (familiar): atingiu a área da fala, no começo, quando começou a soltar a voz, era complicado, ela fazia uma salada de letras, palavras, a única palavra que ela falava era Mariana, o nome da neta, e nós já estamos aqui há três anos*

*A: no começo eu não dizia nada, elas aqui, que eu me lembro bem, no começo eu não sabia falar nada, e com elas ainda, por isso que eu adoro.*

*NA (familiar): a área da fala não existe mais, então, a outra tem que fazer o papel dela, a da fala não existe mais. Eu nunca a tratei como deficiente, eu sempre tratei de igual para igual, nós vivemos em perfeita harmonia. Sempre dei liberdade para ela tentar fazer as coisas, eu só acho que é um empecilho pra ela lidar com fogo, por exemplo, o ferro de passar roupa, ela pega errado.*

---

<sup>72</sup> PÊCHEUX, M. (1975) **Les Vérités de La Palice**. Trad. Bras.: Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 2ª ed. Campinas: Unicamp, 1995.



Na fala do familiar, o que se vê presente é a reprodução do discurso acerca da afasia naquilo que ela se relaciona à lesão cerebral e que aponta para possíveis “deficiências” geradas por esta.

Com respeito a essa reprodução, retomo a reflexão sobre o pré-construído. Pêcheux<sup>73</sup> relaciona o pré-construído enquanto traços que determinam o sujeito. Entretanto, destaca a necessária articulação entre aquilo que da interpelação ideológica impõe realidade e sentido ao sujeito e a relação que esse sujeito faz com esses sentidos. Nesse ponto, articulo o diálogo entre Pêcheux e Foucault para pensar a afasia como acontecimento. Nesse acontecimento, percebo que as relações com a memória e o pré-construído articulam-se como processos de objetivação do sujeito. Porém, a articulação desses encadeamentos do pré-construído vai produzir efeitos no processo de subjetivação daquele que se torna afásico. Como disse, a articulação desses efeitos no sujeito são práticas de subjetivação, são práticas de si, ou seja, práticas de si na medida em que revelam como o sujeito se relaciona com esses efeitos e se espelha neles.

Desse modo, poder-se-ia dizer que o termo sujeito serviria para designar o indivíduo preso à certa “*identidade*” que reconhece como sua, considerando o que do processo de subjetivação constituiu nele tal reconhecimento. Esse processo justaposto aos processos de objetivação explicitaria enfim a “*identidade*” do indivíduo, o que resultaria no que Foucault chamou de “objeto dócil e útil<sup>74</sup>”.

Mediante isso, a questão que não pode deixar de ser colocada diz respeito a que tipo de intervenção clínica deve ser feita, então, nas afasias? Uma clínica que ratifique a docilidade e utilidade do sujeito tornado afásico, ou uma clínica que permita construir o luto da perda e que permita que o sujeito se subjetive nela? Penso que esse trabalho não

---

<sup>73</sup> PÊCHEUX, M. *op. cit.*

<sup>74</sup> FONSECA, S. C. **O afásico na clínica de linguagem**. Doutorado em Lingüística e Estudos da Linguagem. PUC/ São Paulo, 2002.

responde a essa pergunta integralmente, já que não se trata de encontrar uma resposta única para esta questão, resposta esta que seja tomada como verdade. Mas pode, sim, contribuir com reflexões sobre o problema da subjetividade na afasia.

Meu interesse, nesse sentido, é avançar a discussão quanto àquilo que determina o sujeito afásico a partir da afasia e principalmente compreender como o sujeito acometido pela afasia elabora e atinge certo modo de ser nesse momento. Para tanto, acompanho o pensamento foucaultiano que avança para além do entendimento das práticas coercitivas como produtoras de subjetividade e dá visibilidade àquelas práticas de autoformação do sujeito. Nessa etapa do pensamento de Foucault, interessa a ele investigar o modo de relação que os indivíduos mantêm consigo mesmo numa relação de ética. Souza<sup>75</sup>, ao analisar o discurso do sujeito submetido a tratamento antidrogas e o processo de subjetivação neste contexto, discute o mecanismo de resistência no processo e comenta que para compreender o processo de subjetivação interessa saber como o indivíduo constitui-se como sujeito de suas próprias ações. Entretanto, o autor destaca que não significa dizer que a subjetividade tem relação com atingir uma essência ou âmago de si mesmo, já que para Foucault não há um sujeito na origem a ser resgatado de uma dada dominação. Interessa então pensar nas práticas de autoformação do sujeito.

Quanto à prática de autoformação do sujeito, ela surge de um segundo momento nas formulações foucaultianas quando ele também discute a noção do *si*. Neste momento, Foucault não se ocupa apenas do sujeito como objeto de conhecimento, mas sim investiga o que é o sujeito como efeito de discurso. A prática de autoformação do sujeito é considerada por Foucault<sup>76</sup> como uma prática ascética, “um exercício de si sobre si mesmo

---

<sup>75</sup> Resistir, a que será que se resiste? O sujeito fora de si. **Linguagem em (dis) curso**. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, v. 3. Tubarão, 2003b.

<sup>76</sup> FOUCAULT, M. (1984) A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, M. B. **Michel Foucault: Ética, Sexualidade, Política. Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 265.

através do qual procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser”. Souza<sup>77</sup> destaca que, nesse sentido, o interesse da análise foucaultiana não é saber o que é o sujeito humano, mas sim, como ele se torna o que é a partir dessas práticas. O autor ainda ressalta que fazer a experiência de si não significa ir em busca do verdadeiro eu como se este pudesse ser totalmente livre de qualquer objetivação. O sujeito para Foucault vive na tensão entre esses dois pontos, aquele que o objetiva e aquele em que ele se reconhece ou não no primeiro; como uma dobra sobre si mesmo. O testemunho de Bauby<sup>78</sup> testemunha do movimento do sujeito sob essa tensão, indica uma forma de reinventar-se na medida em que exercita uma reflexão sobre si mesmo, alternando-se em momentos de reconhecimento a sua condição de paralisado e não falante, mas subvertendo-a na medida em que se fez falar e mover pelo discurso em seu livro:

O escafandro já não oprime tanto, e o espírito pode vagar como borboleta. Há tanta coisa para fazer. Pode-se voar pelo espaço ou pelo tempo, partir para a Terra do Fogo ou para a corte do rei Midas (...) chega de dispersão. Preciso compor o início destes cadernos de viagem imóvel e estar pronto para quando o enviado de meu editor vier tomar o ditado, letra por letra. Na minha mente, remôo dez vezes cada frase, elimino uma palavra, junto um adjetivo e decoro meu texto, parágrafo após parágrafo (...).<sup>79</sup>

A experiência de si, portanto, não tem relação com ir em busca de si mesmo, mas sim com a relação que o sujeito estabelece sob a tensão entre o assujeitamento e a subjetivação. Para promover a reflexão sobre o que seria esse *si*, Foucault<sup>80</sup> parte de dois lugares na história das práticas de fazer sujeito, que inicia no período grego helenístico. Foucault analisa o percurso histórico da noção dos cuidados de si e em torno de que práticas sociais ela aparece. Ao longo da discussão, ele rastreia uma forma muito particular

---

<sup>77</sup> SOUZA, P. *op. cit.*

<sup>78</sup> BAUBY, J. D. **O Escafandro e a Borboleta**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

<sup>79</sup> BAUBY, J.D. *op. cit.*, pp. 9-10.

<sup>80</sup> FOUCAULT, M. **La hermenêutica del sujeto**. Curso en el Collège de France (1981-1982). 3ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2002b.

de fazer sujeito, que compreende duas noções que, num primeiro momento, podem parecer similares, mas que se distinguem numa sutileza filosófica, a qual foi por ele sensivelmente analisada.

Em seu curso no Collège de France, o autor trabalhou a questão da hermenêutica do sujeito, partindo das noções de *epimeleia heautou* (cuidado de si) e *gnôthi seatou* (conhece-te a ti mesmo). Foucault vai colocar essas noções em análise, buscando situá-las num universo discursivo, evocando-as em diferentes momentos de produção histórica, a fim de chegar a entender a formulação do que seria o *si* e, em última instância, o sujeito. Sob meu ponto de vista em sua análise, Foucault busca ver os modos de significar os cuidados de si em diferentes discursos. Dessa maneira, fazendo análise do discurso ele abre para o interdiscurso<sup>81</sup>, enquanto domínio de memória, a instabilidade do significado do *gnôthi seatou* e da *epimeleia heautou*. Inicia a reflexão sobre o que podem ser os *cuidados de si*, retomando os princípios délficos (oráculo de Delphos), para desdobrar a questão no sentido de compreender a natureza do *si mesmo*. Entretanto, entender a natureza desse *si mesmo* não significa entender a natureza do homem como essência.

O significado do cuidar-se e o significado do *si mesmo* são analisados por Foucault como fatos de linguagem. A análise da designação *si mesmo*, a partir da expressão *cuidado de si*, aponta para um elemento que se encontra, ao mesmo tempo, situado numa posição de sujeito e numa posição de objeto, na medida em que ele é o sujeito e o objeto da ação do cuidado. Foucault chega a isso como resultado de um procedimento analítico que parte das duas expressões e suas relações interdiscursivas, permeadas pelas condições de produção e sua ancoragem na própria língua.

---

<sup>81</sup> Compreende o conjunto das formações discursivas e se inscreve no nível da constituição do discurso, na medida em que trabalha com a re-significação do sujeito sobre o que já foi dito o repetível, determinando os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma formação discursiva. LEANDRO FERREIRA, M. C. (org.) **Glossário de Termos do Discurso**: projeto de pesquisa: A aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição leitor-autor. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

Historicamente, a noção do cuidado de si foi constituindo a produção da subjetividade, pois se cuidar tem relação com prestar atenção no modo pelo qual o indivíduo torna-se o sujeito que ele é. Assim, pensar o ‘*si*’ enquanto instância de subjetivação a partir das proposições de Michel Foucault interessa, também, para que se possa discutir essa dupla face sujeito/objeto da ação do cuidado; porque ela permite saber que tipo de resistência o doente pode opor ao saber médico para existir como sujeito e não apenas como objeto da intervenção clínica. A heterogeneidade enunciativa na produção do afásico mostra a emergência de um *si* pressuposto na afasia, mas também mostra um dos maiores problemas do afásico, cuja dificuldade reside em imprimir em sua fala a marca de uma fala pessoal, que o faça ser reconhecido para além da afasia, quando diz, por exemplo, “*eu escuto, mas não posso falar*” ao que seu interlocutor, também afásico, comenta surpreendido “*ela ta falando!*”.

É possível entrever marcas dessa mesma heterogeneidade quando escuto, em meio à interlocução do grupo, enunciados em que o sujeito afásico designa-se como algo indeterminado, algo que se diferencia de um “eu” singular e aponta para um “eu” vinculado ao ser afásico:

*A: eu mesmo quando comecei a vim assim a gente fica feliz de falar, porque se a gente não fala nada... e assim, quando a gente vê as pessoas falando com a gente, fica feliz também.*

A questão posta diante da enunciação do afásico é efetivamente saber quem fala e em nome de quem ele fala: de *si* ou da afasia estritamente? Procuro perseguir esse questionamento ao longo das análises, como veremos no capítulo quatro.

A propósito desse questionamento é pertinente distinguir com Foucault as noções de indivíduo e sujeito, já que a distinção entre elas aponta para o processo de ação que constitui a subjetividade. A verdade não é dada ao sujeito de pleno direito, pois é preciso que o sujeito se modifique e se desloque para poder ter acesso à verdade. A verdade se dá ao sujeito sob o preço dele mesmo, isto é, de que ele se divida e se veja fragmentado<sup>82</sup>. Nesse sentido, a colocação do autor vai ao encontro daquela formulada por Lacan<sup>83</sup>, quando afirma que o eu é um outro. Para Lacan, a condição do sujeito seja na neurose ou na psicose, depende do que se desenvolve no Outro e o que se desenvolve ali, segundo ele, é articulado como um discurso. Convém, aliás, lembrar, que essa divisão é constitutiva indicando que o eu não tem origem em si mesmo e está submetido a certa ordem de sobredeterminações. Em suma, diria que o sujeito é determinado pela lei do inconsciente e do interdiscurso. Nas afasias parece que o acidente orgânico faz o sujeito “sair” da linguagem. A fragmentação do sujeito operada na afasia produz um movimento barrado tal qual o propôs Freud. No entanto, o que se vê é que o afásico parece ficar sempre ao lado do que quer dizer. Ele sabe o que quer dizer, mas não consegue colocar isso no enunciado<sup>84</sup>. O afásico fica torturado por isso, diferente do sujeito psicótico, que tem certeza de seu delírio.

Mas, ainda quanto à distinção entre sujeito e indivíduo, sob o ponto de vista foucaultiano diria que o sujeito é fragmentado na medida em que passa de indivíduo a sujeito num processo que supõe a ação necessária do sujeito ao fazer-se sujeito. O indivíduo é entendido como aquele que dispõe de elementos e que é “aquele que se serve de” determinado elemento para agir, enquanto que o sujeito é aquele que age nesta ação de

---

<sup>82</sup> FOUCAULT, M. **La hermenêutica del sujeto**. Curso en el Collège de France (1981-1982). 3ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2002b.

<sup>83</sup> *Idem*, **O Seminário**. Livro 3: as psicoses. Versão Brasileira de Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

<sup>84</sup> *Ibidem*.

servir-se de. Cada ato, portanto, define o sujeito pelo próprio ato. O sujeito não é estável e a temporalidade do processo é aberta. Os momentos de existência têm uma permanência diferente de identidade, são sempre múltiplos, daí a possibilidade de poder ser sujeito em diferentes posições sujeito. Em última análise, para chegar-se ao que é o sujeito, é preciso passar pelo processo que o faz sujeito. Para Foucault, quando o sujeito está se convertendo em sujeito, já há ali a verdade, ambos se constituem simultaneamente.

A enunciação do afásico em meio à interlocução em grupo indica o entremeio de posições discursivas emergentes na heterogeneidade enunciativa dos sujeitos que de modo particular constitui o discurso do grupo. Ao servir-se da linguagem, ou seja, ao falar, ele pode fazer-se sujeito: sujeito da afasia ou sujeito de si mesmo? A clínica tradicional, entretanto, não escuta o jogo porque procura apenas o que seja coerente não abrindo espaço para as não coincidências do dizer, aquelas em que o poder lhe escapa porque não há compreensão ou domínio total dos sentidos. Logo o sujeito possível neste discurso é apenas o esperado, o desejo do outro, o afásico.

Porém, antes que possa escutar a falha ou o atrapalho semântico ou sintático na fala do afásico, é no ato mesmo de falar, no instante da enunciação que este sujeito ali se presentifica e cai nesta ou naquela ordem do discurso. É esta força que desejo imprimir à reflexão

Sendo o sujeito efeito da relação da ação de fazer-se, pode-se depreender que transcendentalmente antes da ação não há nada, o que existe é a ação. O sujeito é convocado à existência. A ação tem um elemento imanente, qual seja, aquele em que *ao servir-se de... faz-se sujeito*, mas há também elementos exteriores que a fizeram chegar a ser o que é naquele momento, assim ela é produzida. Foucault designou esse modo de fazer como tecnologia. Essa tecnologia sujeito não é uma abstração, mas um modo de fazer, enquanto operação de singularidade. O sujeito é um efeito dessa singularidade, o que se

contrapõe à idéia de unidade. Para o autor, o termo sujeito é tomado em sua raiz etimológica, que afirma o significado de ser submetido, estar preso a.

Particularmente num acontecimento como a afasia, insistir numa visão que consagre a questão do sujeito como unidade consciente e ideal torna o exercício da clínica da linguagem quase uma impossibilidade. Creio que o evento afasia é exemplar no sentido de explicitar o atravessamento abrupto de uma exterioridade que invade o sujeito, provocando uma brusca mudança de posição, abrindo assim uma cratera no que poderíamos chamar de subjetividade, explicitando a incompletude e a falha na linguagem, fazendo com que o sujeito não mais se encontre no que diz. Há um estremecimento na relação do sujeito com a língua e é disso que o sujeito se queixa. Não há uma dor localizada para a qual se possa prescrever uma terapêutica focal. Há deslocamento do sujeito de posição a posição e nesse deslocamento novas formas de relação com a língua se configuram. Penso que é deste movimento que possa advir o sofrimento. E é nesse campo de questões acerca da subjetividade e de sua relação com a linguagem que pretendo inserir este trabalho.

A tecnologia sujeito se compõe, de um lado, do assujeitamento derivado de uma força ativa e, de outro, da subjetivação derivada de uma força ativa combinada com uma força passiva<sup>85</sup>. A singularidade não pode prescindir do que é próprio do sujeito, que é o assujeitamento. Por isso, foucaultianamente falando, há que haver sempre uma solidariedade entre a objetivação e a subjetivação, senão não há jogo de identificação. As análises empreendidas nesse trabalho permitem ver o modo particular como o jogo de identificação vai tramando uma rede em que de um lado tem-se o afásico assujeitado à posição que lhe é imposta a partir de uma ordem dada, e de outro, posições em que ele pode ser outro, como no caso do silêncio operado como resistência ao falar. Mais do que

---

<sup>85</sup> A idéia de forças está submetida, nesse caso, à proposição de Spinoza em sua obra *Paixões Tristes Alegrias Ativas*.



isso, foi possível perceber ainda que há momentos de indecidibilidade e de suspensão nos quais, enfim, se entrevê a singularidade enquanto possibilidade de movimento nesse jogo de posições.

Sobre a subjetividade, Pelbart<sup>86</sup> discute a necessidade de examinar novos problemas que avançam a idéia de sujeito, questionando as forças que hoje dão novos sentidos ao termo subjetividade. Há ainda, segundo Pelbart, a persistência da idéia pressuposta de um *si* enquanto unidade consciente e ideal, mesmo naquelas vertentes que propõem o sujeito como aquele que pode reter em si sua própria contradição. O autor propõe, então, que, na esteira do pensamento de Foucault, se faça o descolamento progressivo da idéia de subjetividade da consagrada noção de sujeito, como um modo de permitir o atravessamento de uma exterioridade, pluralidade ou diferenciações que a idéia de sujeito em si não comporta. Parece-me muito produtivo pensar a produção da subjetividade como um processo em que emergem posicionalidades. O fato de poder movimentar-se entre uma e outra posição é o que compõem o que Foucault chamou o exercício da liberdade. O que é próprio ao sujeito é o assujeitamento, mas há fôlegos, há intervalos nesse processo quando há movimento possível para o sujeito. O processo de subjetivação é intervalar e esburacado.

Rolnik<sup>87</sup> afirma que, mais do que falar em subjetividade, é preciso falar em processos de individuação ou de subjetivação. Esses processos são, no dizer da autora, inseparáveis das linhas de virtualidade traçadas num certo caos, linhas que são atualizadas por esses processos. Seria como uma complexa operação de agenciamento de intensidades que não esgota essas intensidades e seu potencial de gerar outros devires. A autora adverte, ainda, que se faz necessário constituir uma teoria da subjetividade que comporte tais

---

<sup>86</sup> PELBART, P. P. **A Vertigem por um Fio: Políticas da Subjetividade Contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

<sup>87</sup> ROLNIK, S. Novas Figuras do Caos. Mutações da Subjetividade Contemporânea. In: ORLANDI, E. P. (org.) **Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001, p. 27.

singularidades e sua potência de transfiguração. Tal fato implica um deslocamento radical de um modelo identitário e representacional que busca o equilíbrio e despreza as singularidades. É necessário também, segundo a autora, apreender a subjetividade em sua dupla face, de um lado a partir de uma sedimentação estrutural e de outro a partir da agitação caótica propulsora de devires, através dos quais outros e estranhos *eus* podem se perfilar, com outros contornos, outras linguagens, outras estruturas, outros territórios. Se há devir, não há controle, não é possível estabelecer por onde virão *eus* possíveis.

Sob meu ponto de vista a questão da subjetivação na afasia indica não apenas um modo singular de ser sujeito como explicita a transfiguração em jogo neste acontecimento. Penso que uma clínica que se pautar pela ética do sujeito e que vise a subjetivação da perda e a ressignificação do sujeito deve necessariamente trabalhar essa dupla face da subjetividade: assujeitamento e subjetivação. Sob esse ponto de vista é que novos *eus*, com sua linguagem própria, podem e devem se perfilar, porque é nesse mesmo âmbito que o diferente deve ser entendido como um modo particular de existência.

Ainda quanto à subjetividade, é possível pensá-la como um ponto, ponto este cuja interioridade não interessa e que é produzido num determinado instante. Esse ponto é o que Foucault<sup>88</sup> designa por *si*. O *si* se instancia em dois pólos. Um deles aponta para o *si* enquanto razão, ou seja, como efeito de discurso, discurso esse que o significa e que o insere; e nesse sentido há um certo fechamento da subjetividade. O outro pólo é aquele do *si* enquanto elemento do aqui e agora, enquanto ponto de possibilidades, porque a partir de sua localização podem-se estabelecer relações e, nesse sentido, então, há uma abertura da subjetividade. A subjetividade é então produzida entre esses pólos de fechamento e abertura, lugar tenso de onde se pode exercer a liberdade. Quando o *si* se relaciona apenas com a racionalidade que o significa, ele é a pura coincidência com aquilo que o objetiva,

---

<sup>88</sup> FOUCAULT, M. **La hermenêutica del sujeto**. Curso en el Collège de France (1981-1982). 3ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2002b.

como um efeito de ilusão de uma certa universalidade. Entretanto, enquanto ponto, o *si* passa a ter uma série de possibilidades que podem levá-lo a diferentes processos de subjetivação, que vão da coincidência à resistência. Rolnik<sup>89</sup> destaca que várias são as estratégias que as subjetividades têm inventado na atualidade para defender-se do desconforto provocado por essa tão exacerbada desestabilização. Vejo no campo da clínica da linguagem com sujeitos afásicos um espaço produtivo onde os sujeitos têm buscado reinventar modos de existir. Entretanto, percebo também as limitações dessa clínica em escutar e compreender tais modos de existência.

Penso que as formulações deleuzianas podem promover tal compreensão na medida em que explicitam na modernidade como o sujeito se esgueira por entre as forças do assujeitamento e da subjetivação, procurando no movimento entre diferentes posições constituir-se de forma particular apesar e por entre o sofrimento no qual o sintoma se repete esburacando aqui e ali o sujeito.

Deleuze<sup>90</sup> lembra que, no discurso de Foucault,

os centros difusos de poder não existem sem pontos de resistência que têm, de alguma forma, o primado, e que o poder, ao tomar como objetivo a vida, revela, suscita uma vida que resiste ao poder - e enfim, que a força do lado de fora não pára de subverter.

Ou seja, ser sujeito não é uma naturalidade, ser sujeito é efeito da relação com a linguagem. É na enunciação em ato que o sujeito emerge não como uma espontaneidade, mas como um vetor resultante da relação de forças do fora. Na afasia o problema orgânico, pois, faz força, e produz essa ‘saída’ do sujeito da linguagem. Interessante notar que o que cria o dentro e o fora é justamente a linguagem, e é precisamente a linguagem que é afetada na afasia.

---

<sup>89</sup> ROLNIK, S. Novas Figuras do Caos. Mutações da Subjetividade Contemporânea. In: ORLANDI, E. P. (org.) **Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001.

<sup>90</sup> DELEUZE, G. **Foucault**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 101.

Deleuze também discute que a noção de poder, extensamente trabalhada por Foucault, levou a reflexão a um impasse que deixava a vida sem outra opção que a de entrar em choque com o poder e com isso que parecia ser o vazio do lado de fora. Foucault critica radicalmente a idéia de interioridade, assumindo que não há nada além do lado de fora. Para ele não existe tampouco o lado de dentro, entendido aqui enquanto essência ou âmago de si.

Assim, segundo Deleuze<sup>91</sup>

o lado de fora não é um limite fixo, mas uma matéria móvel, animada de movimentos peristálticos, de pregas e de dobras que constituem um lado de dentro: nada além do lado de fora, mas exatamente o lado de dentro do lado de fora.

O dentro surge assim como operação do fora; numa metáfora, Deleuze o diz como se o navio fosse a dobra do mar.

Essa dobra que constitui a subjetividade e parece colocar em contigüidade um dentro e um fora, aponta para uma duplicidade que não é senão uma interiorização do lado de fora. Não se trata de um desdobramento do um e sim de uma reduplicação do outro. Assim, como não se trata da emanção de um EU, mas da imanência de um sempre-outro ou de um Não-eu, Deleuze<sup>92</sup> destaca que “nunca é o outro que é um duplo, na reduplicação, sou eu que me vejo como o duplo do outro: eu não me encontro no exterior, eu encontro o outro em mim”.

Se o sujeito se constitui pela linguagem e é justamente na linguagem que se opera a ruptura, eis aí a problemática que coloca em questão a subjetividade na afasia. Falar/articular tem nas palavras de Derrida<sup>93</sup> a força da subjetivação, diz ele: “o que é dito

---

<sup>91</sup> DELEUZE, G. *op. cit.*, p. 104.

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 105.

<sup>93</sup> DERRIDA, J. J. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciencias humanas. In: \_\_\_\_\_. **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1967.

do som em geral vale *a fortiori* para a fonia pela qual, em virtude de se ouvir falar – sistema indissociável – o sujeito se afeta a si mesmo e faz corresponder a si mesmo no elemento de idealidade”. Assim, como diz Lemos<sup>94</sup>, no processo de subjetivação, ouvir-se falar ou escutar-se produz o efeito imaginário que abre espaço para que o falante idealize um interno do corpo como lugar de origem do som. Sob esse ponto de vista, a articulação dos sons na fala do afásico parece se revestir de uma necessidade de recuperação dessa unidade imaginária como a garantia de integridade de um espaço interno do corpo, também imaginário, que sem levar em conta a lesão cerebral, garantiria a sua condição de falante de uma língua. É na oralidade que essa necessidade é marcada porque ao escutar-se, o afásico confronta os sons que produz com aqueles da fala constituída, a fala dos outros, e é precisamente neste instante que ele não encontra o outro nele.

Desse modo, vejo na relação consigo a chave para compreender a partir do modo de dizer do afásico como se dá o processo de subjetivação nas afasias, procurando vislumbrar como esse acontecimento produz dobra e constitui o sujeito que se torna afásico. Foucault descobre na relação consigo uma nova dimensão irreduzível às relações de poder e às relações de saber. As relações de poder se afirmam se efetuando, e a relação consigo só se estabelece também se efetuando, quando opera força sobre as relações de poder. Além disso, a relação consigo é aquela que vai resistir aos códigos e poderes, caracterizando-se como ponto de resistência. A relação consigo está em implicação permanente com as relações de poder e as relações de saber, mas ela se transforma continuamente, configurando sua dobra conforme às forças que a vergam. Deleuze<sup>95</sup> explicita, a partir disso, que a subjetivação se faz por dobra.

---

<sup>94</sup> LEMOS, C. T. G. Corpo e linguagem. In: JUNQUEIRA FILHO. L.C.U. **Corpo mente. Uma fronteira móvel**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

<sup>95</sup> DELEUZE, G. **Foucault**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

A afasia problematiza a subjetividade e coloca o sujeito em movimento; é preciso analisar, assim, as formas de inventar que este sujeito cria nessa ou naquela posição. Em Deleuze, o sujeito é movimento, ele se reflete. A subjetividade se constitui por uma operação de conversão em que o sujeito sempre nasce de uma problematização e por isso ele se define pelo movimento. A fórmula originária do sujeito em Deleuze é a invenção: é preciso inventar a si mesmo, o sujeito se ultrapassa. Esse movimento que constitui a subjetividade, segundo o autor, aponta para outra forma de ser sujeito para além do assujeitamento. Desse modo, a noção de liberdade afirmada por ele vai ao encontro das práticas de liberdade cunhadas por Foucault. Há um domínio da criatividade e da invenção como um espaço de abertura e não apenas de contradição ou oposição.

Portanto, considerar o afásico apenas como alvo de uma doença que o determina incapaz e não falante, obliterando toda e qualquer outra posição diferente desta constitui-se ponto de vista precipitado e parcial. Considerar a dimensão das práticas de liberdade e a da invenção na constituição da subjetividade implica outro modo de ver o sujeito afásico assim como implica uma crítica àquela clínica que tira a dignidade do sujeito colocando-o tão somente como aquele que é passível do sofrimento e subjugado por ele. Essa mesma clínica que fala de piedade, de autocomiseração e que se ocupa da doença, engessa o sujeito e não permite o movimento da subjetividade.

Se há movimento, conforme afirma Deleuze<sup>96</sup>, há passagem de posição a posição, ou seja, passagem de subjetividade a subjetividade, o que constitui uma descontinuidade no processo de subjetivação. No movimento de uma a outra há uma espécie de “buraco”, onde o sujeito ainda não existe. Deleuze e Agambem<sup>97</sup> vão referir esse momento de passagem como uma suspensão onde não se sabe o que se pode vir a ser e tampouco o que já se foi.

---

<sup>96</sup> *Ibidem*.

<sup>97</sup> AGAMBEM, G. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

Agambem afirma esse lugar de suspensão como o lugar da experiência muda, onde ainda não há linguagem, e que corresponde a dessubjetivação. Especificamente quanto a isso, destaco o exato ponto deste trabalho no qual busco refletir sobre a experiência que o afásico faz ao não ter mais o domínio de sua linguagem, quando então é colocado em suspensão. É a partir disto que creio na possibilidade de outros devires e na possibilidade de invenção de novos *eus* e de novas linguagens, tal qual já discuti anteriormente.

Repito ainda que a especificidade do problema enfrentado nesse trabalho é pontualmente a quebra na linguagem que explicita o abismo entre o ser e o não ser da linguagem na afasia. Visto sob este ponto de vista, torna-se uma experiência no limite o ser afásico. Por um lado por meio de um evento que se sobrepõe ao corpo, a linguagem é voltada a algo da dimensão da natureza como se distanciasse o sujeito da cultura, colocando-o novamente muito perto da sua condição animal. Dizia o familiar durante uma sessão do grupo:

*NA (familiar): a L., em 99, maio, teve dois aneurismas cerebrais no mesmo dia, ficou 7 dias internada. Atingiu a área da fala, no começo, quando começou a soltar a voz, era complicado, ela fazia uma salada de letras, palavras, a única palavra que ela falava era M., o nome da neta, e nós já estamos aqui há três anos.*

*A: no começo eu não dizia nada, elas aqui, que eu me lembro bem, no começo eu não sabia falar nada, e com elas ainda, por isso que eu adoro*

*NA (familiar): a área da fala não existe mais, então, a outra tem que fazer o papel dela, a da fala não existe mais.*

*NA (acompanhante de outro paciente): ela ficou muito tempo sem falar?*

*NA (familiar): no começo era só grunhidos, entrava em desespero... eu comecei a fazer uma coisa, com a permissão delas, eu arrumei uma cartilha, para ensiná-la e levei quatro dias para ela dizer A.*

Por outro lado, o sujeito fala e se presentifica no que diz para falar de seu limite, muitas vezes reconhecendo-se neste lugar e em outros momentos buscando resistir a ele, procurando inscrever-se de modo avesso à ordem de discurso instituída, afirmando-se pelas margens do dizer.

Já para Deleuze, a subjetividade vai se constituir na experiência, e Agambem vai afirmar a necessária conversão da experiência em história. A operação de conversão que constitui a subjetividade não vai se dar sem que haja a intervenção da enunciação, ou seja, a enunciação faz o homem sair da experiência muda para a história. A linguagem, enquanto dispositivo, atua como ferramenta da experiência, ao mesmo tempo em que a experiência refere à potência da linguagem. Neste sentido, podemos dizer que as reflexões de Agambem avançam aquelas de Foucault<sup>98</sup>, na medida em que ele mostra a sobreposição dos pólos da natureza e da cultura na constituição da subjetividade. Para ele existe uma relação de incidência de um sobre o outro, e a linguagem fica como operação de conversão misturando essas duas dimensões.

O lugar do singular na subjetividade está referido ao momento de dessubjetivação. Só há singularidade enquanto devir, pois toda vez que o sujeito se coloca no lugar de fonte de si mesmo, ou fonte do dizer, já há aí uma fala do lugar de uma interpelação. A partir daí abre-se uma multiplicidade de possibilidades de posicionamentos para o sujeito. Tais posicionamentos têm, como disse, certa permanência e acontecem em uma temporalidade que deve ser entendida como aberta. O sujeito se territorializa em um lugar para posteriormente se desterritorializar e reterritorializar em um nomadismo que lhe é constituinte. A liberdade está na possibilidade de movimento do sujeito. O que motiva a

---

<sup>98</sup> Em verdade, vale ressaltar que Foucault não se ocupou da celeuma de oposição natureza / cultura. Sua preocupação foi conceber como cada um desses pólos é construído. Agambem entra nessa discussão orquestrada por Foucault porque entra pelo viés da história. Inicialmente, ele desconstrói a oposição para posteriormente mostrar a sobreposição das duas dimensões (natureza e cultura). As reflexões de Agambem serão mais bem discutidas no capítulo seguinte em sua relação com a questão do funcionamento da linguagem.



mudança pode ser entendido como uma crise que coloca em suspensão algo da ordem do vivido. Os diferentes efeitos de sentido vão interpelar o sujeito que então passa a assumir nova posição, reconhecendo-se neles ou resistindo a eles. A afasia coloca em suspensão algo da ordem do vivido, e na clínica tenho escutado os diferentes percursos advindos dessa crise. Pensar na multiplicidade de possibilidades que se abre para o sujeito a partir disso pode redimensionar o fazer terapêutico na clínica da linguagem, no sentido de compreender que o que está em questão ali é o sujeito. Ser objeto da afasia e consolidar a posição de afásico como aquele que não fala parece ser a posição que a clínica tradicional ratifica sem problematizar de fato a questão. Desse modo também, outras formas de estar na linguagem, podem passar ao largo dessa prática clínica que acaba por não reconhecê-las como possibilidades de existência. Entre elas, inclusive, podem se encontrar modalidades de resistência. O que significa o não falar de um sujeito? Poder-se-ia perguntar se ele não pode falar, se ele não quer falar ou, ainda perguntar quanto a o quê ele quer dizer calando? Essa interrogação é importante se o sujeito é de fato levado em conta.

A resistência é elemento operante na produção da subjetividade, ela tem relação com os mecanismos de poder que cerceiam os sujeitos e pode se apresentar como modos de dissociação das relações de poder. Onde há poder, há resistência e esta nunca está em posição de exterioridade em relação ao poder<sup>99</sup>.

A implicação necessária entre poder, saber e subjetividade resulta em movimentos de dobras que constituem a subjetivação. Deleuze<sup>100</sup> as descreve sintetizando o que Foucault discutiu em *O Uso dos Prazeres*<sup>101</sup> e que compõe quatro dobras da subjetividade. A primeira dobra diz respeito à parte material de nós mesmos que vai ser cercada, presa na

---

<sup>99</sup> FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003a.

<sup>100</sup> DELEUZE, G. **Foucault**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

<sup>101</sup> FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003b.

dobra; a segunda dobra é aquela da relação de forças, porque é sempre segundo uma regra singular que a relação de forças é vergada para se tornar relação consigo; a terceira dobra é a do saber, aquela que constitui a relação do nosso ser com a verdade (condição formal para todo saber); e a quarta dobra é a do próprio lado de fora<sup>102</sup>.

Distanciando-me daquela concepção de afasia tal qual ela foi certificada no campo da medicina e por consequência no campo da clínica fonoaudiológica, privilegio pensar a relação que o sujeito entretém com a linguagem. Desse modo acredito que em função de tais dobras, o sujeito possa desenvolver estratégias de reconfiguração da subjetividade a partir de sua nova condição de relação com a linguagem. Porém acredito que o que permanece consolidada no social é a identidade afásica como um *a priori*, sem se levar em consideração que outras identidades poderiam advir daí.

Nas afasias penso que poderia traduzir o funcionamento das dobras da seguinte maneira: a primeira dobra corresponde aquilo que o pré-construído, em nível de interdiscurso, determina sobre a afasia; refere-se a todo discurso que prende o sujeito à identidade afásica colocada como um *a priori*. A segunda dobra revela a relação de forças que se traduz sempre pela tensão falar – não falar; já que é sob essa regra que o sujeito estabelece a relação consigo, atribuindo-se ou não um lugar de falante, não falando, falando ou ainda surpreendendo-se com o fato de que fala. Quanto à terceira dobra que estabelece a relação do sujeito com a verdade da afasia, ela indica a possibilidade de coincidir ou resistir às posições instituídas pela afasia. A quarta dobra indica a força do fora tal qual ela se apresenta e que faz detonar toda a configuração das dobras sob um novo jogo de forças: o evento do AVC enquanto alteração-desequilíbrio em nível orgânico. Tais dobras são variáveis e funcionam em ritmos diferentes, o que particulariza os modos de subjetivação. Em seu funcionamento, as dobras operam por sob as regras do saber e do

---

<sup>102</sup> DELEUZE, G. **Foucault**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 112.

poder, podendo coincidir com eles ou desdobrar-se, permitindo também que outras dobras se formem. Meu exercício de análise será como veremos no capítulo quatro, compreender faces dessas dobras no processo de subjetivação do afásico.

Compreender o funcionamento dessas dobras na produção da subjetividade permite entrever as singularidades como produto da subjetividade - o que colocaria a questão das identidades fixas como apenas mais uma das posições possíveis neste funcionamento. Para Rolnik<sup>103</sup>, seria possível deslocar-se das figuras de identidade colocadas como um *a priori* e deter-se nas figuras singulares produzidas por processos que as trazem à existência, a partir das configurações de forças que se desenham na subjetividade. Nessa linha de pensamento, Pelbart<sup>104</sup> apresenta sua crítica, discutindo a crescente necessidade de amarração de cada um a uma identidade fixa, como “se amarra um cachorro ao poste”. São os efeitos produzidos por tais cristalizações que consolidam posições fixas no âmbito da clínica que afirmam o não falar e a incapacidade do afásico, apontando para a impossibilidade de suportar um dizer diferente que foge ao controle imaginário do interlocutor.

A luta por uma subjetividade moderna, para Deleuze<sup>105</sup>, passa por uma resistência a duas formas atuais de sujeição, uma que se vincula à individualização a partir das exigências do poder e outra que consiste em ligar cada indivíduo a uma identidade conhecida e determinada. A luta pela subjetividade se apresenta como metamorfose, como direito à diferença e o direito à variação. A esse respeito, no tocante às afasias, creio que a diferença marcada no nível do lingüístico discursivo detona um processo de intensa resistência em que os interlocutores se tornam refratários entre si. É extremamente forte a

---

<sup>103</sup> ROLNIK, S. Novas Figuras do Caos. Mutações da Subjetividade Contemporânea. In: ORLANDI, E. P. (org.) **Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001.

<sup>104</sup> PELBART, P. P. **A Vertigem por um Fio: Políticas da Subjetividade Contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000, p. 17.

<sup>105</sup> DELEUZE, G. **Foucault**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ilusão de completude que atravessa o dizer humano, a língua é concebida como algo completo e transparente. Diante do afásico, o que se vê é uma ferida na carne da língua<sup>106</sup> que não encontra escuta e promove o desencontro do sujeito consigo mesmo.

Concordo com Pelbart<sup>107</sup> quando, a respeito da subjetividade na contemporaneidade, ele afirma ser preciso repetir o óbvio, que não sabemos ainda que outras dobras nos esperam ou que novas maneiras de dobrar e desdobrar forças do Fora nos espreitam, assim como não sabemos maneiras futuras de desacelerá-las e de abrir-se a elas. Segundo o autor, trata-se de uma questão de experimentação. Entendo que a afasia afeta a dispersão constitutiva do sujeito, na medida em que se constitui ela mesma como um acontecimento que desorganiza, produz novas maneiras de dobrar e desdobrar forças; que desdobra aquilo que parecia o “um” e que coloca o sujeito novamente em movimento e dispersão entre uma memória e uma atualidade.

---

<sup>106</sup> Expressão cunhada por LIER-DE-VITTO em conferência sobre a questão da clínica da linguagem na PUC-PR.

<sup>107</sup> PELBART, P. P. **A Vertigem por um Fio: Políticas da Subjetividade Contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

### 3 FALAR A AVENTURA DE SUPORTAR A FALTA

Insisto que compreender o processo de subjetivação nas afasias advém de um compromisso com a fala e com o sujeito afásico, o qual motivou o questionamento que sustenta esse trabalho. E na esteira desse questionamento procurei até aqui colocar aquilo que considero uma especificidade nas afasias: o mal estar do sujeito em sua fala indicia necessariamente a relação subjetividade e linguagem. Portanto, penso que é pelo viés da articulação entre língua, fala e sujeito que é possível compreender o modo particular de funcionamento da linguagem nas afasias. E é definitivamente a partir disso que me afasto da relação doença e doente numa concepção organicista e proponho que a abordagem da afasia seja, no campo da clínica, uma questão discursiva.

Por isso, diante deste cenário vejo a necessidade de refletir sobre a linguagem enquanto discurso; como aquilo que diz da linguagem em funcionamento. Nas palavras de Pêcheux<sup>108</sup>, o discurso é efeito de sentido entre os interlocutores, o que traz em si a idéia de movimento, de linguagem em funcionamento, de acontecimento, e isto necessariamente passa pela questão do sujeito. Proponho pensar a especificidade da linguagem que institui o sujeito do discurso, para que enfim possa analisar como a especificidade da linguagem/discurso intervém na experiência de *si* na afasia.

Refletir sobre o sujeito do discurso implica primeiramente a noção de funcionamento da linguagem. Tal noção fundamenta-se numa concepção de linguagem e de sujeito que considera que este se constitui enquanto tal justamente pela linguagem, e que esta comporta certo modo de funcionar sob condições específicas determinadas pela história e por toda situação do dizer que ela implica. Retomando o postulado

---

<sup>108</sup> PÊCHEUX, M. (1969) Análise Automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. & HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2ª ed. Campinas: Unicamp, 1993.

benvenistiano, significa dizer que o sujeito se constitui na e pela linguagem; porém, faz-se necessário avançar as discussões para que possamos estabelecer, portanto, a partir de que elementos este sujeito faz-se sujeito do discurso e qual o estatuto da linguagem nesse processo.

Principalmente, do ponto de vista das afasias, ou ainda, naqueles quadros em que há certo funcionamento de linguagem abalado por um transtorno ao nível de uma patologia, como é o caso da afasia, é preciso interrogar a relação que o sujeito tem com sua palavra. A inclusão destes sujeitos na cultura aponta para uma dupla determinação: aquela da ordem simbólica, falta, causa de desejo a que todos que somos humanos estamos referidos, e àquela inscrita no percurso do sujeito a partir do evento afasia, a perda, causa de sofrimento que modifica a relação do sujeito com a linguagem.

Fenômeno exemplar desta dupla determinação foi apontado por Freud, em 1891, quando afirmou a parafasia como efeito possível na linguagem de falantes normais, sem a presença de patologia. À época, Freud discutia a questão das afasias procurando formular questões iniciais acerca do aparelho psíquico, discutindo também o estatuto do aparelho da linguagem e sua especificidade. Entretanto, vejo que ao substituir uma palavra por outra, o sujeito está à mercê da incompletude da linguagem, mediante a sobredeterminação de processos metafóricos (de substituição) e metonímicos (de combinação)<sup>109</sup>, cujas escolhas não estão sob o controle consciente. Tais processos constituem-se de efeitos do funcionamento do inconsciente e remetem à falta, causa de desejo, específica do humano. No entanto, ao presentificar-se na fala do afásico, os efeitos produzidos por esses fenômenos lingüísticos são potencializados pela posição que o sujeito ocupa no discurso e a relação que este entretém com a linguagem. Assim, quando ao formular um enunciado o sujeito comete uma parafasia, primeiramente a atribuirá a sua condição afásica e não a sua

---

<sup>109</sup> LEMOS, C. T. G. Los Procesos Metafóricos e Metonímicos como Mecanismos de Cambio. In: **Substractum**, vol. 1, n.1. Barcelona, 1992, pp. 121-134.

condição “humana”, condição afásica que faz sofrer o sujeito, que remete à perda da vigência do dizer e que por isso se apresenta, nestes termos, patológica. Mas, determinar exatamente a quem deve ser atribuída a origem da parafasia, neste caso, é impossível, já que se trata do entrecruzamento desta dupla determinação, cujos termos (falta simbólica/causa de desejo e falta perda/causa de sofrimento) passam a se relacionar em contigüidade.

Talvez a segunda determinação, a da perda, seja justamente aquilo que torna a primeira consciente. Falar para essas pessoas deve ser uma possibilidade que vai além da falta orgânica, não é ela que determina o “não falar”. Falar é sempre uma aventura onde é necessário suportar a falta.

### **3.1 Do homem ao sujeito, da língua ao discurso.**

Agambem<sup>110</sup> discute a relação linguagem e experiência dando à linguagem um estatuto interessante para reflexão que pretendo empreender neste trabalho, colocando a linguagem como discurso a partir de certa operação de conversão. Desse modo, pretendo me distanciar da questão da constituição do sujeito vinculada à questão da ideologia e redimensionar a linguagem neste processo, já que não se trata apenas de pensá-la sob o aspecto lingüístico *stricto sensu*. Trata-se de chegar a uma espécie de ponto zero, onde não há sujeito, nem discurso, trata-se, pois, de falar em dessubjetivação.

Agambem questiona nessa relação a existência de uma infância<sup>111</sup> da experiência em sua relação com a linguagem. Partindo dos pressupostos de Benveniste, o autor vai

---

<sup>110</sup> AGAMBEM, G. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

<sup>111</sup> O termo infância aqui pode ser referido a uma condição inicial, rudimentar, um tempo de início.

concordar com o postulado de que a constituição do sujeito se dá pela linguagem, negando aqueles que colocam o sujeito como fonte de si mesmo.

Não há nada de sujeito a não ser na linguagem. O fluxo da consciência só existe como monólogo, ou seja, como linguagem. Dessa forma, o fluxo da consciência é propriedade da linguagem, é inerente a ela. Na relação com o falante, a linguagem é absoluta, ela se coloca como além da experiência.

A experiência, para Agambem, corresponde ao momento em que o homem ainda não é servido de linguagem, designando-o como infância. A infância é o lugar da experiência muda, é a instância do homem enquanto não falante. Esta infância poderia ser entendida como o inconsciente freudiano, o *isso* (em alemão: *es*). Essa dimensão da experiência pura é jogada no inconsciente. A infância é a substância pré-subjetiva, o espaço palpável onde ainda não há sujeito. A linguagem será para Agambem a operação que remete ao *isso* e o *isso* só existe como linguagem. E é nesses termos que os lapsos e as falhas constitutivas da linguagem também emergem na fala do afásico, produzindo efeitos de “non sense”. Lemos<sup>112</sup> afirma que na fala, o afásico produz uma formulação de enunciado que se apresenta como efeito da *lalangue*<sup>113</sup>, ou alíngua:

*NA (terapeuta): da temperatura... eu acho que tava assim... que mais que o senhor tá vendo? alguma coisa aí que lhe chamou a atenção, que seja interessante?*

*(olhando jornal)*

*A: **subi... é... musite***

<sup>112</sup> Debate apresentado por ocasião do 15º. INPLA Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada – Linguagem: desafios e posicionamentos.

<sup>113</sup> Milner em *O Amor da Língua* tem como objetivo examinar a Linguística atravessada pela Psicanálise, trabalhando com a junção entre o sujeito e o desejo do sujeito na língua. Aborda a noção de falta na língua, refletindo sobre as diferentes formas de incompletude na gramática, contrapondo-se basicamente a noção de completude enquanto exigência imaginária da gramática (o domínio que o sujeito falante tem da língua como um sistema formal). O autor apóia-se principalmente na Psicanálise Lacaniana que afirma que o dizer é da ordem do não-todo, desenvolvendo na Linguística a noção de real da língua. Milner, como Lacan, chama de **alíngua** a esse real da língua. Ou seja, a alíngua como um não-todo onde se encontram uma série de pontos de impossível; é da ordem do inconsciente. MILNER, J.C. **O Amor da Língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.



NA (terapeuta): *funcitec aha... será o que que é né... vamo vê... qué lê?*

A: *isso...*

NA (terapeuta): *pode lê... se o senhor qué lê, pode lê.*

A: *inspirada é reci...recissão dos acordos pol até canda frica... té que as ....*

NA (terapeuta): *ó... é aqui que o senhor tá lendo?*

A: *isso...*

NA (terapeuta): *é né...funcitec*

A: *susctec... e qua mo repassar resco é*

NA (terapeuta): *repassar os recursos... para*

A: *mo. cutar ezz poseto escana essa re.*

A linguagem que há aí é língua pura, sem sentido, aos moldes daquilo que ainda não recebeu inscrição, é pré-subjetivo, série de sons que ficam à deriva. Está sem inscrição, portanto não há incidência sobre essa fala e não há sujeito propriamente dito. Desse modo, infância e linguagem se co-referem, ou seja, uma é origem da outra. A linguagem como origem na infância aponta que é apenas através da linguagem que a infância se mostra enquanto tal em sua natureza muda. Ao passo que a infância como origem da linguagem refere que a linguagem tem sua emergência na infância, e é nesse momento que há a possibilidade de conversão da língua pura em discurso, em modo de significação. Antes de tornar-se discurso, a linguagem fica como língua pura, representação lógico-matemática de si mesma tal como postulada por Chomsky (língua *i*) ou por Saussure (*langue*). Para Agambem<sup>114</sup>, isso é a infância. A linguagem que co-existe com a infância é a língua pura.

Já referi a afasia como algo da ordem do acontecimento, e neste o que se vê é uma ruptura. Ruptura entre o sujeito e a língua. Por um momento, parece haver certa suspensão na qual sujeito e língua não se encontram, como se pode ver na transcrição apresentada acima da interlocução entre o sujeito e a terapeuta. Penso que há dessubjetivação no

---

<sup>114</sup> AGAMBEM, G. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

acontecimento afasia, um ponto zero do sujeito, um instante em que parece de um lado não haver sujeito e de outro só língua. Instante do indecível. A singularidade estaria justamente neste ponto, porque em seguida as forças do fora já vergam o sujeito, jogando-o em determinada ordem do discurso, produzindo configurações diversas quanto às dobras que constituem a subjetividade, conforme apresentei no capítulo anterior.

A infância é a expropriação que a linguagem efetua nela, logo a linguagem surge como operação de conversão da experiência em história e da língua pura em discurso. É neste ponto, que uma outra história começa a ser imposta ao sujeito afásico, quando a linguagem converte a experiência do desencontro língua-sujeito em afasia. O processo de conversão é constante, está sempre acontecendo, ele é concomitante e constante, tem uma permanência. Assim, concordo com Agambem porque entendo que em cada expropriação da experiência pela linguagem, há produção do homem como sujeito. Nos segmentos abaixo, vê-se que a enunciação do afásico é marcada por uma espécie de antes e depois que remete ao um tempo de “não-fala” explicitado pelo jargão “criança”, ao mesmo tempo em que o familiar afirma sua posição na linguagem, como a de quem sabe o que quer dizer, mas não consegue falar - esta é a experiência de desencontro, marca de uma outra história para o sujeito, a partir da afasia. Refere o afásico que “nem um A” lhe saía, ao passo que agora as palavras estão ali, ditas a partir de um outro lugar:

*NA(terapeuta): agora, vamos deixar a d. L. falar, você pode contar um pouquinho da história da d. L., como foi?*

*NA(familiar de L): a nossa história não é muito diferente, perdeu a fala, o lado direito dela paralisou, fez um ano ontem*

*A1: quando eu era criança, eu também fiz essa criança tudo assim, fiquei assim*

*NA(terapeuta): ficou paralisado né?*

*NA (familiar de A1): vocês vêem, a “criança” é uma fuga que ela tem, ela sabe o que é, só não consegue dizer.*

*NA(familiar de L): ela fica louca porque não consegue falar, eu perguntei pra ela, a mãe prefere falar ou andar, ela prefere falar.*

*A1: eu não sabia também, igual à senhora (dirigindo-se a L), eu só falava, eu não sabia nada, um “A”, mas deus é muito bom, muito bom.*

O jargão utilizado neste segmento funciona como índice dessa experiência de expropriação pela linguagem. Na literatura clássica sobre as afasias o *jargão* é descrito ora como o tipo de fala característico das lesões posteriores, ora como sinônimo de neologismo recorrente. Os *neologismos* têm sido definidos como produções que são usadas como palavras sem que pertençam ao inventário daquela língua e as *parafasias* seriam substituições de palavras por outras semelhantes na forma ou significado com palavras do inventário da língua<sup>115</sup>. No entanto, quando se percorre a literatura, vê-se que a decisão sobre qual produção é um neologismo e qual é uma parafasia não é simples e os impasses gerados são apontados por muitos autores<sup>116</sup>. Alguns, como Robson<sup>117</sup>, preferem utilizar os termos *palavras* e *não-palavras*, tentando separar as produções a partir da relação com uma *palavra-alvo*. No entanto, nesta análise essas produções são entendidas como linguagem em funcionamento. O que se vê aqui é que o modo como se constroem essas produções revela aspectos particulares do funcionamento de linguagem e que os critérios clássicos utilizados para classificá-las encobrem características deste funcionamento na linguagem dos afásicos. Pensar no jargão como uma espécie de *não-palavra*, conforme propõem Robson *et alii*, parece interessante porque metaforiza essa condição de conversão

<sup>115</sup> ISHARA, C. Palavras e não-palavras na jargonafasia. In: **Estudos Lingüísticos XXXIV**, Campinas: Unicamp, pp. 1146-1151, 2005.

<sup>116</sup> No trabalho de ISHARA (2005) encontra-se discussão a esse respeito e afirmação de que Vários autores, como Morato e Novaes-Pinto (1997, 1998) e Scarpa (2000) *apud* Ishara (2005), criticam o uso do termo neologismo na denominação de produções de sujeitos afásicos. Scarpa (2000) observa que essas produções dos afásicos não pretendem ser “criações lexicais”; “são provisórias e de ocorrência dificilmente previsível”.

<sup>117</sup> ROBSON, J. *et alii*. “Phoneme frequency effects in jargon aphasia: a phonological investigation of nonword errors”. In: **Brain and Language**, n. 85, 2003, pp.109-124.

da experiência, de um algo antes do discurso. O jargão aqui pode funcionar como índice de uma língua pura que emerge num discurso em vias de se estabelecer.

Nas afasias, ingenuamente poder-se-ia pensar nessa produção como uma formulação restrita de um “sujeito afásico”, mas as análises revelam que, para além dessa obviedade, o sujeito se reinventa e desenvolve estratégias de subjetivação que permitem coincidir ou resistir a essa posição. Se há subjetividade em jogo, veremos que este jogo já posiciona o sujeito aqui e ali, mas veremos também que há outras formas de jogar nas quais o que o sujeito diz não é coincidente com o aquilo em que o enuncia na afasia.

A esse respeito, vale lembrar que o essencial da relação consigo na afasia é a dimensão falar-não falar. Desse modo, quando no entremeio de posições-sujeito a posição não-falante é colocada em suspenso ou subvertida, o afásico emerge no discurso estabelecendo um novo jogo subjetivo:

*NA: avião*

*A: ari, arião...não não é.*

*NA: a avião*

*A: a ari ari...**tá vendo...chega na hora eu falo outra coisa...***

*NA: mas o senhor tinha conseguido.*

*A: é...pois é...**tem as coisa que eu falo tão diferente que nem esse rião.***

*NA: avião*

*A: a ari...*

Nessa seqüência de enunciados podemos ver os comentários feitos pelo próprio sujeito sobre o que diz. Esses comentários apontam para certa suspensão do tempo, na qual o afásico situa-se num intervalo entre as posições discursivas *afásico-não falante* e *não*

*afásico-falante*, quando então pode refletir sobre a própria fala. Atesta-se aqui a fragmentação do sujeito que, ao se retomar, dobra-se por si mesmo fazendo-se afásico e não-afásico ao mesmo tempo. Neste movimento de suspensão aparece uma terceira posição produzida pela reflexão sobre a própria fala. Esta análise será melhor detalhada no capítulo a seguir.

Analisei ainda enunciações que podem co-ocorrer a estas e que apontam para o funcionamento do humor na formulação lingüística. O funcionamento do humor indica certo modo de resistência à posição afásica. As cenas em que observo o afásico rir de si mesmo, muitas vezes enrubescendo, mostram o instante em que há estranhamento em relação ao próprio dizer, no qual o sujeito distancia-se dele já que para rir de si mesmo, precisa colocar-se num lugar diferente da afasia:

*NA: guardanapo*

*A: gananapo (enrubesce)*

*NA: aha, sabonete*

*A: lalun (enrubesce)*

*NA: sabonete*

*A: nete(sorri)*

*NA: aha, refrigerante*

*A: rescijela... (risos!)*

Nas afasias, portanto, é possível ver o que Agambem<sup>118</sup> propõe ao afirmar a linguagem como uma realidade posterior ao homem, na medida em que se pensa esse homem como infância, como experiência pura. E a linguagem vai emergir exatamente

---

<sup>118</sup> AGAMBEM, G. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

quando houver a conversão da língua pura em discurso. Se há operação de conversão, há porque ela evidencia uma cisão, cisão essa que constitui o humano. O homem, antes da linguagem, é experiência muda. O lugar de conversão seria a origem da linguagem. Por isso, falo de uma dupla cisão na afasia: a cisão própria do humano e aquela instituída pela experiência de desencontro do sujeito com a língua, a que institui para ele uma perda, causa de sofrimento, e que opera diferença tanto em nível da história quanto em nível da linguagem.

Essa conversão supõe um momento de dessubjetivação na medida em que entendo que o que há é sempre passagem de subjetividade a subjetividade, conforme discuti no capítulo anterior e venho apresentando nos segmentos em que aponto certas particularidades da enunciação do afásico. Se o processo de conversão é permanente e constante, todo o processo de subjetivação vai envolver um outro de dessubjetivação enquanto momento de suspensão, lugar da experiência muda e momento em que não se sabe o que se pode ser nem o que já se foi. “[*No começo eu quase fiquei um*”], afirma o sujeito sobre sua condição inicial logo após a afasia. Momento este em que parece que ele poderia ter sido algo diferente da afasia, diferente do “ser com os outros”. Nesse processo, formas de linguagem, como o uso de “*eu*” e “*a gente*”, indicam a oscilação entre o ser e não ser afásico e podem dar o testemunho da passagem de posição a posição, referenciando o instante possível da experiência muda. O afásico fica dividido entre a afasia e algo que poderia ser um *eu* fora disso, indicando a suspensão, um momento de fôlego dentro da ordem discursiva que o assujeita afásico.

Portanto, há alguma coisa do vivido que é mudez e a palavra chega quando ela é demandada: ela sempre o é exatamente no limite. Para mim, a violência da afasia demanda a palavra justamente ali onde ela se (des)articula. É interessante pensar a afasia como acontecimento que produz certo lugar de enunciação, que situa uma descontinuidade e que

coloca em suspensão certa posição do vivido, uma certa posição subjetiva. Como acontecimento, a afasia funciona como um choque que coloca a perda das perspectivas identitárias em evidência para o sujeito.

O homem nunca é separado da linguagem. Entretanto, não se pode chegar ao início cronológico da linguagem, tanto do ponto de vista da língua pura quanto do ponto de vista do processo de conversão. Esse movimento tem uma temporalidade e uma topologia absolutas que ocorrem em um instante, em um momento. A verdade, portanto, não está enraizada, o que há é uma vontade de verdade. Foucault<sup>119</sup> afirma que o sujeito é efeito de uma vontade. A vontade livre que se realiza num instante e numa intensificação. A vontade livre estabelece uma escolha que mantém o sujeito em certa constância e o mantém integrado. Segundo Foucault, é na intensidade que se toma posse de si. O *si* é para o autor o objeto da vontade livre<sup>120</sup>. Penso que se deve renunciar a idéia tão cara à Lingüística de origem como lugar e tempo, onde a linguagem, enquanto objeto, teria iniciado quando reconhecemos este processo. A linguagem como ponto de fronteira é uma espécie de dimensão híbrida entre o que se põe como diacrônico e sincrônico (não tem relação com evolução). Ela é um ponto que não cessa de acontecer, só tem permanência.

Valem acrescentar ainda as colocações de Agambem<sup>121</sup> a respeito da relação experiência, linguagem e verdade. Para o autor, a experiência como limite transcendental da linguagem exclui a linguagem como totalidade, como verdade. A experiência transcende a linguagem porque ela é o quadro no qual a linguagem se torna possível (quando opera a conversão da língua pura em discurso). A linguagem é o lugar onde experiência pode tornar-se verdade, ela é o lugar da verdade na infância; então, para

---

<sup>119</sup> FOUCAULT, M. **La hermenêutica del sujeto**. Curso en el Collège de France (1981-1982). 3ª ed. México: Fondo de Cultura Econômica, 2002b.

<sup>120</sup> Em Nietzsche isso seria a vontade de potência, ou seja, aquela que produz.

<sup>121</sup> AGAMBEM, G. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

Agambem, a linguagem pode ser o lugar da verdade. Pensar essa relação no contexto moderno pode passar pela imagem de um triângulo, cujos vértices seriam constituídos pela linguagem, pela experiência e pela verdade.

Acompanhar o percurso proposto pelo autor faz entender que a linguagem é o *modus operandi* da significação, na medida em que atua como conversor de elementos como a língua pura, a experiência-infância em discurso e história. Especificamente no campo dos estudos da linguagem, significa conceber a cisão constitutiva entre língua e discurso e dar à linguagem o lugar de conversão entre ambos. A constituição do sujeito pela linguagem, portanto, se dá nessa instância de ruptura, de quebra, de descontinuidade e não na linguagem em si absoluta. O homem não é sempre já falante, para dizer *eu* ele tem que cindir.

### **3.2 A linguagem, a incompletude e a cena.**

A visão inaugurada por Agambem remete à reflexão dos efeitos que tal processo de conversão-constituição da linguagem-sujeito podem fazer emergir no funcionamento da linguagem. Marcas dessa mesma descontinuidade e dessa temporalidade absoluta devem ressoar no discurso, explicitando sua incompletude.

Milner<sup>122</sup> aborda a noção de falta na língua refletindo sobre as diferentes formas de incompletude que nela se apresentam, contrapondo-se basicamente à noção de completude enquanto exigência imaginária da gramática (o domínio que o sujeito falante tem da língua como um sistema formal). Milner apóia-se principalmente na Psicanálise Lacaniana que afirma que o dizer é da ordem do não-todo, desenvolvendo na Lingüística a noção de real da língua. Milner, como Lacan, chama de alíngua a esse real da língua. Ou seja, a alíngua,

---

<sup>122</sup> MILNER, J.C. **O Amor da Língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.



como um não-todo onde se encontram uma série de pontos de impossível; como ela é da ordem do inconsciente, então, seria possível falar do que não se pode falar. Tal fato tem relação com a idéia de que as palavras muitas vezes não são suficientes para dizer algo. Por isso, há um impossível inscrito na língua, um impossível de dizer. Assim, a falha aparece como constitutiva da língua trazendo já associada a si a idéia de imperfeição e falta.

Em se tratando de afasia, a equivocidade da língua assume também um estatuto particular. De um lado o sujeito está afetado pelo real da língua, assim como proposto por Milner e também por aquilo que designei o real da afasia<sup>123</sup>. Esse real dimensiona o que existe e determina aquilo que “não pode não ser assim”; não se descobre o real, depara-se com ele, se dá de encontro com ele<sup>124</sup>. Acredito que o real da língua é o equívoco e que o real da afasia está no orgânico, ele é o limite causado pela lesão. O sujeito afásico lida com duas instâncias de impossível. Irremediavelmente ele lida com o impossível da língua e o impossível material, visto que sua produção vem carregada de jargões e sintomas que resultam muitas vezes formas inéditas para a língua. Entretanto, além disso, há outro sistema de impossibilidade que lhe é próprio e estrutural: o impossível do orgânico que se inscreve no corpo, é esse real que dobra o sujeito, que se coloca como força do fora e que determina a perda da vigência do dizer. Assim, o que é próprio do funcionamento da linguagem na afasia é a falha, a hesitação, o equívoco como formas de linguagem que testemunham essas ordens de impossibilidade. Entretanto, a evidência das falhas e hesitações dada pela afasia coloca em cru a quebra do imaginário e faz irromper o real da língua<sup>125</sup>.

---

<sup>123</sup> MANCOPES, R. **O dizer nas afasias: o tratamento recriando sentidos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem / UFRGS. Porto Alegre, 2001.

<sup>124</sup> PÊCHEUX, M. (1983) **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

<sup>125</sup> MANCOPES, R. *op. cit.*

A irrupção do equívoco na língua e no discurso do afásico desorganiza o discurso e caracteriza certo modo de enunciar que se aproxima do que Souza<sup>126</sup> designou enunciações fora da ordem. Esse modo de enunciar foi proposto pelo autor, a partir da análise de falas escrituradas em conversas virtuais e caracterizam-se como atos enunciativos que se dão no desvã do discurso e que parecem escapar desta ou daquela ordem discursiva. Porém no que diz respeito à afasia, vejo que há duas instâncias em que este tipo de enunciação ocorre. Ocorrem nas enunciações marcadas por jargões, parafasias, neologismos funcionando como não-palavras na medida em que revelam o instante de dessubjetivação, lugar da experiência muda, onde ainda não há discurso. Além disso, ocorrem também no funcionamento das pausas e hesitações, determinando inclusive posição de autoria para o sujeito afásico. No empreendimento da reflexão a cerca da subjetivação na afasia, é necessário compreender o funcionamento dessas enunciações ditas fora da ordem, expressão que pretendo adotar nesse trabalho, a partir da proposta do autor.

Sob o olhar que pretendo dar às reflexões e análises, entendo que aquilo que parece ser o fora da ordem é justamente o que Souza propôs como o ponto por onde é possível vislumbrar no funcionamento discursivo: a construção de posições sujeito<sup>127</sup> no processo enunciativo, aquilo que marca, no meu enfoque, o lugar do sujeito afásico dentro de certa ordem de discurso que o particulariza. O sujeito não sai da cena enunciativa, porque não está fora da linguagem.

A propósito da cena, é essencial pensá-la como constitutiva da palavra. São os procedimentos de linguagem que definem o sentido na dependência de uma cenografia.

---

<sup>126</sup> SOUZA, P. Enunciações fora da ordem: falas escrituradas em salas virtuais de conversa. **Revista Organon**, n.31, v.16. Porto Alegre: UFRGS, 2003a, pp. 55-67.

<sup>127</sup> Uma posição sujeito não é uma realidade física e sim um objeto imaginário que representa os lugares ocupados pelos sujeitos no processo discursivo na estrutura de uma formação social. Com essa noção entende-se que não há um sujeito único, mas diversas posições-sujeito que se relacionam com determinadas formações discursivas. LEANDRO-FERREIRA, M. C. **Glossário de Termos do Discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

Na cena há criação de imagens e recordação de emergências pontuais, de ruídos que assumem significação com relação à cena. Foucault<sup>128</sup> discute a questão da cenografia e sua relação constitutiva com a palavra. Nestes termos, a palavra só existe por estar aderida a uma cena em que ela surge como uma espécie de comando ou narrativa. A unidade da palavra, portanto, está referida por um lado ao fato de que de cena em cena apesar das mudanças de cenário e atores, o gesto sonoro que a constitui é o mesmo. Esse mesmo ruído que circula e flutua sobre um determinado episódio podendo ser metaforizado com uma espécie de senha audível do vivido. De outro lado, essa mesma unidade se mantém na medida em que as cenas se encadeiam de forma razoável em histórias determinadas, sob certa ordem do discurso.

Para Foucault, a palavra é um paradoxo, uma espécie de “milagre maravilhoso” em que um mesmo ruído, por razões diferentes, com personagens diferentes, visando também coisas diferentes ressoa ao longo de uma história. Para além do enunciador ou de sua sintaxe verbal, a palavra ressoa. A palavra é ruído. Ela não cessa quando desaparece o ruído, ela nasce como forma recortada desse ruído, com todos e seus múltiplos sentidos, exprimida entre os discursos que se aglutinam e se retraem.

Mudanças sonoras ou pequenas falhas fonológicas podem apontar para diferenças que só poderão ser identificadas por todo um discurso. As palavras jogam o jogo de combinações numa determinada cena. As modificações sonoras ainda que minúsculas fazem surgir e modificam todo o colorido de uma nova cena, como mostra Foucault, a respeito de Brisset:

em torno do som que permanece tão próximo quanto possível do seu eixo de identidade, as cenas giram como na periferia de uma grande roda; e assim, chamadas cada uma por sua vez por gritos quase idênticos, que elas estão encarregadas de justificar e de qualquer forma trazer em si mesmo, elas formam,

---

<sup>128</sup> FOUCAULT, M. Sete Proposições para o Sétimo Anjo. In: MOTTA, M. B. **Michel Foucault (1926-1984) Estética: literatura e pintura, música e cinema. Ditos e Escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b.

de uma maneira absolutamente equívoca, uma história de palavras (induzida em cada um desses episódios pelo imperceptível, inaudível deslizamento de uma palavra à outra) e a história dessas palavras (a seqüência das cenas onde esses ruídos nasceram, cresceram, depois se imobilizaram para formar palavras).<sup>129</sup>

Tal complexidade excede muito a visão tradicional das afasias, já que explicita a poética e a crueza da palavra em sua origem. Enquanto ruído, a palavra é recortada e emerge nesta ou naquela cena como estabilização temporária de sentidos. A seqüência sonora que constitui a fala, progressivamente estabiliza uma forma e um conteúdo estáveis, mas mostra o aparecimento e desaparecimento de cenas e de sentidos. Nas palavras de Foucault<sup>130</sup>, um “pisca-pisca” da palavra, uma espécie de eclipse e retorno periódico, um ressurgimento descontínuo num movimento de fragmentação e recomposição. De imediato tal descrição remete a reflexão da fala do afásico, quando o “pisca-pisca” da palavra muda em temporalidade e duração resultantes de uma espécie de curto circuito. Nesse caso, é a dureza da palavra que emerge, pois distante da estabilização, a fragmentação se explicita e resulta em sintoma que gera sofrimento para o sujeito. Particularmente nas parafasias, em que há substituição de palavras ou sons, o sujeito afásico estranha sua fala ao se escutar, já que o que emerge não coincide com a cena imediata e evoca ao mesmo tempo tantas outras:

*NA: não... calma... ca*

*A: ca*

*NA: o que que pode se falado com ca?*

*A:- ca*

*NA: uma palavra com ca*

*A: ca ca cala.. não...*

*NA: pode se cala...*

---

<sup>129</sup> FOUCAULT, M. *op. cit.*, p. 307.

<sup>130</sup> *Ibidem*, p. 305.

*A: cala*

*NA: pode se... que mais com cala?*

*A: ca ca capeta..*

*NA: (risos)*

***A: que que eu falei?***

*NA: capeta ... capeta...*

***A: não eu não falei isso não... casa***

*NA: casa*

*A: casa... ta vendo é devagarzinho tá vendo ca ca*

*NA: que mais...*

*A: isso...*

*NA: que você tomo de manhã?*

***A: ca ca ca é isso.. esse criança pra mim come ca casa , maria***

*NA: não*

*A: café, café*

*NA: e aqui? com e letra p, o que que da pra se faze?*

*A: pé*

*NA: pé ... que mais?*

***A: pé ca Maria... não, não... falei isso.***

*NA: maria é com a letra M*

***A: mé, casa sapato, pé***

*NA: pão*

***A: pé...é?***

*NA: pão também né*

*A: pé isso... pé pa passa...*

*NA: passa*

*A: pa ma maria, maria...maria?*

*NA:- maria?*

*A: maria aqui ó... pa pa... esse pa aqui com mais um poquinho aqui fica papa. **Esse aqui eu sei o que é isso... pum criança... se sei... tá vendo.. antes eu falava mais com você.. aqui eu... se ele fala tudo tudo tudo... eu estaria fala mais... mas ela diz não dá... mas não da... né mas com você eu consigo vi demais... então como que eu vo faze aqui? com você.***

O estranhamento torna-se maior e distancia-se do que poderia ser compreendido como um ato falho ou lapso de linguagem. O sujeito recusa o que disse, estranha seu dizer e tenta se reformular. Ao fazê-lo evoca uma seqüência de palavras “*mé, casa, sapato, pé*”, aponta uma espécie de condensação de sons ao misturar “m” de Maria com “é” de pé ditos anteriormente e começa a falar: “mé”. No final dessa cena, o sujeito afásico enuncia seu saber quanto ao que está em jogo na cena enunciativa, mas remete-se também a sua condição anterior quando se atribuía o saber falar e à constatação de que no momento “*eu estaria fala mais (...) mas não dá né*”. Pergunta-se “*então como é que eu vo faze aqui? com você*”. No ir e vir da palavra, o afásico precisa reinventar o falar, reinventando assim novas formas de si mesmo.

Uma clínica de linguagem que se ocupasse do sujeito e sua falha na linguagem, deveria ser norteadada não pelo “esperado” ou por aquilo que é dito “normal”; o esperado é o desejo do outro. Essa clínica deveria voltar-se ao tropeço e aquilo que ele revela. A cadeia da fala esconde, as palavras obliteram as cenas e esse funcionamento introduz uma enorme complexidade que aponta para a emergência do sujeito entre as palavras, entre os significantes, o sujeito emerge justamente nesse intervalo. O modo intervalar como o sujeito está na cadeia implica em singularidade. Nessa cena, parece que o sujeito reconhece no terapeuta uma possibilidade de co-autoria e na co-enunciação uma possibilidade de dizer.

Na clínica da afasia, o heterogêneo, o singular, insistem e, talvez, a única possibilidade de “recolhimento da singularidade”<sup>131</sup> seja tratar o sintoma afásico como expressão de mal-estar de um sujeito em sua fala e não como uma falha orgânica<sup>132</sup>.

---

<sup>131</sup> VORCARO, A. **Crianças na Psicanálise: Clínica, Instituição, Laço Social**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 1999.

Minha análise do processo de subjetivação encaminha-se como possibilidade de recolhimento dessa singularidade e encontra falas vazias e falas plenas. As falas vazias são aquelas do lugar da univocidade, aquelas em que o afásico está na posição de objeto da afasia, por sua vez as falas plenas emergem nas tentativas de reinvenção do sujeito, que apesar da afasia revela-se no tropeço.

### **3.3. O corpo, a linguagem e o sintoma.**

A discussão sobre corpo e linguagem é necessária quando o que está em questão é o funcionamento da linguagem na afasia. Falar em afasia é, geralmente, falar em lesão no corpo, isto é, falar em lesão cerebral e problemas na linguagem. Entretanto, já explicitarei neste trabalho o distanciamento, almejado por mim, da célebre relação lesão-sintoma que praticamente institui o campo dos estudos tradicionais em afasia.

Proponho aqui encaminhar a reflexão das complexas relações entre corpo e linguagem, principalmente no campo das patologias. Há muito que pensar sobre os sintomas que prendem um corpo numa fala faltosa, que o prendem numa repetição ignorante de si, mesmo quando o sujeito pode não desconhecer que falha ou que perde o fio do discurso<sup>133</sup>.

O pressuposto aqui é que há um campo relacional entre corpo e linguagem que afirma a singularidade de um corpo que fala. No campo da patologia da linguagem, este corpo faz no dizer, sintoma no corpo da linguagem. Os sintomas na linguagem excedem o orgânico, eles expõem o falante em sua falha demonstrando o entrelaçamento irremediável entre corpo e linguagem.

---

<sup>132</sup> FONSECA, S. C. & VIEIRA, C. H. A afasia e o problema da convergência entre teoria e abordagens clínicas. In: **Distúrbios da Comunicação**, v.16, n.1, 2004.

<sup>133</sup> DE-VITTO, M. F. L. Patologias da Linguagem: subversão posta em ato. In: LEITE, N. V. A. **Corpolinguagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

Para De-Vitto<sup>134</sup>, nas afasias há sempre um excesso que ultrapassa a lesão, mesmo quando ela impede o movimento de um corpo. Este excesso, afirma a autora, transborda inclusive do silêncio verbal de um sujeito, mostrando-se também no gesto, no choro ou no sorriso. Tais excessos dizem de um corpo falado/investido e que investe na parcela do que resta de “vivo” em seu organismo prejudicado. Concordo com a autora quando afirma que este corpo-fala desprendido, disjunto do corpo orgânico, insiste como linguagem, já que significa e pede interpretação.

Na falha ou na falta de fala, o corpo do afásico sustenta-a e sustenta-se na escuta. Ou seja, o que o orgânico barra são os movimentos articulatórios e não a captura desse sujeito pela linguagem. Fonseca<sup>135</sup> apreendeu na fala esburacada do afásico o jogo de referências internas da língua e o estranhamento que essa fala produzia nele. O sujeito fica ao lado do que diz, conforme afirmou Lacan, e fica esgarçado entre uma escuta presa no imaginário da língua constituída e o corpo que falha e que é movimentado pelo jogo simbólico e relacional da língua, numa subversão posta em ato<sup>136</sup>.

O corpo faltante vive o drama de uma contradição entre a dominância do simbólico sobre o imaginário nas falas afásicas e a dominância do imaginário sobre o simbólico na escuta. Essa é a cisão que o corpo-linguagem atua/executa nas afasias. De Vitto ainda ressalta que, por certo, há afásicos que não estranham suas falas. Entretanto, eles escutam o estranhamento que suas falas produzem no outro.

A dimensão da relação corpo-linguagem, no campo das afasias, particulariza o funcionamento da linguagem naquilo em que poderia ser surpreendente afirmar da condição do sujeito: ser ou não ser sujeito? Mas, não ser “falante”? Neste jogo de tensões,

---

<sup>134</sup> *Op. cit.*

<sup>135</sup> FONSECA, S. **Afasia: fala em sofrimento**. Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas. PUC/ São Paulo, 1995.

<sup>136</sup> FELMAN, S. **Le scandal du corps parlant: don Juan avec Austin, ou la séduction en deux langues**. Paris: Éditions du Seuil, 1990.



o afásico pode também tomar posição num certo limbo, ficando colocado como coisa no mundo, objeto determinado pela constrição da fala imposta no corpo. Sem voz, o que o afásico não consegue é impor silêncio ao real do corpo<sup>137</sup>.

Sem falar ou falando mal, o afásico não pode servir-se do espaço que a fala permite, um mínimo de liberdade na construção de uma cena enunciativa, onde se pode até falar para não dizer nada, utopia do falar que concerne a possibilidade de qualquer língua ser falada<sup>138</sup>. O corpo do afásico fala do quanto o organismo depende da fala para alçar a condição de sujeito.

Vorcaro<sup>139</sup> denominou situação de preclusão aquela experimentada pelo afásico diante do impasse em que se reconhece, mas não consegue exercer sua condição de sujeito. Segundo a autora, o termo preclusão é originário do latim – *praeclusione* – e significa obstrução, interceptação. Ela associa a isso, ainda, a perspectiva da definição jurídica em que uma determinada faculdade processual civil é perdida, seja por seu não exercício na ordem legal ou por já ter sido validamente exercitada. O afásico fica precluído da função da fala. A autora destaca o paradoxo que esse tipo de preclusão impõe: um falante privado de seu reconhecimento como tal, em que a atualização singular do funcionamento lingüístico não conta com aquilo que define o sujeito: ser falante.

Diante desta perspectiva, a afasia em sua acepção neurológica não recobre o acontecimento que fere a relação corpo e linguagem, porém recupera a sua etimologia grega que a remete à falta de brilho, da luz, do fazer ver, ela quer dizer ausência da

---

<sup>137</sup> “a voz impõe silêncio ao real, e, primordialmente, ao corpo”. MELMAN, C. *Novos Estudos sobre o inconsciente*: Seminário de 12 de fevereiro de 1985. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

<sup>138</sup> DE CERTEAU, M. *Utopias vocales: glossalalies*. In: **Le discours psychanalytique**, an 3, n.1. Paris: Association Freudienne, 1980.

<sup>139</sup> VORCARO, A. *Gestos que Descarrilam*. In: LEITE, N. V. A. **Corporelinguagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

aparência, da aparência, ou ainda, refere-se ao estado de um homem sem argumentos, que não tem resposta<sup>140</sup>.

A lesão cerebral, portanto, não impede que o corpo fale e escute, ele não sai da linguagem – permanece como corpo-linguagem, mesmo quando não pode falar<sup>141</sup>.

Desse modo, considerar a fala do sujeito afásico e seu modo de relação com a linguagem determina conseqüências importantes no sentido de produzir novas possibilidades do ser sujeito para o afásico. Aos moldes da questão foucaultiana acerca da discussão empreendida em sua obra *História da Sexualidade*<sup>142</sup>, penso que poderíamos perguntar de que maneira o indivíduo pode fazer a experiência dele mesmo enquanto sujeito de linguagem na afasia. Nesse sentido, a conseqüência mais forte desse modo de ver a afasia, seria compreendê-la como mais um modo de existência particular, já que para Foucault a subjetividade é um modo de vida e tem relação com os modos de viver. Seria como adotar um ponto de vista filosófico e a partir dele considerar que poderíamos deslocar e transformar as molduras de pensamento, os valores estabelecidos, empreendendo um trabalho para pensar diversamente: buscar outras regras do jogo<sup>143</sup>. Assim, pensada sob a lógica do sintoma, aquilo que remete ao estatuto de patológico nas afasias não poderia ser considerado um *a priori*, já que sempre parece necessário escutar o sujeito e o modo como ele enuncia sua relação com a própria fala. Para haver patologia teríamos que nos questionar quanto à presença ou não de sofrimento neste modo de existir.

---

<sup>140</sup> BROCA, O. (1875). **Le mot aphasie. La naissance de la neuropsychologie du langage (1875-1925)**. Paris: PUF, 1925.

<sup>141</sup> DE-VITTO, M. F. L. & FONSECA, S. C. Reformulação ou ressignificação. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, vol. 27. Campinas: Unicamp, 1998; e FONSECA, S. C. & VIEIRA, C. H. A afasia e o problema da convergência entre teoria e abordagens clínicas. In: **Distúrbios da Comunicação**, v.16, n.1, 2004.

<sup>142</sup> FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003a.

<sup>143</sup> CARDOSO JR., H. R. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2005, n. 18, v. 3, pp.343-349.

Os modos de existir poderiam ser discutidos também à luz das proposições de Hacking<sup>144</sup>, quando este formula os “tipos de gente” passíveis de serem produzidos, considerando-os alvos móveis. Afirma o autor que quando um sociólogo, psiquiatra ou fonoaudiólogo quer saber mais, por exemplo, sobre o autismo, é claro que talvez queiram saber mais sobre esta ou aquela criança específica, ou aquele adulto. Mas, no fundo, o que querem saber é o que causa o autismo ou como se pode tratar o autismo. Então, segundo Hacking, o alvo móvel não é a criança nem o adulto, mas todo o tipo de pessoa. A postura costumeira é a de pensar que existe “aquela coisa” chamada autismo, concebida como uma deficiência nos indivíduos. Não se trata de negar que ali exista algo, mas o que ela é evolui ao longo do tempo, na medida em que ela seja redefinida, que se passe a conhecê-la e na medida em que as pessoas autistas se conformem a certos estereótipos sobre como deveriam ser. Também se pode compreender isto melhor no caso dos assim chamados autistas de “alto funcionamento”, aqueles que desenvolvem um modo de vida em parte à luz do que se supõe saber a seu respeito, mas em parte também resistindo a isto. Então, os “médicos” mudam sua opinião sobre o que são autistas. Hacking afirma que os tipos de pessoas são alvos móveis, no sentido de que são algo não fixo. No caso do autismo, e eu diria da afasia, eles poderão não continuar sendo sempre iguais.

Assim, diante da afasia, o que se vê é um sujeito cindido, que vive sob a tensão de ser sujeito e não ser falante e que atua e age de modo específico numa comunidade e numa sociedade e que em sendo afásico hoje, não é igual a outra pessoa que tenha sido afásica em outro tempo. O que estabelece um modo de ser na afasia, sob meu ponto de vista, é o modo como o sujeito se relaciona com sua fala e é preciso compreender em que tempo isso acontece. Na cisão do sujeito, na perda da vigência do dizer, é necessário escutá-lo em sua

---

<sup>144</sup> Entrevista Disponível em [http:// brigadasinternacionais.blogspot.com/2007/10/entrevista-ian-hacking221007.html](http://brigadasinternacionais.blogspot.com/2007/10/entrevista-ian-hacking221007.html). acessada em 7/12/07.

enunciação, e como este pode fazer-se sujeito exatamente no instante em que enuncia, no e pelo discurso.

### **3.4. A temporalidade.**

O fluxo na oralidade parece ter um limite dado pela temporalidade que marca o funcionamento das discontinuidades constitutivas da linguagem, e que não permite que se diga tudo na língua, havendo uma opacidade que resulta também da linearidade em que é possível proferir enunciados. A cadeia da fala funciona como uma espécie de catalisador que vai “prendendo” os sentidos ditos pelos interlocutores. A incompletude da linguagem se manifesta também na temporalidade.

Penso que a questão da temporalidade no funcionamento discursivo é importante quando se pretende pensar a constituição do sujeito no discurso e particularmente a subjetivação nas afasias a partir do que enuncia o sujeito afásico. Conforme apresentei na sessão anterior, há um movimento da palavra que vai da fragmentação à recomposição e que, em última instância, sob e a partir de certa cena, confere-lhe unidade. Tal discontinuidade explicita a natureza intervalar da linguagem e da subjetividade. Proponho-me a discutir a questão da temporalidade também como algo da ordem da incompletude que marca e determina o discurso e o sujeito e revela suas não-coincidências com o dizer, tal qual o propôs Souza<sup>145</sup>. Em suas análises a partir de uma situação particular, a de fazer falar em entrevista sociolingüística, o autor elencou categorias de linguagem para pensar a incidência do tempo na subjetividade. Embora seus dados sejam de natureza diferente daqueles analisados neste trabalho, tomo seu texto como detonador da problematização do tempo na enunciação do afásico e seus modos de fazer-se sujeito na enunciação.

---

<sup>145</sup> SOUZA, P. Os suprasegmentos como índices da subjetivação na enunciação oral. *Revista ANPOLL*, n. 8 São Paulo: Humanitas / FFCLCH, USP, 2000.

Brés e Gardès-Madray<sup>146</sup>, ao discutir os malogros no dizer, os entendem como um lugar do tempo por dizer (da organização), ou seja, do tempo necessário para estruturação do pensamento em uma relação dialógica. Os autores, que também foram citados e discutidos no trabalho de Souza<sup>147</sup>, dividem o tempo em três níveis e apresentam o conceito de tempo operativo, advindo de Gustave Guillaume<sup>148</sup>, para dar conta da materialidade do tempo na organização das falhas do fluxo verbal. As três instâncias de tempo apresentadas pelos autores correspondem então ao que eles chamam o tempo por dizer, momento da elaboração lingüística em vias de se atualizar; o tempo do dizer, momento das formulações exteriorizadas, expressas com suas pausas e durações variáveis e descontínuas, e o tempo do dito, momento do armazenamento dos sentidos na memória formulável em uma unidade discursiva coerentemente organizada.

Entretanto, Souza adverte ser produtiva a compreensão de uma temporalidade que se diferencia da idéia de tempo de emissão focalizado e aponta para a necessidade de distanciarmo-nos da concepção pressuposta pelos autores de um sujeito cognitivo, o que reduziria as operações descritas por eles em operações mentais. Concordo com Souza quando afirma que “não se trata de pensar as formas de tempo nem como representação do tempo do dizer nem como inscrição material neste tempo, mas de fluxos enunciativos que, uma vez implodidos em sua temporalidade imaginária, não se delimitam, nem se fecham”<sup>149</sup>.

Especificamente em relação às afasias, é possível perceber no fluxo enunciativo, por meio das descontinuidades enunciativas, como, na interrupção do tempo, o afásico faz dois movimentos. Por vezes, reconhece na ruptura do tempo, de forma imaginária, sua

---

<sup>146</sup> BRÉS, J. & GARDÈS-MADRAY, F. Ratages et temps de l'à-dire. In: PARRET, H. **Le sens et ses hétérogénéités**. Paris: Éditions du CNRS, 1991.

<sup>147</sup> SOUZA, P. *op. cit.*

<sup>148</sup> GUILLAUME, G. *apud* BRÉS, J. GARDES-MADRAY, F. *op. cit.*

<sup>149</sup> SOUZA, P. *op. cit.*, p. 12.

posição de não-falante e de “inadequação” do seu dizer; por outras, denuncia o instante de suspensão em que o sujeito se encontra diante do indecível, no exato momento em que precede cair nesta ou naquela ordem discursiva. As análises discutidas no capítulo quatro demonstram o tempo como heterogeneidade e evidenciam a dimensão de conflito que há entre diferentes instâncias da temporalidade:

*NA: pode mudar de função, fazer outra coisa ali dentro (falando a respeito do trabalho e das funções exercidas antes de ter o AVE)*

*A: isso, isso.*

*NA: pra mesma função o senhor não volta?*

*A: não, não....nunca*

*NA: qual era a sua função?*

*A: era... eu... compraria ....(SI)*

*NA: o senhor que comprava o material, é isso?*

A seqüência discursiva acima aponta para duas ordens de pretérito e atesta a heterogeneidade do tempo aludindo ao pretérito imperfeito e ao futuro do pretérito, tempos estes a que o sujeito não pertence, colocando-se no entremeio do tempo. Algo da dimensão do tempo por dizer irrompe no enunciado e fratura a continuidade da enunciação.

O aspecto durativo da enunciação parece ser o que dá consistência ao sujeito que ao ouvir-se assume uma posição de dizer. Ouvir é dizer porque o sujeito se ouve falando e a dimensão temporal do dito revela modos do sujeito estar na linguagem. Na enunciação do afásico há uma fratura nessa continuidade, e o afásico ao escutar-se pode estranhar-se ou reconhecer-se nela.

Entre os três níveis do tempo não há, segundo Brés e Gardès-Madray<sup>150</sup>, uma sucessividade linear, mas sim uma superposição deslocada e conflituosa. O tempo do por - dizer é um tempo que não se pode conhecer, pois suspenso sob o tempo do dito, ele continua a construir, em antecipação, seus programas de frases, ao passo que o dizer já programado se exterioriza. Ele controla o decurso do dizer e pode o interromper e bifurcar. Ao mesmo tempo, entretanto, ele é submisso às palavras já pronunciadas, que pesam sua materialidade sobre o desenrolar irreversível do fluxo verbal. Nas palavras dos autores “o que é dito é dito”.

Se o tempo do dizer é uma duração da operação de elocução, os tempos do por - dizer e do dito são durações de operação mental. Estão submetidos a uma relação dialética de memória e antecipação sem a qual não é possível falar. A atividade de programação do por - dizer, suas escolhas, seus interditos, seu tempo de realização, se situam em inconsciência. Entretanto, o oral traz os traços de suas falhas, seus malogros<sup>151</sup>, que são as reincidências desse processo inconsciente. O tempo do por dizer pode ser representado, segundo os autores, como um canteiro de construção onde estão em concorrência diferentes programas em direção à fila da fala. A atualização funciona como uma triagem no curso da qual o sujeito investe sua produção linguageira. O limiar de atualização eliminaria, tanto quanto fosse possível, as escórias, perturbações ou malogros do dizer, mas, o “atrapalho na ponta da língua”<sup>152</sup> é tamanho que o trabalho de seleção nunca é

---

<sup>150</sup> BRÉS, J. & GARDÈS-MADRAY, F. Ratages et temps de l'à-dire. In: PARRET, H. **Le sens et ses hétérogénéités**. Paris: Editions du CNRS, 1991, p.103.

<sup>151</sup> Brés e Gardès-Madray (1991) afirmam que o malogro (*ratage* em francês) é o funcionamento normal da fala do sujeito enquanto constituído pela palavra dos outros. Os autores situam-se sob esse aspecto em relação à heterogeneidade, considerando que a linguagem é sempre a parte do outro, é somente se apropriando dessa parte que o indivíduo se torna sujeito e que a identidade pode tomar a forma da evidência do “sou eu”. A linguagem é, para o sujeito, o lugar dos outros que lhe permitem ser ele mesmo. Sua palavra não pode deixar de ser atravessada por esse outro que a constitui. Assim, a homogeneidade pretendida por uma ótica lingüística strictu sensu vê-se fissurada pelo que eles chamam malogros do dizer. Em relação ao discurso oral, um turbilhão de irregularidades não poderiam ser consideradas meros acidentes concebidos como mau domínio de performance ou disfunção da fala.

<sup>152</sup> “se bousculer au portillon”, expressão francesa, tradução livre.

perfeito<sup>153</sup>. Como se fosse um caldeirão borbulhante, algo ali salta na fervura e o dizer, enfim, fica escondido atrás do dito.

Em seu trabalho, Souza<sup>154</sup> destaca que a reflexão sobre a temporalidade é particularmente necessária quando o objeto em análise diz de enunciações que se dão na margem ou fora da ordem<sup>155</sup>. Para o autor, é importante compreender como a descontinuidade da enunciação, que pode estar dada também por defasagens temporais, constitui uma sistematicidade alheia à ordem discursiva passível de atravessá-la e projetar ou não nesta descontinuidade uma unidade para o sujeito. No funcionamento discursivo da enunciação do afásico, a co-enunciação que ocorre sob a descontinuidade enunciativa projeta essa unidade para o sujeito.

Na interlocução com pessoas afásicas, muitas vezes a defasagem temporal é tomada como um vazio sem sentido, e, contrariamente a isso, se pode depreender através da discussão até aqui focalizada que o intervalo entre turnos de fala pode mostrar, em termos enunciativos, a abertura para uma multiplicidade de tempos, conforme demonstrou Souza em suas análises, o que veio ao encontro da reflexão quanto à temporalidade na enunciação do afásico. Os tempos são efeitos de uma dada ordem discursiva, colocada em funcionamento justamente no instante da enunciação. Nesta, os atos enunciativos podem ser analisados como acontecimentos que, embora desestabilizem a unidade dialógica, não chegam a promover uma colisão discursiva. Particularmente nas afasias, o que se vê, inclusive, é a possibilidade de projeção de uma unidade para o sujeito, como também se vê sua fragmentação e o instante de dessubjetivação que coloca o sujeito em suspensão. Daí

---

<sup>153</sup> BRÉS, J. & GARDÈS-MADRAY, F. Ratages et temps de l'à-dire. In: PARRET, H. **Le sens et ses hétérogénéités**. Paris: Editions du CNRS, 1991.

<sup>154</sup> SOUZA, P. *op. cit.*

<sup>155</sup> As enunciações fora da ordem foram também definidas pelo autor e discutidas por mim na sessão anterior. Tais enunciações, vale lembrar, correspondem, nas palavras de Souza, a atos de enunciação não atravessados por alguma ordem discursiva. SOUZA, P. Enunciações fora da ordem: falas escrituradas em salas virtuais de conversa. **Revista Organon**, n.31, v.16. Porto Alegre: UFRGS, 2003a, pp. 55-67.



que, a propósito da temporalidade, vê-se que há também no funcionamento da linguagem certa heterogeneidade de ritmo ou de tempo, em que os efeitos de sentido podem transitar de uma ordem discursiva a outra<sup>156</sup>. Por isso, Foucault<sup>157</sup> afirma colocar em questão não apenas o sujeito, mas também o instante.

A administração de turnos de fala em uma conversa, portanto, não tem relação apenas com certo domínio ou controle cognitivo dos interlocutores, mas sim com este funcionamento do tempo que permite a abertura para diferentes posicionamentos e reposicionamentos do sujeito.

Certas formas de comentários sob certas relações sintáticas antes ou depois do argumento em si do dizer podem apresentar-se em descompasso de tempo entre a enunciação e a emissão, caracterizando micromovimentos de antecipação, de recepção ou retorno que são elementos integrantes da própria enunciação. Essas formas são consideradas ilustrações da força material específica da oralidade em ação e deixam aparecer os traços da dificuldade de elaboração, os silêncios, os atrapalhos e os traços de buscas realizadas no decorrer da fala:

*A: as meninas... às vezes eu falo as coisas direitinho... às vezes pode ser que eu não sei... né... direitinho... mas eu gosto muito de falar com você... oooo... eu fico muito... já ta na hora?*

*NA: não.*

*A: ai que bom... então tá bom... felicidade.*

*NA: o que foi que você falou?*

---

<sup>156</sup> SOUZA, P. Os suprasegmentos como índices da subjetivação na enunciação oral. **Revista ANPOLL**. n. 8 São Paulo: Humanitas / FFCLCH,USP, 2000.

<sup>157</sup> FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

*A: felicidade. Eu falo às vezes com as meninas só... olha fala pra mim, pra mim, mas na hora, na hora de fala ninguém fala... eu gostaria demais de fala... vamo pedi a deus meu amor... ai esse menino... como é que vou dizer? Petrei lá em casa... viu? eu falei.*

*NA: a senhora falou.*

Tais fatos de linguagem não podem ser reduzidos à condição de resto ou de ruído na dialogia. Eles são como vestígios e representação do tempo necessário para se encontrar o rumo do dizer. Nas afasias, esse movimento na linguagem se dá a ver como uma ferida na carne da língua. Atravessado por duas instâncias da falta (uma concernente ao intrínseco do funcionamento da linguagem e outra delimitada pela perda da vigência do dizer), o afásico se vê impedido no encontro com a palavra. Se há marcas da distância que separa o enunciador do gesto de dizer essa ou aquela palavra, nas afasias, essa distância é redobrada.

No fluxo da enunciação, Souza<sup>158</sup> destaca a força da duração do tempo como elemento da experiência subjetiva em sua relação com a linguagem. As pausas, hesitações e sobreposições da fala demonstram não apenas quebras na estrutura da conversação, mas evidenciam, na dimensão de tempo, o instante em que se dá o processo de conversão do indivíduo interpelado pelo discurso em sujeito falante. Os marcadores supralingüísticos, como as titubeações no plano do tempo do dizer, abrem passagem ao tempo por dizer. A duração marca a passagem de um constituinte a outro do dizer, perfazendo uma espécie de filtro no tempo do por dizer, forçando que o falante ocupe certa posição no falar, demarcando enfim o que ele diz. Assim, enquanto duração, as pausas, hesitações e repetições funcionam como fôlegos no tempo por dizer onde então o sujeito se faz. Esse

---

<sup>158</sup> SOUZA, P. *op. cit.*

funcionamento da linguagem extrapola o que poderia ser compreendido apenas como da ordem do supra-segmental compondo o plano do dizer. No acontecimento desses tempos do dizer há a emergência do sujeito que assume em determinado instante uma forma de subjetividade.

Segundo Souza<sup>159</sup>, ao falar, o sujeito está submetido a uma temporalidade sempre a atravessar, a indicar, a construir, porém mais do que o rumo temático do que diz, é o tempo que se coloca como condição de emergência da subjetividade. Sujeito e sentido se dão em um limite de tempo, deflagrando a implosão do não-sentido disperso na memória do dizer.

Desse modo, conforme constata o autor, a descontinuidade estabelecida por uma pausa ou alongamento de som, por exemplo, no fluxo da fala, materializa no funcionamento da linguagem o instante em que múltiplas possibilidades de tornar-se sujeito se colocam. Há nesse instante, uma esfera de memória cujos vetores interdiscursivos vergam a força do fora, produzindo subjetividade. No espaço da duração, o sujeito enuncia a partir de tomadas de posição subjetiva advindas de alguma região discursiva. Entretanto, há aí essa espécie de fôlego, de rasura oral, que se dá a ver na interrupção do fluxo da fala e que atesta esse movimento do sujeito na linguagem.

Ainda segundo esse autor, os fenômenos marcadores da interrupção do fio contínuo da fala, encarados como índices da relação do sujeito com as memórias de discurso, tornam possível sua enunciação e mostram no ato de enunciar uma exposição para um outro tempo, o tempo aberto proposto por Deleuze. Esse tempo decorre da duração, é múltiplo e distancia-se da idéia de sucessividade.

---

<sup>159</sup> SOUZA, P. *op. cit.*, p. 150.

Pelbart, citado por Souza<sup>160</sup>, também na ótica deleuziana, relaciona a questão da subjetividade a certo ritmo do processo de subjetivação, onde a duração se coloca como certa permanência de subjetividade. O autor afirma a subjetividade:

como uma modalidade de inflexão das forças do Fora, através da qual cria-se um interior, “esses seres lentos que somos”, que encerra dentro de si nada mais que o Fora, com suas partículas desaceleradas segundo um ritmo próprio e uma velocidade específica onde nos tornamos mestres de nossa velocidade, relativamente mestres de nossas moléculas e de nossas singularidades. Segundo Deleuze, enquanto um fora é dobrado, um dentro lhe é coextensivo como memória, como vida, como duração<sup>161</sup>.

Esse aspecto do tempo é o aspecto durativo da construção de *si* e revela que a cada expropriação da linguagem tem-se a produção do homem como sujeito, conforme apresentei a partir de Agambem<sup>162</sup>. Diante da indecidibilidade do vir a ser, enquanto momento de dessubjetivação, a força do fora, empurra o sujeito, que lentamente vai tomando posição. Toda essa operação é atestada no funcionamento da linguagem conforme venho apresentando e como pretendo discutir nas análises do capítulo quatro.

Novamente, interessa pensar, a partir das proposições de Souza<sup>163</sup> a respeito da temporalidade na enunciação, que, se diante da ruptura o fluxo da interação sobrevive, é porque parece que as discontinuidades que o fazem romper constituem modalidades particulares de tomada de posição e ocupação do tempo do dizer, que apresentam a inerência desse funcionamento no ato do dizer. O sujeito está sempre sob o risco de desabar, entretanto, toma essa ou aquela posição no jogo de sentidos que o constitui em diferentes tempos do dizer. Nas afasias, o abalo é acontecimento que deixa exposta como uma fratura, a fragmentação do sujeito e da linguagem.

---

<sup>160</sup> SOUZA, P. Os suprasegmentos como índices da subjetivação na enunciação oral. **Revista ANPOLL**. n.8 São Paulo: Humanitas / FFCLCH, USP, 2000.

<sup>161</sup> *Op. cit.*, p. 15.

<sup>162</sup> AGAMBEM, G. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

<sup>163</sup> *Op. cit.*

### 3.5 O silêncio.

A relação entre linguagem e subjetividade é amplamente discutida no campo dos estudos da linguagem, entretanto as reflexões sobre o silêncio devem permear essa relação, já que o silêncio é ator no funcionamento da linguagem e, como tal, também produz sujeito. O silêncio no mundo moderno é algo que tem sido objeto de reflexão de estudiosos de diferentes áreas. Encontram-se pensadores na arte, na literatura, na religião, na história, na filosofia, na psicanálise, na lingüística, lançando importantes questionamentos acerca da instância do silêncio no mundo. Na afasia, hegemonicamente, o silêncio costuma ser interpretado como vazio, como falta de sentidos, o que, como toda significação que se apresenta como única, pode ser falsa.

González<sup>164</sup> afirma que a sociedade tecnológica fez do silêncio um inimigo virtual que deve ser suprimido. Os espaços públicos e privados são invadidos pelo ruído, pelo som e pela palavra. Parece que no tempo moderno vive-se uma exorcização do silêncio manifestada pelo culto e poder da palavra. Segundo o autor, as novas gerações têm sido educadas no horror ao silêncio, o que indica uma atitude patológica da sociedade diante do silêncio.

Nossa cultura admite mal o silêncio, no mundo urbano quando as pessoas estão juntas precisam estar falando. O silêncio é vivido como carregado de tensão. Na clínica fonoaudiológica essa postura diante do silêncio é também ratificada, pois na urgência de educar apressadamente o sintoma, o fonoaudiólogo quer “fazer falar”.

O verbalismo de nossa sociedade se mostra em manifestações não só orais, mas também escritas. A cidade moderna se constitui pela abundância de signos escritos.

---

<sup>164</sup> GONZÁLEZ, J. El significado del silencio y el silencio del significado. In: DEL PINO, C.C. (org.) **El silencio**. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

Ventos, citado por Fierro<sup>165</sup>, analisou este fenômeno sob a perspectiva da “vertigem de sentido”, do excesso em nossa sociedade não só de discursos a propósito do sentido, mas dos sinais, das mensagens textuais nos lugares públicos, que são os espaços da cidade moderna. O autor vê o excesso de sinais acústicos e gráficos como puro ruído. Desse modo, a palavra, a música, a escrita não desejada ou não reconhecida como tal, passam ao estatuto de puro e simples ruído, como aquilo que perturba, que incomoda e que deve ser eliminado. As formas de comunicação privilegiam o verbal deixando escasso o espaço para o silêncio. Nesse contexto, qual seria o lugar destinado àqueles que por um motivo patológico podem estar privados do falar?

A fobia que a sociedade ocidental preserva em relação ao silêncio e a conseqüente valorização da palavra produz uma tendência ao evitamento do silêncio. Uma concepção negativa do silêncio faz parte da história da sociedade e aponta que este costuma ser tomado como sinônimo de passividade, de não participação ou de participação não ativa. Entretanto, estar em silêncio é um modo de estar na linguagem.

Ao esbanjar de tal forma as palavras, o homem talvez tenha lhes vulgarizado e gasto o valor que lhes é devido. Steiner<sup>166</sup> preocupa-se com um certo destino pré-lingüístico para o qual a sociedade poderia caminhar, entrando numa fase de linguagem decadente.

Orlandi<sup>167</sup> propõe-se à discussão das *Formas do Silêncio*, afirmando-o como significante. O silêncio vai ser o não-dito visto do interior mesmo da linguagem com sua significância própria. A problemática do trabalho com o silêncio aponta para a posição secundária em que foi colocado o que acabou por apagar sua especificidade. Entretanto, o

---

<sup>165</sup> FIERRO, A. La conducta del silencio. In: DEL PINO, C. C. (org.) *El Silencio*. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

<sup>166</sup> STEINER, G. *Linguagem e Silêncio – Ensaio sobre a crise da palavra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

<sup>167</sup> ORLANDI, E.P. *As Formas do Silêncio*. 3ª ed. Campinas: Unicamp, 1995.

silêncio é fundante, constitui-se como o real da significação, pois, para falar, o sujeito tem necessidade de silêncio, um silêncio que é fundamento necessário ao sentido e que ele reinstaura falando<sup>168</sup>.

O aspecto fundante do silêncio também é apontado por Fierro<sup>169</sup>, como aquilo que marca o outro da palavra, é silêncio quando não há palavra, há silêncio antes e depois da palavra. Orlandi<sup>170</sup> afirma que a linguagem recorta o silêncio e estabiliza o movimento dos sentidos. Para ela, “estar no silêncio com palavras e estar no sentido em silêncio, são modos absolutamente diferentes entre si”.

Segundo Audouard<sup>171</sup>, o silêncio é um limite que, no coração da palavra, a introduz em um porvir imprevisível. Enquanto limite, o silêncio é fundante.

Sobre o silêncio como fundador, diz Orlandi:

o silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz, todos esses modos de existir dos sentidos e do silêncio nos levam a colocar que o silêncio é fundante<sup>172</sup>.

Para retomar a metáfora do dentro/fora, acreditamos que palavras e silêncio são elementos de mesma natureza que fazem parte da língua, o silêncio não está fora dela; ele pode ser uma dobra, tal como aquelas concebidas por Deleuze<sup>173</sup>. O silêncio como posição possível na linguagem funciona como dobra. Particularmente, no tocante às afasias, as análises demonstraram tal afirmação. Mais do que isso, o silêncio pode funcionar não

---

<sup>168</sup> *Op. cit.*, p. 71.

<sup>169</sup> FIERRO, A. La conducta del silencio. In: DEL PINO, C. C. (org.) **El Silencio**. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

<sup>170</sup> *Op. cit.*, p. 24, n. 159.

<sup>171</sup> AUDOUARD, X. O Silêncio: um “mais-de-palavra”. In: NASIO, J. D. (org.) **O silêncio em psicanálise**. Campinas: Páris, 1989.

<sup>172</sup> *Op. cit.*, p. 14.

<sup>173</sup> DELEUZE, G. **Foucault**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

apenas como posição possível na linguagem, mas como posição de resistência do sujeito ao imperativo do “fazer falar” da clínica. O afásico pode se subjetivar no silêncio.

Como condição de produção de sentido, o silêncio permite também o movimento do sujeito. Orlandi<sup>174</sup> afirma-o como a respiração ou o fôlego da significação, como um lugar de recuo necessário para que se possa significar. O silêncio fica como reduto do impossível, do múltiplo, e abre espaço para o que não é o “um”, para o que permite, então, o movimento do sujeito. Essa noção interessa sobremaneira a reflexão desse trabalho, na medida em que o silêncio aparece como possível operador de subjetividade, que possibilita o movimento do sujeito.

Necessário se faz refletir também sobre a relação silêncio e não-dito. Para Orlandi, a concepção discursiva do silêncio não se esgota nos limites da distinção dito/não dito. A autora ressalta que o silêncio não precisa estar referido necessariamente ao dizer para significar, porque ele já significa, ele não fala. A matéria significativa do silêncio é diferente daquela da linguagem verbal, e remetê-lo à linguagem verbal seria modificar sua matéria significante, o que, segundo Orlandi, não é indiferente ao processo significativo.

O não-dito é o que pode, ou não, significar. Retomando Pêcheux, este afirma que o não-sentido é fundamental para pensar a noção de ruptura, daquilo que aponta para outro sentido: de modo que o irrealizado advenha formando sentido do interior do não - sentido. Surreaux<sup>175</sup> destaca que o silêncio não se resume à idéia do não-dito, já que o silêncio tem a qualidade de abrir possibilidades interpretativas, o que nem sempre ocorre com a instância do não-dito.

---

<sup>174</sup> ORLANDI, E.P. **As Formas do Silêncio**. 3ª ed. Campinas: Unicamp, 1995.

<sup>175</sup> SURREAUX, L. M. **O discurso fonoaudiológico: uma reflexão sobre sujeito, sentido e silêncio**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem / UFRGS. Porto Alegre, 2000.



Há ainda que se considerar a face do silêncio enquanto real. Segundo Tfouni<sup>176</sup>, o silêncio consiste no real, pois se trata de um impossível inscrito na linguagem, que a estrutura. Dessa forma, a linguagem não seria estruturada por regras ou convenções, ela é atravessada por um impossível que organiza o dizível. O silêncio também aponta para a incompletude da linguagem e suas instâncias de possibilidades.

Concordo com Milner<sup>177</sup>, que afirma que na língua tudo não se diz. Existe nela constitutivamente o domínio do que pode ser dito – o possível, e o do que não pode ser dito – o impossível; falar de língua é falar da falta, já que tudo não se pode dizer. Nesse caminho, Tfouni complementa: “o impossível não se diz, logo, se diz outra coisa”. O silêncio assim pode funcionar como fôlego, como momento do vir a ser.

O mesmo autor coloca ainda que

o silêncio como real não pode se atualizar como um todo: tem que sobrar algo não atravessado pela linguagem (um resto?). E, para haver dizer é preciso que não se diga tudo. O silêncio é o espaço múltiplo, é a condição de vir-a-ser do discurso, onde o real, as coisas, “estão lá”, mas não se pode falar delas<sup>178</sup>.

Em Orlandi<sup>179</sup> encontra-se a seguinte relação entre o silêncio e aquilo que seria o real: “o silêncio é a matéria significativa por excelência, um *continuum* significativa. O real da significação é o silêncio. E como nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede a essa: o silêncio é o real do discurso”.

Acerca do silêncio, Tfouni<sup>180</sup> aponta que a existência de um silêncio contínuo, um real da significação, leva a pensar que algo desse contínuo sempre fica fora do dizer e possibilita que haja sempre mais dizeres por proibir seu fechamento, impedir o fechamento

---

<sup>176</sup> TFOUNI, F. **O Interdito como Fundador do Discurso**. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP. Campinas, 1998, p. 100.

<sup>177</sup> MILNER, J.C. **O Amor da Língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

<sup>178</sup> *Op. cit.*, p. 96.

<sup>179</sup> ORLANDI, E.P. **As Formas do Silêncio**. 3ª ed. Campinas: Unicamp, 1995, p. 31.

<sup>180</sup> TFOUNI, F. **O Interdito como Fundador do Discurso**. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP. Campinas, 1998.

do sentido. Isso quer dizer que há sempre algo do real que não se atualiza na linguagem. E esse algo seria o furo do real, tal qual propôs Pêcheux<sup>181</sup>.

Assim, a importância da noção de silêncio como real é marcar a idéia do impossível de dizer tudo. É impossível saturar o sentido via silêncio. Surreaux<sup>182</sup>, ao analisar o silêncio especificamente no discurso fonoaudiológico, enfatiza que seria perigoso realizar uma espécie de tradução cristalizada sobre o sentido do silêncio. Por outro lado, tomar o silêncio como panacéia para a questão da significação seria também um equívoco.

Ao trabalhar no âmbito do silêncio, entretanto, faz-se necessário distinguí-lo em seus modos de existência. Encontra-se em Orlandi<sup>183</sup> uma caracterização que distingue o silêncio fundador e a política do silêncio. O silêncio fundador seria aquele que já existe nas palavras, que tem relação com o não-dito e que produz as condições para significar. A política do silêncio teria uma subdivisão: o silêncio constitutivo, que indica que para dizer é preciso não dizer; e o silêncio local, que seria a censura.

Assim como Orlandi, González<sup>184</sup> destaca que todo discurso social é uma luta em que a tradição lingüística e os detentores do poder significante impõem certos sentidos e silenciam outros. González convida à reflexão quanto à questão do poder não só em nível de poder público, visto que em todas as relações existe uma situação de poder latente. Na perspectiva desse autor, todas as relações sociais de qualquer nível estão regidas por normas tácitas de leis do silêncio. Afirmar ainda que, mesmo quando não se diz nada, o que se faz revela algo de quem se diz, fato este que não seria diferente na clínica.

---

<sup>181</sup> PÊCHEUX, M. (1983) **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

<sup>182</sup> SURREAUX, L. M. **O discurso fonoaudiológico: uma reflexão sobre sujeito, sentido e silêncio**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem / UFRGS. Porto Alegre, 2000.

<sup>183</sup> *Op. cit.*

<sup>184</sup> GONZÁLEZ, J. El significado del silencio y el silencio del significado. In: DEL PINO, C.C. (org.) **El silencio**. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

Del Pino também aborda a distinção silêncio/silenciamento afirmando que o silêncio é atuação silenciosa, por isso sente necessidade de falar do “silente”, do que está em silêncio, do que guarda silêncio, do que cala por que quer, porque deve calar ou porque se lhe impõe guardar silêncio. O mesmo autor aponta que o silêncio é um fazer, um dizer que se expressaria através do paradoxo: “no silêncio não se diz (verbalmente) nada, mas se diz (extraverbalmente) que não quero, ou não devo, ou não posso dizer aquilo que calo<sup>185</sup>”. O que ratifica a posição ativa do sujeito no discurso, quando este escolhe silenciar.

Dessa maneira, percebe-se que o silêncio é não-dizer, mas calar, silenciar aquilo que não se quer, não se deve ou não se pode dizer. Desse modo o silêncio me parece ser uma opção (nem sempre consciente) entre dizer/falando e dizer/calando. Portanto, um sujeito em silêncio não é um sujeito sem sentido, e a partir disso é que proponho a reflexão sobre o funcionamento do silêncio no discurso do afásico, naquilo em que também esse silêncio permite a ele mudança de posição na linguagem, movimento de subjetividade.

A reflexão sobre o patológico na linguagem remete para a questão do silêncio. Muitas vezes, o que se vê como sintoma é a ausência de palavras tomadas como silêncio, vazio ou falta de sentidos. O sujeito afásico pode apresentar diversos tipos de expressão, desde o silêncio até a logorréia<sup>186</sup>. Acredito que há uma relação entre o silêncio e as palavras, que pode apontar para outra face do funcionamento do silêncio no discurso desses sujeitos, já que, como se viu, o silêncio não é vazio, nem ausência, nem mero complemento da linguagem, ele é, sim, significante e permite movimentação do sujeito na linguagem.

---

<sup>185</sup> DEL PINO, C. C. **El silencio**. Madrid: Alianza Editorial, 1992, p. 80.

<sup>186</sup> A logorréia é a denominação dada para a expressão afásica em que o sujeito afásico põe-se a falar intermitentemente, sem, contudo, perceber tal fato e sem “atribuir sentidos” ao que está dizendo.

O funcionamento da linguagem é um processo descontínuo, marcado por cisões, já que é dotado de incompletude tanto quanto o é o sujeito. As marcas dessa descontinuidade emergem no funcionamento da linguagem sob diferentes formas e atestam a possibilidade de movimentação do sujeito em diferentes posições no discurso.

Os fragmentos, as hesitações, os silêncios, os tropeços ou as falhas articulatórias não podem ser entendidos com escória ou resto no funcionamento da linguagem. A interação sobrevive apesar deles e, portanto, o sujeito fala apesar da falta. A particularidade nas afasias é que o abalo no funcionamento da linguagem é acontecimento que deixa exposta como uma fratura a fragmentação do sujeito na linguagem, conforme passo a discutir nas análises apresentadas no capítulo seguinte.

#### 4 A EXPERIÊNCIA DE *SI* NA AFASIA

Refletir sobre a experiência de *si* no campo da afasia e dos estudos da linguagem torna-se um desafio que encontra ressonâncias discursivas interessantes para aqueles que se ocupam dos estudos da linguagem e dos sujeitos que por ela e nela se constituem. Principalmente porque *falar-ser* a partir de um quadro de transtorno de linguagem marca uma diferença significativa desde o lugar enunciativo daquele que enuncia e daqueles que o escutam. Segundo Deleuze<sup>187</sup> a fórmula originária do sujeito é inventar a si mesmo, e neste capítulo procuro apresentar as análises empreendidas a partir da escuta de sujeitos afásicos, buscando compreender os modos de inventar a *si* que estes sujeitos constituem a partir da ruptura instaurada pelo evento afasia em suas vidas. A afasia problematiza a subjetividade, na medida em que o sujeito estabelece um novo modo de se relacionar com a língua, o que determina seu reconhecimento ou não como sujeito de discurso.

Minha análise deter-se-á em uma experiência de enunciação, atuada em condições muito particulares de relação com a linguagem, qual seja, a de interlocução entre sujeitos afásicos e não afásicos em um grupo terapêutico<sup>188</sup>. O pressuposto é de que, acerca do afásico, há um regime discursivo que, ao mesmo tempo em que o assujeita, permite-lhe o trânsito na contramão desse assujeitamento e abre espaços discursivos distintos conspirando para um processo de subjetivação que confere a emergência de um *si* particular no sujeito afásico.

---

<sup>187</sup> DELEUZE, G. **Empirismo e Subjetividade. Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

<sup>188</sup> O grupo em questão é parte das atividades de ensino do Curso de Fonoaudiologia da UNIVALI-SC. Todos os participantes dessa atividade assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido tomando conhecimento de que ela é objeto de ensino e pesquisa, autorizando também a gravação e filmagem dos encontros semanais.

#### 4.1 Apontamentos metodológicos

Essa pesquisa foi realizada a partir do acompanhamento das atividades do grupo de atendimento a sujeitos afásicos realizados no curso de Fonoaudiologia da Universidade do Vale do Itajaí. Esse grupo de atendimento faz parte das atividades de aula prática da disciplina “Fonoaudiologia Clínica: linguagem oral” e está sob a responsabilidade de um professor fonoaudiólogo que realiza os atendimentos, nos quais é acompanhado pelos acadêmicos. Acompanhei as atividades desse grupo durante um ano, para os fins específicos dessa pesquisa, por meio da filmagem semanal das sessões de atendimento. Posteriormente à filmagem, as sessões foram assistidas e transcritas na íntegra. Segundo o projeto pedagógico do curso de Fonoaudiologia e plano de ensino da disciplina correspondente, o grupo pretende ser um contexto em que a linguagem se manifesta e ajuda na emergência de recursos expressivos, mesmo em sujeitos com extrema dificuldade de produção, além de ser um momento em que a linguagem em seu funcionamento situa o sujeito do discurso no discurso. Procura-se também privilegiar a interação social promovendo a saída do isolamento, a fim de resgatar o desejo e o prazer em se comunicar, favorecendo as interações eficazes entre os sujeitos afásicos e não afásicos.

Os sujeitos que participam do grupo caracterizam-se por apresentar diagnóstico fonoaudiológico de afásias de diferentes tipos<sup>189</sup>, sendo que o único critério de exclusão compreende aqueles que apresentam quadro de afasia global, quando há comprometimento severo dos aspectos da linguagem tanto em nível receptivo quanto expressivo, o que dificulta a possibilidade de interações simultâneas com diversos interlocutores. Os sujeitos afásicos participantes do grupo, em geral, são idosos, de ambos os sexos, e freqüentam o

---

<sup>189</sup> Os diagnósticos fonoaudiológicos são dados a partir da classificação de Boston, para tanto ver Murdoch (1997).

grupo acompanhados de seus familiares. Estes últimos são convidados assistematicamente para participação em alguns encontros.

Para os fins dessa pesquisa, a atividade do grupo mostrou-se um lugar privilegiado para observação dos processos discursivos enunciados a partir dos próprios sujeitos afásicos sobre si e sua realidade. A esse respeito, Souza<sup>190</sup> aponta que o grupo pode ser uma das condições de subjetivação que propicia a afirmação diante de um grupo de iguais.

As análises serão apresentadas em quatro blocos discursivos (BD), conforme os efeitos de sentido produzidos pela análise do universo discursivo analisado. Tais blocos foram recortados do *corpus* lingüístico após leitura exaustiva e flutuante do material, etapa imprescindível ao processo de análise qualitativa dos dados. Os blocos discursivos se constituem por seqüências discursivas (sd) que correspondem a trechos de interlocução do grupo entre sujeitos afásicos e não-afásicos.

Os blocos estão assim designados:

- BD1 : Ser quando se é mais de um: análise do funcionamento da co-enunciação. Este bloco divide-se nas análises das intervenções inacabadas e o uso discursivo de “eu” e “a gente”.
  
- BD2: Ser na falha, no atrapalho, na hesitação: análise do funcionamento da descontinuidade enunciativa. Este bloco divide-se nas análises das pausas e hesitações, dos atrapalhos e dos comentários sobre a própria fala.
  
- BD3: Ser no humor: análise do funcionamento do riso/rubor na enunciação. Este bloco analisa o riso e o rubor no discurso do afásico.

---

<sup>190</sup> SOUZA, P. **Confidências da Carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade**. Campinas: Unicamp, 1997.

- BD4: Ser quando não se fala: análise do funcionamento do silêncio. Este bloco analisa o silêncio no discurso do afásico.

Para apresentação das análises, descrevo cada bloco discursivo, apresentando-o por meios das seqüências discursivas que o caracterizam e a discussão correspondente aos fatos discursivos ali elencados. Após a apresentação das análises de todos os blocos discursivos, realizo considerações sobre as análises buscando estabelecer relações entre elas.

Vale ressaltar que o processo de análise é um processo interpretativo, na medida em que fiz uma escrita da escuta. O trabalho de transcrição se deu a partir da escuta e observação exaustiva das filmagens, as quais foram transcritas na íntegra, sendo registradas conforme a enunciação dos interlocutores, tais quais foram proferidas. Tanto assim, que indico os momentos de segmentos ininteligíveis (SI) quando não foi possível compreender o que estava sendo dito. E é sempre importante destacar que um dado clínico não é aquele registrado e transcrito para análise e para efeito de uma escrita teórica. Embora essa escrita possa dizer algo dele, não o diz todo. Um dado clínico excede a escrita porque a linguagem enquanto acontecimento não pode ser transcrita em sua totalidade, há sempre um impossível inscrito nela já que ela é sempre opaca e não transparente. Porém, minha tentativa de análise é ultrapassar a caracterização da fala patológica por um procedimento meramente descritivo da superfície da fala, em direção a um procedimento explicativo-interpretativo que implique os mecanismos subjacentes ao funcionamento da linguagem e os produtos e efeitos que dele emergem, notadamente aqueles relativos ao processo de subjetivação na afasia.



#### 4.2. A subjetivação no entremeio de posições discursivas

Para observar a subjetividade em processo, me detive nos segmentos em que os sujeitos foram chamados a dar testemunho de si, de seu cotidiano, vida familiar, situação de trabalho, contando como esses aspectos se organizavam (ou não) a partir do evento da doença. Desse modo, os sujeitos deveriam falar sobre si a partir de um regime de subjetividade pré-estabelecido, a afasia. Minha hipótese é de que, ao retomar sua história, escutar-se e escutar o outro, múltiplas possibilidades de reconhecimento operam sobre o sujeito afásico. Observei uma oscilação entre posições discursivas que marcam a estrutura enunciativa de modo particular. O tempo da enunciação é fragmentado e parece ir de posição a posição, saltando de uma a outra, permitindo a emergência de um *si* que parece ter uma sustentação também fragmentada e que desliza entre os pólos do assujeitamento e da subjetivação. Na enunciação do afásico, o riso/rubor mostrou-se um índice da relação corpo-linguagem. Observei também movimentos de resistência que consolidam um *si* no entremeio dessas posições discursivas. E é justamente esse jogo de posições que constitui a experiência de *si* na afasia. Acredito que a afasia é um acontecimento que suspende o vivido até então, atuando no processo de subjetivação como momento de dessubjetivação; nesse processo analiso as formas de linguagem que atestam a passagem de posição a posição do sujeito afásico.

A seguir, apresento os pontos de reflexão e análise que emergiram a partir do trabalho com o *corpus*. Apresento cenas clínicas do grupo nas quais destaco pontos de ancoragem da análise da experiência de *si* na afasia. Procuro transcrever as cenas fazendo uma breve descrição dos componentes da cena e do contexto e a seguir transcrevo a cena na forma em que os discursos aconteceram. Posteriormente analiso a cena descrita.

#### **4.2.1. “Ser quando se é mais de um: análise do funcionamento da co-enunciação” - Bloco Discursivo 1 (BD1)**

As cenas analisadas da interação em grupo mostraram a repetição significativa de modos de intervenção da fala dos interlocutores invadindo a fala do afásico. Observei também que quando interpelado a falar, o sujeito utiliza-se de designações no plural ou do termo indeterminado “*a gente*” para designar a si mesmo. A esse modo de funcionar no discurso chamei de co-enunciação, já que neste momento o ser/dizer do afásico parece ser não apenas dele, mas de mais de um.

A enunciação é construída interativamente, logo a co-enunciação é o processo discursivo que coloca em relação à fala dos interlocutores em seus turnos de fala, evidenciando que suas falas estão submetidas umas às outras. Observei no funcionamento discursivo do grupo de afásicos a co-enunciação atuando por meio do jogo entre intervenções inacabadas, o uso de designações no plural e do termo indeterminado “*a gente*”, o que caracteriza certo movimento do sujeito, legitimando determinadas posições-sujeito. As seqüências discursivas (SD) apresentadas a seguir atestam esse funcionamento.

##### **4.2.1.1. O funcionamento da co-enunciação por intervenção inacabada:**

A intervenção inacabada funciona de modo que os interlocutores respondam no fluxo da interação a partir das coerções comunicativas expressando seu acordo ou desacordo, o que cria certa linearidade no discurso. Observei na conversação que o procedimento que os interlocutores adotam, diante da descontinuidade do dizer afásico, é

re-estabelecer a ligação entre a fala de um e de outro buscando sustentar aquilo que fica como inteligível nas intervenções.

A ilusória linearidade do processo vai sendo dada por esse funcionamento, o que pode então fazer emergir a posição do locutor afásico como o “um”.

A intervenção inacabada neste caso é principalmente caracterizada pela presença da pausa como marcador prosódico do inacabamento, o que provoca a reação do interlocutor para o acabamento da interação, visto que este entende a pausa como um “pedido” de acabamento<sup>191</sup>.

### SD1

**(situação em que o grupo conversa sobre assuntos gerais, quando os sujeitos são convidados a falar contando o que fizeram durante a semana ou sobre suas atividades em geral)**

(1) *A*<sup>192</sup> : *sabe, eu tenho uma coisa pra mim falar pra você, uma coisa que eu queria...<sup>193</sup> falar pra você, não é tudo, é só um pouco, do meu pai, eu fui lá em São Paulo...*

(2) *NA*: *depois nós temos que perguntar coisas da D. Luzia também.*

(3) *A*: *isso, aqui ó, esse é o meu pai, mas ele não sabe...(mostrando fotos)*

(4) *NA*: *o pai dela tem o mal de alzheimer...*

(5) *A*: *eu fui lá, e ele fala assim, ‘que é você?’... não sabe... tá feliz meu pai, o jeito dele assim, ele não sabe, a minha mãe com ele... e daí o que aconteceu com ele, essa criança, ele levou tudo, o lelinho levou, mas desse jeito não da mais...*

<sup>191</sup> TROGNON, A. Discontinuités énonciatives. Temps de l’interaction et temps de la pensée. In: PARRET, H. **Temps et Discours**. Louvain: Presses Universitaires de Louvain, 1993.

<sup>192</sup> A notação *A* será utilizada para a transcrição da fala do interlocutor afásico e a notação *NA* será utilizada para a transcrição da fala do interlocutor não afásico.

<sup>193</sup> As reticências serão utilizadas para representar a pausa feita pelos interlocutores durante a enunciação.

(6) *NA: mas que bom que a sra foi lá né...*

Na análise da **SD1**, vê-se que o enunciado **1** explicita o modo de dizer do sujeito que percebe sua condição de dizer anunciando que o que tem para “*falar pra você, não é tudo, é só um pouco*”. Aqui é possível confirmar as afirmações de Lacan<sup>194</sup>, quando este indica que o afásico parece estar sempre ao lado do que quer dizer. Ao mesmo tempo, o que se estabelece é uma instância discursiva que responde a ordem da clínica médica. Não se escuta o que o sujeito diz ou o que de seu sofrimento está dito aí, o que se mantém é a legitimidade do dizer a partir de uma coerência de sentidos. Esse fato é atestado pelo enunciado **2** proferido pelo terapeuta que diante da produção do afásico, apaga o que ele disse e anuncia a “necessidade” de que se dê vez para que outro sujeito do grupo fale, mantendo-se o imperativo clínico-terapêutico: falar.

A interação se estabelece e sob a forma do inacabamento o enunciado do sujeito afásico é reconhecido como tal. A eficácia da interação se mantém com o complemento dos demais interlocutores, mas o que parece se manter aqui é a posição-sujeito afasia, escutado a partir de sua falha na linguagem e não exatamente pelo que ele diz. Tal posição é apassivada ao uso que qualquer alteridade lhe quiser fazer, fica submetida ao que qualquer imaginário lhe aprover.

## **SD2**

**(situação em que se falava sobre a situação de trabalho e a aposentadoria, na qual um dos interlocutores tenta explicar a situação naquele momento de suas tratativas entre a empresa que trabalhava e o que ele ainda deveria receber em função do desligamento de suas atividades profissionais.)**

---

<sup>194</sup> LACAN, J. **O Seminário**. Livro 3: as psicoses. Versão Brasileira de Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

- (1) NA: *o que essa menina vai dizer pra dona R.?*
- (2) A: **marcar uma visita, o cheque...**
- (3) NA: *cheque?*
- (4) A: *não, é...*
- (5) NA: **marcar uma visita em um lugar...**
- (6) A: *isso*
- (7) NA: *o que é esse lugar?*
- (8) A: *é, fica...*
- (9) NA: **aqui perto?**
- (10) A: *não...*
- (11) NA: *nessa rua?*
- (12) A: *não, aqui, mas pegando lá (apontando)...*
- (13) NA: *lá na frente, no setor onde o senhor trabalhava?*
- (14) A: *isso, isso.*
- (15) NA: **ela vai ligar, a menina do local que o senhor trabalhava, vai conversar com dona R.?**
- (16) A: **um encontro...**
- (17) NA: **vai marcar um encontro?**
- (18) A: *isso.*

### **SD3**

**(situação que discute a questão de trabalho e aposentadoria em sua relação com o dinheiro, na qual um dos interlocutores expressa sua posição a respeito disso desde sua situação pós AVE.).**

- (1) NA: **dinheiro não vale nada é isso?**

(2) A: *não, não, isso...*

(3) NA: *o dinheiro não faria o senhor **melhorar**?*

(4) A: *isso, **melhorar**, isso mesmo, tentar, conseguir, impossível, mas não é...*

(5) NA: *não é um **dinheiro bem vindo**?*

(6) A: ***bem vindo!** oh! não, mas é... **falta palavra...***

(7) NA: *o senhor **se aposentou** seu M.?*

(8) A: ***aposentei.***

(9) NA: *conseguiu...*

(10) A: *consegui, **muito, pouco, 1 -2, dinheiro, 1, 2, 3 por mim...***

(11) NA: *tá por vir esse último...*

(12) A: *isso, isso.*

(13) NA: ***2/3?***

(14) A: *isso.*

Em **SD2** e **SD3** pode-se observar a perda da vigência do dizer por parte do sujeito afásico na medida em que o empréstimo da fala do outro produz efeitos no funcionamento discursivo. O que se vê estabelecer é uma espécie de jogo de decodificação/tradução em que o terapeuta antes de se engajar na situação dialógica por meio da resposta ao dito, fica na posição de dizer o dito do afásico. Parece que o instrumento em que o enunciado do afásico é reconhecido é a fala do outro. A questão a ser colocada aqui é que ao dar voz e manifestar seu testemunho de compreensão, o outro antecipa e reorienta o querer dizer do sujeito afásico numa espécie de apropriação do dizer, o que parece aplacar o dito do afásico.

Para Lacan<sup>195</sup> toda fala pede uma resposta. A esse respeito, concordo com Vorcaro<sup>196</sup> quando afirma que na ficção em que o falante antecipa, pelo exercício da sua fala, a compreensão do outro (situação ideal em que haveria equivalência entre o que se diz e o que se ouve), opera-se um acréscimo de sentido que o outro atribui ao enunciado na resposta esperada por todo dizer. Esse acréscimo de sentido é promessa que sustenta o laço discursivo e a insistência do dizer por permitir vislumbrar na compreensão imaginária o reconhecimento, através da resposta do outro, de um saber que concerne àquele que disse, para além do que foi dito. O que se vê funcionar aqui é o que apontei na discussão do capítulo dois deste trabalho como um dos maiores problemas do afásico: imprimir em sua fala a marca de uma fala pessoal que o faça ser reconhecido para além da afasia.

Neste caso, o que há é um jogo de decodificação, no qual o terapeuta empresta sua fala para livrar-se da angústia a beira do abismo do risco do não sentido. Novamente destaco que a interação se mantém, a co-enunciação opera uma posição possível para o afásico, mas passa ao largo do sujeito que enuncia na linha 6 da SD3 “... *falta palavra...*”.

#### **SD4**

**(situação em que o grupo conversa sobre os tratamentos que cada um realiza, sendo o contexto do tratamento fisioterapêutico e fonoaudiológico, comum a todos os membros do grupo)**

(1) NA: – *ai, a senhora veio pra terapia, né...*

(2) A1: *é, vim mais aqui, mas depois de amanhã eu tenho que ir lá falar... (para dizer fazer)*

<sup>195</sup> LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

<sup>196</sup> VORCARO, A. Gestos que Descarrilam. In: LEITE, N. V. A. **Corpolinguagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

(3) NA: a senhora **fez fisioterapia** também, né, pro movimento...

(4) A1: fiz, **eu já fiz** antes.

(5) NA: o senhor também. (voltando-se para outro membro do grupo)

(6) A2: (concorda afirmando com movimento de cabeça)

(7) A1: eu fiz bastante, aqui quando eu tinha **essa criança** aqui, eu tava ruim, **essa criança aqui até essa criança aqui...** (mostrando o braço)...

(8) NA: **não mexia...**

(9) A1: é

(10) NA: mas agora **faz até crochê**.

(11) A2: isso.

## **SD5**

**(situação em que se discute a questão do trabalho e aposentadoria e sua relação com o desejo de voltar a trabalhar)**

(1) NA: mas o senhor não ta **aposentado...**

(2) A: é, (fala ininteligível) **tempo, pei, to...** (fala silabado tentando retomar a palavra tempo)

(3) NA: o senhor já era aposentado?

(4) A: não, agora tem recurso...

(5) NA: o senhor **já tem tempo pra aposentar**, mas, não se aposentou ainda...

(6) A: isso, **não quero...**

(7) NA: quer continuar **trabalhando**

(8) A: oh! **Quero, quero.**



Observo nas seqüências discursivas **SD4** e **SD5** que o fluxo da interação se mantém. Parece haver uma espécie de salvamento daquilo que é inteligível ao longo das seqüências e que acaba por resgatar aquilo que ficaria na margem dos sentidos. No caso da interlocução com pessoas afásicas, a busca pela inteligibilidade estabelece certa ordem discursiva, não deixando desgarrados atos enunciativos possíveis, mas não absolutamente inteligíveis. Ao retomar partes dos enunciados uns dos outros, como estratégia discursiva, os interlocutores mudam de turno na conversação e abrem a possibilidade de tomada de posição para o sujeito afásico. Se o fluxo se mantém, aquilo que poderia parecer o fora da ordem<sup>197</sup> é justamente o ponto de construção de posição-sujeito no discurso para o sujeito afásico. A posição possível para o afásico, a partir das análises até aqui empreendidas, parece ser aquela mais do lado da objetivação. Quem fala nesta fala? Se há a emergência de um *si* neste funcionamento discursivo, este parece ser aquele pressuposto na afasia, uma espécie de objeto dócil e útil produzido por uma clínica que o mantém preso a esta “identidade afásica”. O sujeito parece colar-se na proposição do dizer do terapeuta, engajando-se nos pedaços de enunciados reconhecíveis; se lhe falta a palavra, ou se ele vai dizer apenas um pouco do todo que ele sabe poder dizer, isso não tem espaço nesse jogo discursivo. O afásico aqui reconhece como sua a posição afasia.

Além disso, em **SD4**, vale destacar a emergência da expressão “criança”, tida como jargão na expressão do sujeito afásico. Conforme apresentei no capítulo anterior, tais expressões são caracterizadas como resultado de lesões cerebrais posteriores que implicam numa espécie de neologismo recorrente. Entretanto, penso que a emergência do jargão aqui é índice de uma língua pura que emerge num discurso em vias de se estabelecer. Ele é colocado a salvo na interlocução porque apesar do estranhamento que produz na cadeia do dizer, ele é significado pelo gesto ostensivo que acompanha o enunciado apontando para o

---

<sup>197</sup> Conforme discussão feita no capítulo 3 a respeito das enunciações fora da ordem, tal qual cunhadas por Souza (2003a).

braço, quando então ganha sentido. E é esse sentido que é salvo pelo interlocutor não afásico no fluxo da interação. Quanto a isso, ressalto que a emergência desse tipo de elemento no enunciado do afásico é o que mostra a linguagem em funcionamento. Mais do que classificá-lo como jargão, seria produtivo entendê-lo como constituinte de um modo particular de dizer.

Por meio da análise do funcionamento das intervenções inacabadas, vejo o que Foucault<sup>198</sup> apontava a propósito da loucura, quando a diferença no dizer demarca certa ordem de discurso e situa o louco/afásico como tal. O dizer que não pode ser compreendido fica como uma ameaça à ordem constituída quando o que está em questão é o ideal de transparência da linguagem e a busca pela normalização. A compreensão tem um papel de patrulhamento daquilo que está sendo dito. Reconhecendo-se no inacabamento dos seus enunciados, a força da objetivação sela a certeza de que ele não tem controle sobre seu dizer (ilusão constitutiva do sujeito do discurso) e então o sujeito coloca-se a mercê da alteridade terapêutica.

Para Foucault, para chegar-se ao que o sujeito é faz-se necessário compreender o processo de sua produção, afirmando que é na ação de servir-se de determinado elemento que o sujeito se produz. O sujeito é resultado da ação de “servir-se de”, conforme discuti no segundo capítulo deste trabalho. Cada ato, portanto, define o sujeito pelo próprio ato. Ao falar, ou seja, ao servir-se da linguagem o sujeito aqui, pela força do inacabamento de seus enunciados e pela forte entrada do outro no que ele diz, faz-se sujeito da afasia.

---

<sup>198</sup> FOUCAULT, M. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2001a.

#### 4.2.1.2. O funcionamento do uso de “a gente” e do “eu”

Observo funcionar na interlocução entre sujeitos afásicos e não afásicos uma referência a *si*, enunciada pelo próprio afásico, designada por um elemento de indeterminação que parece referir-se a um coletivo, no uso da expressão “*a gente*”. O uso de “*a gente*” alterna-se com o uso da primeira pessoa do singular. Ao tomar posição no discurso como um coletivo, parece-me que o sujeito se posiciona como a entidade “afasia”, porque há certo modo de expressão que parece igualizar os sujeitos como se pode ver em **SD1**. Nesta cena, o grupo estava reunido e havia a presença de uma nova integrante afásica e sua filha, motivo pelo qual ocorre uma espécie de apresentação, com o relato da história de uma das pessoas afásicas que já participa do grupo há mais tempo:

#### **SD1**

**(situação em que ocorre apresentação entre os membros do grupo em função da chegada de uma nova integrante)**

(1) NA: *Então, vocês estão se conhecendo, pra ser amigos.*

(2) AI: *isso viemos juntos, né.*

(3)NA: *Uma amiga*

(4) A: *eu mesmo quando comecei a vim assim **a gente** fica feliz de falar, porque se **a gente não fala nada....** e assim, quando **a gente** vê as pessoas falando com **a gente**, fica feliz também.*

(5) NA: *é importante a Dona M. L. dá seu depoimento, seu F. também, pra estimular a Dona L., ela não convive com grupos.*

(6) ML: *ahãn.*

(7) NA2: *A ML, em 99, maio, teve dois aneurismas cerebrais no mesmo dia, ficou 7 dias internada.*

(8) A: ***No começo eu quase...No começo eu quase fiquei um.***

(9) NA2: *atingiu a área da fala, no começo, quando começou a soltar a voz, era complicado, ela fazia uma salada de letras, palavras, a única palavra que ela falava era “M”, o nome da neta, e nós já estamos aqui há três anos.*

*(todos aguardam a continuidade... silêncio por alguns instantes)*

(10) NA2: ***a área da fala não existe mais, então, a outra tem que fazer o papel dela, a da fala não existe mais.***

(11) NA3: *Ela ficou muito tempo sem falar?*

(12) NA2: ***no começo era só grunhidos, entrava em desespero...eu comecei a fazer uma coisa, com a permissão delas (referindo-se à fonoaudióloga e estagiárias), eu arrumei uma cartilha para ensiná-la e levei 4 dias para ela dizer A.***

(13) A: *não sabia dizer A, nada.*

(14) NA: *Ela consegue se comunicar bem, né...às vezes tem um pouquinho de dificuldade, mas vai indo e consegue.*

(15) A: *deus é muito bom com a gente né? Mas é bom, deus é bom pra gente... prá mudar.*

A indeterminação lingüística que poderia ser suposta à expressão “a gente” parece ser desfeita na medida em que, discursivamente, o sentido que vai sendo construído ao longo da interação do grupo explicita a afasia como origem e causa não só dos problemas da linguagem, mas também da existência desse grupo. Colocados como iguais sob o regime discursivo da afasia, o sujeito enuncia-se *a gente*, ele é um com os outros. No entanto, o enunciado 8 “***No começo eu quase fiquei um***”, em meio a interlocução em jogo,

aponta para um momento em que não ser “com os outros” o sujeito poderia ter sido apenas um. O relato atesta como a condição afasia determinou a possibilidade do ser sujeito nesse caso.

Já o funcionamento discursivo das seqüências **SD3**, **SD4** e **SD5**, ocorridas na seqüência deste diálogo, apontam para um momento particular de enunciação onde se percebe o deslizamento de posição feito pelo sujeito afásico entre um momento em que está referido à afasia e outro em que se enuncia como um diferente em relação a isso. No mesmo enunciado, o sujeito posiciona-se como “*eu*” e como “*a gente*”, indicando, talvez, o instante em que poderia não ter se tornado isso que é parte deste regime discursivo: a afasia.

Acredito que a oscilação entre enunciar-se como “*eu*” e como “*a gente*” aponta para certa suspensão momentânea da posição afásica, na medida em que indicia um instante possível do “não ser afásico”: no começo, ainda que já tenha sofrido o AVE, porém ainda não identificado à condição afasia:

### **SD3**

(1) *A: ela sabe falar, que nem eu no começo é assim que eu fazia, eu com as menina não sabia, tem hora que a gente não sabe.*

### **SD4**

(1) *A: eu já falei bem né, porque a gente é bom, né, não sei, é muito bom a gente.*

### **SD5**

(1) *A: a gente sabe as coisas, e se você mostrar as coisas pra mim ou pra ela, eu sei, mas não da....*

A respeito dessa cena vale ainda discutir dois aspectos que me parecem interessantes. O primeiro deles diz respeito ao estatuto desse “começo”, quando o sujeito refere “*quase ter sido um*” e quando a linguagem se resumia a “*grunhidos*”, quando, aos poucos, depois, o sujeito foi conseguindo “*soltar a voz*”. O ruído da palavra sem articular significante parece remeter a condição inimaginável do sujeito, a de não ser falante. Imediatamente em resposta a isso, a proposição é ortopédica, ensinar o “A” porque em sendo “A” já não é mais apenas ruído. Retomo as palavras de Agambem<sup>199</sup> para dizer que a linguagem que existe na experiência é língua pura, não é discurso, e o acontecimento que abruptamente se coloca na vida do sujeito transforma-se em história somente na medida em que vai sendo discursivizado. Na experiência, o que há é grunhido.

O sujeito fica remetido à condição de infante, daquele que ainda não sabe falar e a infantilização decorrente desse efeito abunda na interlocução, deixando o sujeito por debaixo disso tudo, numa condição que poderia ser dita humilhante.

Porém, no funcionamento do designar-se a si como um coletivo, observo duas possibilidades de posicionamento por parte do sujeito-afásico. Efetivamente há um fechamento de *si* submetido à afasia, dado pelo assujeitamento estabelecido pela ordem do discurso, mas parece haver uma segunda posição na qual o sujeito faz tentativas de escape dessa ordem buscando enunciar-se num tempo dividido entre um “eu” e um “nós”.

Vale aqui retomar o que discuti acerca da divisão do sujeito, articulando as proposições de Foucault e Lacan. Foucault<sup>200</sup> afirma que a verdade se dá ao sujeito sob o preço dele mesmo, ao ver-se dividido e fragmentado. Nessa mesma direção, Lacan<sup>201</sup> afirma que o eu é um outro. Ou seja, na dependência do que se desenvolve no outro o

---

<sup>199</sup> AGAMBEM, G. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

<sup>200</sup> FOUCAULT, M. **La hermenêutica del sujeto**. Curso en el Collège de France (1981-1982). 3ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2002b.

<sup>201</sup> LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

sujeito está submetido à certa ordem de sobredeterminações discursivas. Se o sujeito para Lacan é determinado pela lei do inconsciente que diz de sua divisão, ele também o é pela lei do interdiscurso que é o que é possível atestar nessa análise. A fragmentação do sujeito operada na afasia surge também de um movimento barrado que o coloca sob a força do pré-construído sobre a afasia, o ser afásico e uma outra posição, anterior a esse barramento: não ser afásico. O afásico, como já disse, fica torturado por isso.

Pensando sobre o jogo de forças que constituem a subjetividade, descrito nas dobras discutidas por Foucault<sup>202</sup> e Deleuze<sup>203</sup>, parece-me que a aderência à posição afásico neste caso relaciona-se a parte que fica presa na dobra, cercada pelo pré-construído sobre a afasia e que corresponde a parte material de nós mesmos. Parece-me também que neste jogo, naquilo que a terceira dobra aponta sobre a relação do ser com a verdade, ou seja, que diz da relação com a verdade, o movimento do sujeito aqui é de coincidência com a afasia, ele se reconhece nela.

Entretanto, o sujeito parece oscilar diante do reconhecimento de *si* como afásico, como se houvesse um *eu* fora disso. Acredito que essa oscilação é característica do funcionamento do sujeito nas afasias, é como se ele buscasse certo fôlego dentro da ordem discursiva que o assujeita. Nesses termos, algo da segunda dobra, tal qual proposta pelos autores, demarcaria algo da tensão da relação de forças que constituem a subjetividade e que, no caso da afasia, corresponde à tensão falar-não falar. A partir dessa tensão é que há oscilação e há também, desse modo, um instante de dessubjetivação cuja duração é efêmera, mas que garante certa permanência de um outro *si* que não aquele da incapacidade absoluta.

---

<sup>202</sup> FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003a.

<sup>203</sup> DELEUZE, G. **Foucault**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

#### **4.2.2. “Ser na falha, no atrapalho, na hesitação: análise do funcionamento da descontinuidade enunciativa” - Bloco Discursivo 2 (BD2)**

Conforme discuti anteriormente, as falhas, hesitações e equívocos são elementos próprios da língua e atestam a heterogeneidade constitutiva da linguagem, manifestando-se no fio do discurso. O que é próprio da língua, segundo Milner<sup>204</sup>, é o equívoco. Entretanto, no funcionamento da enunciação dos afásicos, observo que a presença de falhas e hesitações atua como marca da quebra do imaginário de *si* como fonte do dizer de modo particular. A afasia enquanto acontecimento faz irromper o real da língua, trazendo a tona elementos que poderíamos dizer pertencentes à ordem da alíngua, conforme a descreveu o mesmo autor. As descontinuidades enunciativas observadas foram aquelas do tipo pausas/hesitações, atrapalhos e comentários sobre a própria fala, tal como as descreveremos nas sessões a seguir.

##### **4.2.2.1. O funcionamento discursivo das pausas/hesitações**

As pausas analisadas neste bloco discursivo mostram aquelas pausas feitas pelo interlocutor afásico no nível do intradiscurso. O intradiscurso pode ser compreendido como o fio do discurso de um sujeito, ele é efeito do interdiscurso sobre si mesmo já que incorpora no eixo sintagmático a relação de substituição entre elementos na construção de um sentido. Particularmente, nas seqüências analisadas a seguir, o que é possível observar é a pausa funcionando como índice da relação entre o tempo do dizer e o do por dizer. As pausas e hesitações são representadas na transcrição pelas reticências. A multiplicidade de

---

<sup>204</sup> MILNER, J.C. **O Amor da Língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.



tempos abre a possibilidade de reformulação na enunciação, operando substituições na cadeia sintagmática.

### **SD1**

**(situação em que os interlocutores retomam a história do sujeito a partir do evento AVE, falando sobre as atividades profissionais do sujeito em questão)**

(1) NA: *agora, ano passado, o senhor teve o derrame quando? Novembro né, em outubro, setembro do ano passado... o senhor trabalhou onde?*

(2) A: ***a... aqui***

(3) NA: *em que setor que era*

(4) A: ***com... compras***

(5) NA: *ah, setor de compras. O senhor lembra quanto tempo o senhor ficou no hospital, um mês mais ou menos?*

(6) A: ***um..., menos que dias... 15 dias***

(7) NA: *ah, 15 dias, aí o senhor foi pra casa*

(8) A: *não (mostra direção com o braço)... reta, cruzando*

(9) NA: *primeiro o senhor ficou 15 dias no hospital, quando saiu de lá o senhor foi pra onde?*

(10) A: *é, um...*

(11) NA: *pra casa*

(12) A: *não...*

(13) NA: *foi pra uma clínica*

(14) A: *isso (tenta mostrar algo com as mãos)*

**SD2**

**(situação em que os interlocutores retomam a história do sujeito a partir do evento AVE falando sobre as atividades profissionais do sujeito em questão)**

(1) NA: *o senhor foi pra casa e voltou a trabalhar?*

(2) A: *não... dias...*

(3) NA: *ficaram pagando pro senhor o seguro doença, saúde e ai não precisou trabalhar?*

(4) A: *isso*

(5) NA: *o senhor acha que o senhor volta a trabalhar no mesmo lugar?*

(6) A: *na... não certo, não... é... não é certo, mas (fala ininteligível)... mas é isso, eu posso entrar e ver coisas*

(7) NA: *pode mudar de função, fazer outra coisa ali dentro...*

(8) A: *isso, isso*

(9) NA: *pra mesma função o senhor não volta*

(10) A: *não, não...nunca*

(11) NA: *qual era a sua função?*

(12) A: *era... eu... compraria (fala ininteligível)*

(13) NA: *o senhor que comprava o material, é isso?*

(14) A: *isso, isso, pacote...ia*

(15) NA: *o que o senhor comprava, qual era a área de compras?*

(16) A: *é...*

(17) NA: *seu M., pode ir com bastante calma, se não vir a palavra na hora, depois a gente volta, não tem problema ta bom.*

**SD3**

(situação em que um membro do grupo traz um folheto de turismo sobre o estado de Santa Catarina, afirmando ter conseguido ler e compreender o respectivo folheto em casa, fato que o motivou a trazê-lo para o grupo)

(1) *A: será que eu sei ainda?*

(2) *NA: certo... santa*

(3) *A: santa até... santa maria*

(4) *NA: catarina*

(5) *A: caterina...*

(6) *NA: quase dona M.*

(7) *A: santa catarina... eu tô muito... olha eu tô muito bem mesmo falando com você aqui... eu olha... eu dexei esse criança também... falei em casa também...*

(8) *NA: falô, conseguiu?*

(9) *A: santan caterina, santa catarina, santa caratina... olha isso...(surpreende-se)*

**SD4**

(situação de discussão de uma reportagem de revista de atualidades)

(1) *NA: Isso aqui fala da pontualidade britânica*

(2) *A: é...*

(3) *NA: O senhor é pontual seu M.?*

(4) *A: pontual... pontual mesmo... pontual mesmo...*

**SD5**

**(situação em que conversam sobre as dificuldades decorrentes do quadro clínico, especialmente aqueles relativos a locomoção e atividades de vida diária)**

(1) NA: *Dor de caminhá?*

(2) A: *caminhá?*

(3) NA: *é*

(4) A: *tinha... difidade... dicicudade...*

(5) NA: *é?*

(6) A: *é.. imesa... imensa...*

(7) A: *ahãn.*

As pausas e hesitações na fala do afásico são sustentadas pela cena em que o discurso acontece, a unidade do discurso é mantida na medida em que as cenas se encadeiam de forma razoável. As pausas mostram a ciranda de palavras que ficam empurrando à porta o dizer. Longe de uma estabilização do sentido, o que se entrevê aqui é um “pisca-pisca da palavra” conforme colocou Foucault<sup>205</sup>, um ressurgimento descontínuo do som, das palavras, num movimento de fragmentação e recomposição. Tradicionalmente a caracterização da fala do afásico explicitada nessas seqüências discursivas seria descrita como a emergência de parafasias fonêmicas (substituição de sons parecidos) ou parafasias semânticas (substituição de palavras semanticamente relacionadas); mas a temporalidade marcada pelas pausas indica o movimento do sujeito no tempo do dizer, conforme

---

<sup>205</sup> FOUCAULT, M. Sete Proposições para o Sétimo Anjo. In: MOTTA, M. B. **Michel Foucault (1926-1984) Estética: literatura e pintura, música e cinema. Ditos e Escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b.

observou Souza<sup>206</sup>. Vê-se nesse funcionamento discursivo das pausas o distanciamento entre o que o sujeito fala e como ele se ouve, o que o faz retomar o proferimento da palavra. Parece que aqui o que se diferencia é mesmo da ordem da temporalidade, porque a pausa prolongada explicita a falta de controle do dizer, deixando exposta uma espécie de curto circuito nesse pisca-pisca da palavra.

A observação das seqüências discursivas faz ver o tempo como heterogeneidade, as pausas demonstram não só quebra, mas evidenciam a dimensão de tempo onde há conflito entre diferentes instâncias da temporalidade.

A reflexão a partir dessas análises revela acontecimentos relativos à temporalidade tais quais aqueles encontrados por Souza<sup>207</sup> em suas análises. Afirma o autor que na enunciação as pausas são índices da relação do momento de elaboração lingüística - tempo por dizer e o tempo do dizer enquanto momento das formulações já exteriorizadas. A sucessividade dessas duas ordens de tempo não é linear e o trabalho de seleção entre o que se “pensa” dizer nunca é perfeito. Porém, nas afasias essas possíveis falhas de seleção estão sempre visíveis ao afásico. Elas podem denunciar ao sujeito de modo mais explícito sua distância da palavra e assim funcionam como vestígios do tempo para encontrar o rumo do dizer.

Nas análises de Souza, a diversidade do funcionamento do tempo mostra que há entrecruzamento de fluxos enunciativos, o sujeito pode se movimentar na enunciação diante de seu próprio dizer, fato este atestado também pelas análises deste trabalho. No trabalho do autor as pausas podem ser entendidas como fôlegos dados pela dimensão do tempo onde então o sujeito pode, em determinado instante, assumir uma forma de subjetividade. A descontinuidade dada pela defasagem temporal pode constituir diferentes

---

<sup>206</sup> SOUZA, P. Enunciações fora da ordem: falas escrituradas em salas virtuais de conversa. **Revista Organon**, n.31, v.16. Porto Alegre: UFRGS, 2003a, pp. 55-67.

<sup>207</sup> *Ibidem*.

posições-sujeito e o funcionamento de turnos de fala em uma conversa, portanto não tem relação apenas com o domínio ou controle dos interlocutores, mas sim com o funcionamento deste tempo múltiplo e fragmentado que permite a abertura para diferentes posicionamentos e reposicionamentos do sujeito. Neste trabalho tanto é assim que, em **SD3**, podemos observar certa surpresa do sujeito que diante de sua própria enunciação observa-se neste ir e vir de reformulações.

O funcionamento das pausas em **SD1**, **SD2**, **SD3** e **SD4** parece tocar algo do tempo por dizer que não é dado a conhecer num nível consciente, mas em **SD2** ele se apresenta de modo mais explícito como aquilo que irrompe e fratura a continuidade da enunciação. Perguntando sobre o setor em que trabalhava, o sujeito responde *era... eu... compraria* para referir-se ao setor de compras onde trabalhava, numa espécie de condensação discursiva. Mas, alude nesse enunciado a duas ordens de tempo, referidas de alguma forma ao pretérito: pretérito imperfeito e futuro do pretérito, evidenciando a heterogeneidade da temporalidade constitutiva do seu dizer e sua posição intermediária a eles.

Nas afasias, a particularidade da fragmentação do tempo é que ela é vergada por uma dupla força do fora: a da instância da falta e da falha constitutiva da linguagem e aquela da ordem do endossomático, naquilo que a lesão cerebral impede fisiologicamente sua incidência sobre a fala, acontecimento no nível do Real que detona todo o jogo no processo de subjetivação nas afasias. Essa força corresponde à força do fora, àquela da quarta dobra apresentada por Foucault<sup>208</sup> e Deleuze<sup>209</sup>, quando as dobras que constituem a subjetividade. Se há distância entre o sujeito e a palavra, como afirmei anteriormente, na afasia essa distância é redobrada.

---

<sup>208</sup> FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003a.

<sup>209</sup> DELEUZE, G. **Foucault**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

A compreensão dessa fragmentação do tempo permite ver o sujeito que aparece entre as palavras, justamente no seu intervalo. Se diante da enunciação proferida dessa maneira pelo afásico a escuta volta-se apenas para aquilo que seria o “esperado” (o desejo do outro), não se descobre (no sentido de tirar aquilo que cobre, encoberta) o sujeito que fala nessa fala. Penso que a possibilidade do sujeito aqui poderia ser dada por um enfrentamento e uma ressignificação desse funcionamento das pausas e hesitações, como algo próprio do dizer do afásico e desse modo então ele poderia reinventar uma outra forma de si mesmo. Infelizmente o que se vê ocorrer na clínica é a desistência de falar: diante das pausas e do desajuste dos sons e das palavras, o afásico desiste e não fala, porque o efeito disso significa para ele apenas afasia.

#### **4.2.2.2. O funcionamento dos “atrapalhos”**

Observo os atrapalhos no funcionamento discursivo dos afásicos como elementos que marcam a enunciação dos afásicos ao estilo dos malogros no dizer discutidos por Brés e Gardès-Madray<sup>210</sup>. Os malogros no dizer são apresentados pelos autores como um lugar do tempo por dizer (da organização), funcionando como o tempo necessário para estruturação do pensamento em uma relação dialógica.

Os atrapalhos guardam relação com a questão da temporalidade no discurso. Conforme apresentei, a programação do tempo do por - dizer, suas escolhas e interditos se dão no nível do inconsciente; entretanto, na oralidade emergem os traços de suas falhas e dos atrapalhos, que são os efeitos do processo inconsciente que subjaz à enunciação. Segundo os autores acima citados, o tempo do por - dizer é como um canteiro de construção onde estão em concorrência diferentes programas em direção à fila da fala. Ao

---

<sup>210</sup> BRÉS, J. & GARDÈS-MADRAY, F. Ratages et temps de l'à-dire. In: PARRET, H. *Le sens et ses hétérogénéités*. Paris: Editions du CNRS, 1991.

falar opera-se uma seleção diante desta fila, e os atrapalhos seriam aquilo que resulta dessa concorrência, efeito do empurrão à porta, da força vinda das palavras e sua “pressa” em sair.

### **SD1**

**(situação em que ao início da sessão do grupo pergunta-se sobre os acontecimentos da semana)**

*(1) NA: Da semana passada pra cá não aconteceu nada de diferente?*

*(2) A: **é, eto, corto...***

*(3) NA: não entendi.*

*(4) A: **é, eu, é, uma coisa assim...***

*(5) NA: fugiu a palavra, daqui a pouco o senhor lembra e fala, ta? Vamos ver as fotos da dona M.L. um pouquinho e depois a gente vai falar de outra coisa, ta?*

### **SD2**

**(situação em que o familiar insiste para que o sujeito cante, afirmando sua habilidade em fazê-lo, ao que este se recusa, recebendo a solidariedade de outro membro do grupo)**

*(1) NA: fala... tem uma menina que mora comigo, uma sobrinha, ela escreve no quadro e ele lê, canta... canta!*

*(2) A1: **não***

*(3) A2: não precisa né*

*(4) NA: não precisa outro dia ele canta, o senhor não quer vim seu R., esse grupo é tão alegre, todo mundo gosta do senhor, o senhor não quer vim?*

*(5) A: **(fala ininteligível)***



(6) *NA: então vamos começar a vir, jóia! É o mesmo dia que vocês vem na fisio, legal, combinado.*

Os atrapalhos na linguagem observados nestas duas primeiras seqüências apontam para uma interrupção no fluxo da interação que desestabiliza a conversação. Diante do inusitado que irrompe na fala do afásico é impossível prosseguir. Penso que diante deste tipo de ocorrência no funcionamento discursivo, uma das posições-sujeito possível para o afásico e que aqui se coloca é aquela mais para o lado da racionalidade que objetiva o afásico e que diz de sua limitação para falar; testemunha aí do lugar que o assujeita como aquele que não fala. Diante do sem-sentido de sua fala, em **SD1** e **SD2**, os interlocutores abandonam seu dizer dando outro rumo para a conversação. Souza<sup>211</sup> afirma que ignorar uma seqüência enunciativa pode ser uma estratégia para evitar certos tópicos ou a inclusão de certo participante em uma conversa. Assim, a ordem do discurso impõe-se, sendo indiferente ao que o autor chama enunciações fora da ordem, que ficariam à deriva.

Novamente é preciso destacar o que se vê de modo explícito no enunciado **6** de **SD2**, em que o dizer do terapeuta indica a não escuta por parte deste ao sentido que vinha sendo construído na interação e que fecha o diálogo coisificando o sujeito, que fica submetido ao que o terapeuta diz. O efeito de fechamento do sentido e da posição do sujeito enquanto objeto da afasia fica novamente colocado como algo que remete também a certa infantilização traduzida pela proposição do terapeuta em “*então vamos começar a vir, jóia! É o mesmo dia que vocês vem na fisio, legal, combinado*”.

Destaco novamente, o quanto o ininteligível e aquilo que parece ser um estado de língua pura faz derivar uma infantilização do afásico e remete para a condição dita impossível do ser humano, a de não ser falante. O interlocutor assume essa posição,

---

<sup>211</sup> SOUZA, P. Enunciações fora da ordem: falas escrituradas em salas virtuais de conversa. **Revista Organon**, n.31, v.16. Porto Alegre: UFRGS, 2003a, pp. 55-67.

quando, diante do incompreensível, fecha o sentido. O afásico, neste funcionamento, é aquele que não sabe falar, ratificando a posição afasia.

### **SD3**

**(situação em que os sujeitos foram convocados a falar sobre suas perspectiva e planos futuros)**

(1) *A: eu passo (fala ininteligível) eu mosso, mó, ois, passou, pegar, pegar, e, é mas tempo pra mim, é (fala ininteligível) tempo, quero tudo*

(2) *NA: o senhor quer um tempo pra se refazer e recuperar*

(3) *A: é, é*

(4) *NA: agora, o senhor quer um tempo pro senhor então*

(5) *A: é, (fala ininteligível) a vida na é bem assim é, é.*

(6) *NA: a vida o que*

(7) *A: conforme você...*

(8) *NA: a vida não é como a gente quer, como a gente planeja né?*

(9) *A: isso, isso...*

(10) *NA: é verdade*

### **SD4**

**(situação em que o sujeito começa a falar sobre a neta com quem mora, referindo-se a eventos familiares)**

(1) *A: é ai ela fala assim... não vó se a sra. fica chorando no mundo eu acho que não vo aguenta, ela falava assim, mas nun, sozi, mas ela, dizendo com ela né... ficamo bem de mais.. não fique com raiva, ela não fica comigo, eu vo fica junto*

*com lu, eu queria fala de voce, quando eu ve as coisa e vo fala pra voce... e eu falei assim, eu gosto de você, ela disse ai vô que bom... a senhora ta bem mesmo né... ela também, ela não é santa não... fala as coisa não... tu precisa de vê ela fala as coisa, mas junto nós duas, eu fiquei com ela, eu fiquei com ela, a gente ta sempre bem junto, mas nos duas, falando com ela... eu não fiquei com raiva, porque no começo se ela falava muito comigo eu ficava grilada, mas como é que você vai fala as coisa, não pode faze isso, né... mas ela ta bem comigo, por isso que eu digo, ai eu falei com ele uma coisa, falei, sabe uma coisa, deus é tão bom no mundo que aqui a gente não precisa, se eu fica com ódio dela ia fica ruim né, agora não, agora eu to tão bem..*

*(2) NA - mas a senhora sempre criou ela né?*

Os atrapalhos presentes nos enunciados de **SD3** e **SD4** funcionam discursivamente de modo diferente daqueles presentes nas primeiras seqüências apresentadas acima, já que parece que, apesar da desestabilização produzida por eles, não há colisão discursiva na conversação. Assim, apesar dos atrapalhos há a possibilidade de uma posição discursiva mais ativa no discurso para o interlocutor afásico. Percebemos aqui que os atrapalhos presentes em **SD3** fazem funcionar, aos moldes da intervenção inacabada, uma operação de co-enunciação que permite a manutenção da interlocução.

Vale ressaltar, entretanto, o funcionamento discursivo de **SD4**. A seqüência como um todo mostra no fio do discurso a atualização do processo de seleção do tempo do por dizer, crivado de elementos da ordem das pausas e atrapalhos que atestam a heterogeneidade da linguagem e a força do “empurrão à porta” que faz o sujeito falar: apesar dos atrapalhos ele corre o risco e fala. Em **SD4**, o sujeito enuncia-se a partir de uma posição “eu”, faz um relato onde há um terceiro fato mencionado, havendo também

momentos de suspensão desse relato para intervenção direta com o interlocutor. Exemplo de produção legitimamente afásica, **SD4** atesta a possibilidade de uma posição sujeito na afasia que faz funcionar uma enunciação fora da ordem, tal qual proposta por Souza<sup>212</sup> e já discutida nesse trabalho. Nesse modo de enunciar, é possível observar atos enunciativos que, apesar de apresentarem-se como fora da ordem, acontecem dentro de certa ordem discursiva que não cristaliza apenas o lugar do não falar para o afásico. Apesar do atrapalho aqui, há movimento produtivo do sujeito na linguagem. Destaca-se que a posição sujeito aqui ainda é, como não poderia deixar de ser, uma posição dentro da ordem discursiva da afasia, porém a possibilidade de movimento entre esses dois modos de funcionar na linguagem com e apesar dos atrapalhos é o que particulariza o sujeito afásico no discurso. Esta seqüência poderia ser exemplar do que tenho chamado o modo particular de estar na linguagem em relação ao afásico.

As pausas presentes no fio do discurso em **SD4** imprimem certo ritmo a enunciação, permitindo que os efeitos de sentido transitem de um ponto a outro atestando tanto a fragmentação do tempo como a do sujeito. Nas palavras de Souza<sup>213</sup>, uma conversação deve ser entendida justamente como um fio de conexões descontínuas.

No campo da patologia da linguagem, retomando as discussões de De-Vitto<sup>214</sup>, esta produção mostra o que do corpo faz sintoma na linguagem, mas, como o sintoma da linguagem excede o orgânico, já que expõem um falante que, mesmo em sua falha, demonstra estar na linguagem, no entrelaçamento entre corpo e linguagem. Este excesso verbal mostra um corpo que investe no que resta de “vivo” em seu organismo prejudicado. Este sujeito que fala disjunto do corpo orgânico e que insiste e pede interpretação.

---

<sup>212</sup> SOUZA, P. *op. cit.*

<sup>213</sup> *Ibidem.*

<sup>214</sup> DE-VITTO, M. F. L. *Patologias da Linguagem: subversão posta em ato.* In: LEITE, N. V. A. **Corporelinguagem: gestos e afetos.** Campinas: Mercado de Letras, 2003.

Nesta seqüência parece que o sujeito afásico atinge certo modo de ser ultrapassando o atrapalho presente em sua fala, reassumindo sua ilusão constitutiva de atribuir-se fonte do dizer. Para Foucault<sup>215</sup> o sujeito vive na tensão entre dois pontos, o da objetivação e aquele em que ele se reconhece ou não nesta mesma objetivação, como se o sujeito se dobrasse sobre si mesmo. No jogo das dobras que constituem a subjetividade, o afásico, aqui, dobra-se por sobre a afasia e fala apesar dela. Parece que o que é possível vislumbrar aqui é o que Rolnik<sup>216</sup> apontou como novos *eus* passíveis de existir e se reconfigurar sob o jogo de forças da subjetivação.

A análise das discontinuidades enunciativas nas afasias mostra-nos que estas permitem múltiplas possibilidades de subjetivação, evidenciando a força do fora que verga a linguagem e ratifica a proposição de Deleuze<sup>217</sup>, de que o sujeito se faz por dobra. As discontinuidades enunciativas podem ser um modo de produzir a ilusão de unidade do sujeito do discurso, na medida em que, submetido à fala de seu interlocutor, isso lhe permite manter o fluxo de uma interação, assegurando seu lugar de locutor ativo no discurso. Mas, ao mesmo tempo, na medida em que colado muito mais ao efeito da falha sobre si, reconhecendo-se nela por ela mesma, a discontinuidade enunciativa pode desqualificar o afásico como interlocutor. O funcionamento discursivo “malgrado” num mesmo gesto autonomiza o sujeito e assinala sua dependência ao outro<sup>218</sup>.

---

<sup>215</sup> FOUCAULT, M. (1984) A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, M. B. **Michel Foucault: Ética, Sexualidade, Política. Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

<sup>216</sup> ROLNIK, S. Novas Figuras do Caos. Mutações da Subjetividade Contemporânea. In: ORLANDI, E. P. (org.) **Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001.

<sup>217</sup> DELEUZE, G. **Foucault**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

<sup>218</sup> BRÉS, J. & GARDÈS-MADRAY, F. Ratages et temps de l'à-dire. In: PARRET, H. **Le sens et ses hétérogénéités**. Paris: Editions du CNRS, 1991.

#### 4.2.2.3. O funcionamento do comentário sobre a própria fala

O comentário sobre a própria fala corresponde a uma forma do dizer, que ao mesmo tempo em que interrompe o fluxo da cadeia enunciativa, faz uma espécie de ligação entre os elementos da enunciação que ela rompe. O comentário sobre a própria fala, no caso ora em análise, é um dos principais operadores de subjetividade na medida em que aponta para um modo particular do sujeito incidir sobre a língua.

##### **SD1**

**(situação em que os interlocutores estão fazendo relatos a respeito de fotos de família)**

(1) *A: é minha menina*

(2) *NA: o nome*

(3) *A: fala pra mim, eu não sei o nome dela, **mas eu não falo direito...** darci*

(4) *NA: não, vaní*

(5) *A: vaní...*

(6) *NA: fala, ivani*

(7) *A: esse é o marido dela (referindo-se a darci), **tem hora que eu quero falar e não dá.***

##### **SD2**

**(situação em que os interlocutores trabalhavam a partir de panfletos de supermercado, identificando produtos e preços)**

(1) *NA: laranja*

(2) *A: galha galha.. gala*

(3) NA: *vamo acha a laranja...*

(4) A: *é vamo ve... aqui ooo aqui tem uma... como será que vo fala?...*

### **SD3**

**(situação de conversa em grupo sobre reportagem de revista de atualidades)**

(1) NA: *avião*

(2) A: *- ari, arião... não não é*

(3) NA: *aavião*

(4) A: *a ari ari... ta vendo... chega na hora eu falo outra coisa...*

(5) NA: *mas o senhor tinha conseguido...*

(6) A: *é... pois é tem as coisa que eu falo tão diferente que nem esse rião,*

(7) NA: *-avião*

(8) A: *a Ari...*

### **SD4**

**(situação em que o grupo trabalhava com encartes de supermercado em data próxima a comemoração da Páscoa)**

(1) NA: *- coelho, onde que tá o coelho?(olhando encarte de supermercado)*

(2) A: *- ah bem aqui pertinho né...*

(3) NA: *aha..*

(4) A: *esse criança aqui... adoro adoro ele... isso... eu sabia tudo esse esse...*

(5) NA: *coelho*

(6) A: *isso... é...*

(7) NA: *co coelho*

(8) A: *colo...*

(9) NA: *ontem a sra. conseguiu fala lembra...*

(10) A: *tem hora que eu falo direitinho, tem hora que eu falo... e tem hora que as menina fala o vó... voce sabe... ai eu falo, mas como eu não falei... fico assim... eu não vo deixa...*

## **SD5**

**(situação em que o grupo conversava sobre as atividades realizadas no feriado de Páscoa)**

(1) NA: *O senhor foi visitar seu filho em Curitiba?*

(2) A: *sim, é... ele...*

(3) NA: *E tava bom lá? É bem no centro que eles moram?*

(4) A: *Não, assim... centro... como é que eu vou dizer pra ti, lá... mais pinhais.*

Nas seqüências discursivas de **SD1** a **SD5** vemos a repetição de comentários feitos pelo sujeito afásico sobre seu próprio dizer. Tais comentários parecem se caracterizar como comentários que produzem certa suspensão do tempo, onde o interlocutor situa-se numa espécie de intervalo entre posições discursivas, atestando a fragmentação do sujeito e produzindo a emergência de um *si* no afásico que é muito particular. O efeito desse tipo de comentário no funcionamento discursivo do afásico é repetível. Destaca-se e ratifica novamente a proposição de Lacan<sup>219</sup> quando diz que o afásico parece estar sempre ao lado do que diz.

Ao enunciar, o sujeito traça um percurso e sobre ele mesmo retoma-se, dobra-se por sobre si mesmo e faz-se não apenas afásico, mas ao mesmo tempo também não-afásico e

---

<sup>219</sup> LACAN, J. **O Seminário**. Livro 3: as psicoses. Versão Brasileira de Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.



ainda um terceiro que pode ser um e outro exatamente nesse ato reflexivo. Deleuze<sup>220</sup> explicita que a subjetivação se faz por dobra. A ação de autocomentário sobre o dizer suspende o tempo e tomada como processo de fazer-se sujeito, no caso a que me propus analisar, mostra a subjetividade em movimento, já que ao servir-se da linguagem o sujeito situa seu lugar demarcando um outro ponto de partida.

O interessante a destacar neste funcionamento discursivo, porém, são as glosas que se repetem como “*falo... não falo... como vou falar?*” A expressão que vemos co-ocorrer em outras formulações da mesma natureza enunciativa, aponta um índice sintomático do deslizamento que faz o sujeito da enunciação quando observa em si mesmo seu modo de falar. Ressalto a natureza da relação consigo que se deixa ver aqui, repetindo-se sob a tensão falar-não falar que lhe caracteriza e também por meio da qual se pode estabelecer uma relação com a verdade. O sujeito reflete sobre sua fala como sujeito da relação consigo, visto de dentro da experiência que faz de si no âmbito de uma discursividade. Ressalto que esta discursividade na qual o sujeito se inscreve e fala é uma performance de linguagem constituída como uma patologia, *a priori*, tal qual está designada no pré-construído sobre a afasia. Trata-se do sujeito que, mediante a enunciação de um autocomentário, expõe uma verdade sobre *si*. Quando o sujeito pára para questionar seu modo de falar, o faz porque antecipa sua “incapacidade” para falar, e é nesse sentido que ele fala de dentro da discursividade que o constitui afásico. Porém, no ato em si de fazê-lo, distancia-se dessa mesma discursividade e incide sobre o que vai dizer, estendendo o tempo de escolha e combinação dos elementos para proferir o enunciado.

Vejo aí aparecer no funcionamento discursivo, como autocomentário, um deslizamento de posições de enunciação em que o enunciador oscila entre o dizer de *si* como afásico e o dizer de *si* como sujeito que experimenta uma outra relação com a

---

<sup>220</sup> DELEUZE, G. **Foucault**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

linguagem. De qualquer modo, trata-se do mesmo discurso que intervém numa e noutra posição.

O reconhecimento do sujeito diante do discurso dado pode também ser marcado pelo funcionamento do autocomentário na medida em que, ao perceber a extensão do tempo do dizer nas glosas, em que não há coincidência entre as palavras e as coisas, o sujeito hesita como nos enunciados do tipo “*como dizer*” ou “*como eu diria*”; seu ir e vir sobre as falhas cola o sujeito novamente no lugar da patologia, da incapacidade, enfim, do não falar.

Assim, esse momento de enunciação feito pelo afásico vai mostrando o ato em que, ao servir-se da linguagem para fazer uma auto-reflexão, este se dobra sobre si mesmo, duplica seu dizer, suspende-o e faz-se sujeito exatamente nesse ponto. Concentra-se diante de si e observa o discurso dado, a realidade imposta, por vezes reconhecendo-se nesta, por vezes não. A glosa do tipo “*falo... não falo... como vou falar*” abre para uma multiplicidade de posicionamentos para o sujeito afásico.

Após as análises deste bloco discursivo, observo que as descontinuidades enunciativas nas afásias podem, então, funcionar como lugar de entrecruzamento de posições discursivas. Atuam como modo de produção da ilusão de unidade do sujeito do discurso, na medida em que, submetido à fala de seu interlocutor, isso lhe permite manter o fluxo de uma interação, assegurando seu lugar de locutor ativo no discurso; além disso, de modo adverso, porém, esse funcionamento descontínuo pode desqualificá-lo na interação porque o situa numa posição tomada pela ruptura, pela doença, e então ele pode cristalizar-se nessa posição, qual seja, a da falha como ligada à doença. Ressalto, novamente, que aquilo que parece ser o “fora da ordem” é justamente o ponto onde é possível vislumbrar,

no funcionamento do discurso, a construção de posições-sujeito - lugares do sujeito afásico dentro de certa ordem de discurso que o particulariza.

O funcionamento do comentário sobre a própria fala evidencia um importante momento de permanência de *si* que subverte a ordem discursiva dada e faz emergir aquilo que é da ordem do “isto fala” e que resvala e foge do sistema capturante do significante, desobturando seus pontos de encadeamento. Agambem<sup>221</sup>, citando Benveniste, afirma que “*le langage est le avoir-lieu*”, ou seja, linguagem é ter lugar. O ato de enunciação é o lugar do sujeito porque não há possibilidade de sujeito sem que um indivíduo profira um enunciado qualquer. Ser é ter lugar na linguagem, e o funcionamento das discontinuidades enunciativas no discurso dos afásicos é um desses lugares particulares.

#### **4.2.3. Ser no humor: análise do funcionamento do riso/rubor na enunciação - Bloco Discursivo 3 (BD3)**

Aristóteles definia o homem como o único ser vivente que ri<sup>222</sup>. Há também estudos sobre o riso colocado como algo da ordem do curativo e que produzia efeitos significativos no exercício da medicina na idade média<sup>223</sup>, além de inúmeras produções sobre o riso e o humor que tem sido motivo de investigação em sua relação com o sujeito. No funcionamento discursivo da interação do afásico em grupo, me surpreendi com o riso sobre si mesmo e interroguei-me acerca dele.

---

<sup>221</sup> AGAMBEM, G. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

<sup>222</sup> BAKTHIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento. O contexto de François Rabelais**. Trad. Y.F. Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1987.

<sup>223</sup> SELIGMANN-SILVA, M. Riso e rubor: o sujeito nos limites do corpo, prolegômenos para uma filosofia do corpo. In: LEITE, N. V. A. **Corpolinguagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

Algo no riso do afásico ao rir de si mesmo aponta para uma posição subjetiva em relação a sua própria fala que parece distanciá-lo da posição afasia, produzindo um instante de suspensão, em que escuta sua própria fala colocando-se como um diferente dela.

Freud, em 1927, produz um texto sobre o humor em que indica um certo triunfo do “eu”, mas representa um certo momento de ruptura, de saída desse eu em relação ao superego autoritário. Aponta ainda que o riso poderia até ser relacionado a uma certa culpa da subjetividade, porque ele também se relaciona com a possibilidade de suspensão do direito, da instância repressora que nasce com a instituição do sujeito<sup>224</sup>. Distancio-me dessa discussão pela via psicanalítica, mas tomo em questão a relação do riso com certo movimento possível do sujeito em relação a si mesmo. Ao mesmo tempo, apoio-me nas reflexões de Seligmann-Silva<sup>225</sup> para compreender o rubor, que muitas vezes acompanha o riso e que pode indicar uma situação de desnudamento, de intimidade posta à luz do dia. O rubor ligado à vergonha, em função deste desnudamento, possibilita que algo do próprio sujeito seja dado a conhecer por ele mesmo. O rubor é efeito no corpo produzido pela linguagem. Na vergonha é como se o sujeito sentisse ao mesmo tempo uma espécie de identificação com o que lhe motiva. A vergonha é uma tentativa de afastamento daquilo que ele não aceita como sendo dele.

### **SD1**

**(situação em que o sujeito começa a nomear produtos num encarte de supermercado)**

(1) NA: *guardanapo*

(2) A: *gananapo (enrubesce)*

(3) NA: *aha, sabonete*

(4) A: *lalun (enrubesce)*

---

<sup>224</sup> *Op. cit.*

<sup>225</sup> *Op. cit.*

(5) NA: *sabonete*

(6) A: *nete(sorri)*

(7) NA: *aha, refrigerante*

(8) A: *rescijela... (risos!)*

## SD2

**(situação em que o sujeito está referindo-se ao carro de um familiar para relatar evento do final de semana)**

(1) NA: *o nome do carro dele?*

(2) A: *ih... é... o carr... o carro é*

(3) NA: *é, qual que é o carro dele?*

(4) A: **(enrubesce)** *carro, o nome, dele, não... gol, o nome dele... olha só eu to falando!(risos)*

## SD3

**(conversa em que se discutiam as diferenças entre os interlocutores quanto à habilidade de repetição, sendo esta reconhecida pelo grupo como fator positivo em relação à fala)**

(1)NA: *não, se eu falar uma frase, o senhor repete? Vamos ver, deixa eu pegar uma frase.*

(2) A: *bem curtinha (sorri e enrubesce)*

(3) NA: *bem curtinha tem que ser*

(4) NA: *'aparecia todas as tardes a mesma hora'*

(5) A: *uhn, vou morrer (risos!)*

(6) NA: *muito longa, essa não da (risos!)*

As cenas em que o afásico ri de si mesmo e enrubesce mostram o momento em que o sujeito do discurso escuta e estranha seu dizer, como se pode ver nos enunciados **2, 4 e 6** de **SD1**, mas não fica preso a identificação de si mesmo naquilo em que falha. Ao

contrário, distancia-se disso e escuta-se de um outro lugar, lugar que poderíamos dizer não-afásico.

Ouvir-se falar é um sistema indissociável, o sujeito afeta a si mesmo e faz corresponder a si uma certa idealidade. Na afasia, ao escutar-se normalmente o sujeito não consegue corresponder os sons que produz a fala instituída, o que o leva a uma posição de reconhecimento como “não-falante”. Porém, no funcionamento do riso/rubor, parece que ao enrubescer quando se ouve falhando, ele reconhece uma unidade imaginária afásica, essa não-falante. Mas, ao rir de si mesmo, confronta os sons que produz com aqueles da fala constituída, a fala dos outros, então ri e reconhece um outro nele.

Algo da ordem da relação consigo aqui faz força sobre as relações de poder efetivando uma outra posição possível para o sujeito, o riso aqui funciona como ponto de resistência aos códigos e poderes. De sua falha na linguagem, ele faz outra coisa.

Resistir não tem relação com um sentido negativo, de oposição a certa posição; neste caso, é mais do que isso. Segundo Souza<sup>226</sup>, resistir não é deter-se em si mesmo como origem de subjetividade, mas poder abrir-se a novos caminhos de subjetivação por onde o discurso que determina a verdade do sujeito não entra.

Foucault<sup>227</sup> afirma o exercício da liberdade justamente no ponto em que o sujeito pode movimentar-se de posição a posição. O que é próprio do sujeito é o assujeitamento, mas há fôlegos no processo de subjetivação. O processo de subjetivação é intervalar e esburacado e por isso há movimento possível para o sujeito.

---

<sup>226</sup> SOUZA, P. Resistir, a que será que se resiste? O sujeito fora de si. **Linguagem em (dis) curso**. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem.v.3. Tubarão, 2003b.

<sup>227</sup> FOUCAULT, M. (1984) A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, M. B. **Michel Foucault: Ética, Sexualidade, Política. Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

#### **4.2.4. “Ser quando não se fala: análise do funcionamento do silêncio” - Bloco Discursivo 4 (BD4).**

Doravante apresento uma parte da análise que busca colocar a reflexão, a partir do pensamento de Michel Foucault, do modo de produção da subjetividade, aliado a uma modalidade de resistência que, curiosamente, no afásico, dá-se a ver pelo silêncio.

Para analisar esse quadro de fala de si, tomei em análise um caso em particular dos presentes numa mesma sessão terapêutica, constituindo o bloco discursivo de referência para análise. Trata-se de um sujeito afásico, cujo enunciado da familiar que o acompanha a respeito dele é de que “não fala nada”, fato este que poderia estar ligado a um conjunto de observações clínicas objetivas, observáveis, mas que não dão conta do seu “não-falar”. Durante a sessão de atendimento, várias são as participações de diferentes membros do grupo, solicitados a falar pela terapeuta responsável, que busca em cada um a expressão verbal possível sobre o tema. As pessoas afásicas somente respondiam e assumiam sua vez no diálogo quando estimulados a falar. O discurso geral do grupo manifestava o elenco de mudanças nas atividades de vida diária, o afastamento do trabalho e principalmente a situação de dependência de outro para realização de tarefas cotidianas e até dos cuidados pessoais e de higiene.

O sujeito em questão para análise não se manifesta verbalmente em nenhum momento, acompanhando a discussão com o olhar. Mesmo quando solicitado insistentemente a participar, recusa-se, acenando negativamente com a cabeça que não, não quer falar. Nesses momentos, que se repetem ao longo da interação no grupo, a terapeuta retoma para o grupo o objetivo do trabalho, reafirmando a presença de todos ali para falar. Em dado momento, a esposa toma-o pelo braço, insistindo para que fale, ao que ele veementemente se recusa, demonstrando expressão contrariada em seu rosto. Os demais

integrantes do grupo mostram-se alguns deles solidários e outros tentam incentivá-lo a falar com certo ar duvidoso quanto a sua “capacidade” para fazê-lo. Perguntado sobre seu nome, em seguida ao fato de ter sido segurado pelo braço, responde enunciando seu nome claramente. Perguntado sobre seu desejo de acompanhar as atividades do grupo, responde que “não”, e o faz verbalmente. Demonstra para o grupo nesse momento sua possibilidade de falar e responder “coerentemente” às questões dirigidas a ele. Deve-se ressaltar que sua posição causa certo estranhamento ao grupo.

A seguir transcrevo parcialmente o diálogo nos momentos em que o sujeito foi convocado a falar<sup>228</sup>:

*(1) NA: Hoje nós escolhemos prá vocês conversarem sobre como que tá na família, como que ficou, o que vocês tão fazendo, o que eles tão fazendo... Com a sra dona M.L e com o sr seu R... A gente já tinha conversado um pouquinho no ano passado. Quería saber de vocês até um depoimento, o que estão fazendo, como tão fazendo?*

*(2) A2: É muito bem sempre a gente a falá alguma coisa.*

*(3) A1<sup>229</sup>:(...) <sup>230</sup>*

*(4) NA: Como é que ta lá em casa seu R, em que que o sr ta ajudando?*

*(5) A1::(...) (olhando fixamente para o interlocutor)*

*(6) NA: Ele se vira sabe, só o banho que eu ajudo ele e a roupa senão ele se vira. Vai no banheiro e faz tudinho e não precisa ajudá ele em nada. Come também e ta quase falando.*

*(7) A2: Ta começando, né? Olha ta vendo? Por isso que eu digo...*

*(8) NA: Ele canta até*

<sup>228</sup> O trecho apresenta-se um tanto extenso por descrever a interação entre vários interlocutores.

<sup>229</sup> A1 corresponde ao interlocutor afásico em análise nesse bloco discursivo.

<sup>230</sup> As reticências entre parênteses são utilizadas para marcar o silêncio dos interlocutores.



(9) NA: *Ta cantando seu R.?*

**(10)A1: (...) (mantinha-se olhando para o interlocutor e pára de olhar mostrando-se contrariado)**

(11) NA: *Ta sim. Fala! Ta sim (segurando-o pelo braço) Sim! Fala: sim! “Sim eu to cantando”*

**(12)A1: (sacode-se na cadeira, olha para a esposa, faz negativa com o corpo, busca desvencilhar-se do braço da esposa)**

(13) NA: *Eu tenho uma menina lá em casa comigo, sobrinha, tem um quadro lá e ela escreve e ele lê, ele sabe.*

(14) NA: *que jóia!*

(15)A2: *viu só que bom!*

(16) NA: *Canta parabéns, canta!*

**(17)A1: (baixa a cabeça, nega-se, pára de olhar para os interlocutores)**

(18) NA: *Não precisa, se ele não quer cantar agora. Ele não quer cantar agora.*

(19)A2: *É né.*

(20) NA: *Outro dia a gente canta.*

(21) NA: *(insistindo) Não?*

(22) NA: *Outro dia, aí canta todo mundo junto.*

(23) NA: *ele não queria vim*

(24) NA: *Não queria vir seu R?*

**(25)A1: (...) (olha fixamente para a terapeuta)**

(26) NA: *Esse grupo aqui tão alegre, todo mundo gosta do senhor.*

**(27)A1: Não (balança-se na cadeira)**

(28) NA: *O sr lembra do ano passado?*

**(29)A1: (...) (balança-se na cadeira em sinal afirmativo)**

(30) NA: *A gente só conversa aqui. O que que o sr acha? Vâmo começá a vim?*

(31) NA: *(ri)*

**(32)A1:(...) (parado olhando para a terapeuta)**

(33) NA: *Jóia, é o mesmo dia que vocês vem pra fisio, né?*

(34) NA: *é*

(35) NA: *jóia, então combinado.*

(36) NA: *Ó vão ficar esperando.*

(37) NA: *é bom ele ta dizendo “não”. Quando ela (aponta para a esposa ML) diz não é não, já ta começando a dizer alguma coisa.*

**(38)A1: (...) (mantém o olhar atento ao interlocutor)**

*(a conversa no grupo segue e R fica acompanhando em silêncio, até que a palavra é dirigida especificamente a ele novamente)*

(39) NA: *E lá na sua casa Dona N são só vocês dois ou tem mais alguém?*

(40) NA: *minha sobrinha*

**(41)A1: (...) (volta-se para a interlocutora)**

(42) NA: *como é o nome dela?*

(43) NA: *J.*

(44) NA: *A J. ta morando com vocês seu R?*

**(45)A1: (...) (balança a cabeça afirmativamente)**

(46) NA: *Seu R faz tempo que ela mora com vocês?*

**(47)A1: (...) (balança a cabeça negando)**

(48) NA: *quantos anos ela tem?*

(49) NA: *20 ano*

(50) NA: *Ah.. ela já é adulta e ela conversa com o sr?*

(51) NA: *conversa (responde no lugar de R) tudo que ela ensina pra ele ele já ta, mostra, ela já ensinou bem pra ele, nossa!*

(52) NA: *E ele já sabe falar?*

**(53) A: (...) (acompanha a conversa voltando-se para os interlocutores no momento em que falam)**

(54) NA: *sabe*

*(grupo comenta... duvida...)*

(55) NA: *ele sabe o nome dele, então fala o teu nome. Como é que é teu nome? Fala!*

**(56) A1: (diz o nome)**

(57) NA: *ó viu*

(58) Todos: *ó...ahã*

(59) NA: *ele reza tudo, fala bastante*

(60) NA: *é o senhor não dizia nada que maravilha!*

(61) NA: *que bom seu R que o sr ta falando bastante*

(62) NA: *Passa alguém na rua ele diz bom dia, boa tarde*

(63) A1: *como Deus é bom, né? viu!*

(64) NA: *viu seu R, tem que se animar.*

(65) NA: *em casa a família fala aqui eles usam a técnica.*

**(66) R: (...) (olha fixamente para o interlocutor)**

*(grupo inicia outra conversa que é acompanhada por R com o olhar mantendo-se em silêncio, até que novamente a palavra é dirigida a ele, especificamente)*

(67) NA: *Vocês têm cinco filhos?*

(68) NA: *(responde por A1) é*

(69) NA: *como é o nome deles?*

**(70)A1:(...) (olha para os interlocutores)**

(71) NA: (volta-se para R, começa a nomear os filhos e pede para que ele repita)

**(72)A1: (repete os dois primeiros e pára)**

(o grupo elogia com entusiasmo)

(73) NA: E o sr seu R...(volta-se para a esposa N) quando ele quer alguma coisa...(dirige-se a R novamente) como é que o senhor faz? Fala? Aponta?

(74) NA: Ah ele faz, ele mostra.

(75) NA: ele vai lá e pega?

(76) NA: Ele mostra ou aponta até eu adivinhá

**(77)A1:(...) (acompanha a conversa, olhar fixo na esposa N)**

(78) NA: o senhor mostra o que quer?

**(79)A1:(...) (balança a cabeça que sim)**

(80) NA: água quando ele quer...

**(81)A1: água**

(82) NA: algumas coisas já ta pedindo falando. Todos os seus filhos moram fora?

**(83)A1:(...) (olha para o interlocutor)**

(84) NA: Fala!

Observamos que **A1** está no debate todo o tempo, mesmo quando sua participação é silenciosa. Acompanha a discussão seguindo os interlocutores com o olhar, sabe-se também que sua compreensão é boa, visto que demonstra responder às solicitações dirigidas a ele de modo coerente e contextualizado. Entretanto, diante do imperativo de que fale, ele se recusa.

Pensar o silêncio no discurso do afásico passa pela discussão da instância do silêncio na clínica fonoaudiológica, na medida em que pretendo compreender o

funcionamento do silêncio em um sujeito que, afetado por um quadro patológico, muda sua relação/posição na linguagem.

Surreaux<sup>231</sup> chama a atenção quanto à dificuldade do profissional da área de Fonoaudiologia em lidar com o elemento silêncio, tanto como constitutivo do processo de aquisição da linguagem quanto como elemento da estrutura mesma da linguagem. Segundo a autora, há uma tensão em relação ao tema que pode ser traduzida como uma espécie de fobia ao silêncio. Essa fobia funciona como um mascaramento das incertezas e inseguranças do fonoaudiólogo frente à não transparência da linguagem e dos sujeitos em questão no ato clínico fonoaudiológico. Assim, o silêncio fica colocado na clínica como um entrave, certo incômodo que aponta para um não-saber sobre a linguagem e sobre os sentidos que atravessam o espaço terapêutico. É Surreaux ainda que afirma a necessidade de que o fonoaudiólogo “possa perceber que a construção dos sentidos daquilo que é dito nem sempre está garantida através daquilo que é dado a ver (ou ‘dado a ouvir’ ao outro)”.

É possível constatar que uma das instâncias do silêncio envolvidas no funcionamento da linguagem de **A1** tem relação com algo que poderíamos chamar funcional<sup>232</sup> ou fisiológico, ou seja, o quadro de afasia, enquanto limite do corpo, dado por uma lesão neurológica, que marca o dizer afásico e altera seu funcionamento. Não se está diante de um funcionamento neurofisiologicamente “normal” da linguagem. Entretanto, sua recusa de modo tão afirmativo a falar, diante da possibilidade concreta de que dispõe de responder, apontada principalmente por proferir seu nome e uma negativa verbal consistente, colocam uma interrogação quanto a sua escolha pelo silêncio. De certo modo, pode-se dizer que esse silêncio poderia ser elencado também como resultado de uma

---

<sup>231</sup> SURREAUX, L. M. A questão do silêncio na aquisição desviante de linguagem. **Letras de Hoje**. v. 36, n.3. Porto Alegre, set. 2001, p.594.

<sup>232</sup> Destaco que o uso da designação funcional se limita à literalidade da expressão cunhada por Surreaux (2001); entendo essa categoria do silêncio ligada à questão fisiológica. Distancio-me, portanto, da visão funcionalista, como o termo poderia sugerir, pois não pretendo compreender o silêncio a partir deste ponto de vista.

inibição - aparecendo como uma impossibilidade de responder ao outro, na medida em que se antecipa discursivamente seu lugar na enunciação como aquele que não fala. Até este ponto, parece que o silêncio de **A1** é resultado de duas instâncias que o objetivam por meio de um discurso racional, que tende a um fechamento em relação a sua posição subjetiva: é afásico.

Ao analisar as determinações do dizer afásico, em meu trabalho de mestrado, encontrei aspectos discursivos que corroboram o funcionamento do silêncio sob estes dois aspectos. A análise das imagens e antecipações que ocorrem na interlocução entre afásicos e não afásicos apresenta que estas determinam sobremaneira o dizer do sujeito afásico, vinculando sua posição discursiva a uma incapacidade pressuposta e imaginária. Muitas vezes, ao dirigir-se ao afásico, seu interlocutor já espera que este não vá responder, antecipando-se no diálogo ou enunciando sua expectativa quanto ao não falar do afásico, pelo uso de expressões como “*vamos ver se... o senhor consegue, se o senhor sabe, se o senhor pode me dizer*”<sup>233</sup>..

Efetivamente, de um lado temos um silêncio fisiológico, em função do quadro afásico, e, de outro, silêncio inibição, em função das determinações discursivas que estabelecem uma especificidade no dizer afásico. Essas especificidades giram em torno de um domínio de saber que envolve as relações saber/não saber falar e poder/não poder falar e apontam para um efeito de silenciamento do sujeito. Tal silenciamento mostra-se como efeito da colagem na objetivação que assujeita o sujeito com o rótulo *afásico*. Nessa posição, o movimento do sujeito é de coincidência com o pré-construído, que objetiva o afásico como aquele que não fala. É importante entender essa posição com uma das possibilidades possíveis no movimento de subjetivação do sujeito.

---

<sup>233</sup> MANCOPES, R. **O dizer nas afasias: o tratamento recriando sentidos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem / UFRGS. Porto Alegre, 2001.

É preciso destacar que, no campo do pré-construído, ou seja, no campo do já dito sobre a afasia, estão marcadas condições de memória que vão apontar para a subjetividade do afásico. Pêcheux<sup>234</sup> relaciona o pré-construído a traços que determinam o sujeito. Destaca, porém, a necessária articulação entre aquilo que da interpelação ideológica impõe realidade e sentido ao sujeito e a relação que esse sujeito faz com esses sentidos. A articulação desses encadeamentos do pré-construído vai produzir efeitos no processo de subjetivação daquele que se tornou afásico. Nesse ponto, conforme já afirmei anteriormente, é essencial articular essa idéia àquelas de Foucault<sup>235</sup>, quando designa a articulação desses efeitos no sujeito como práticas de subjetivação, como práticas de si, ou seja, práticas de si, na medida em que revelam como o sujeito se relaciona com esses efeitos e se espelha e se reconhece neles.

Portanto, ao silenciar, a partir dessa posição de colagem ao pré-construído que objetiva o sujeito na afasia, tem-se um primeiro movimento de constituição do *si* em relação ao silêncio. O *si* como ponto em que é tomado por uma racionalidade.

Porém, soa forte esse silêncio no discurso de **A1**, que causa certo estranhamento diante do grupo como algo que o diferencia.

O que o sujeito faz ao silenciar de modo tão contundente? Parece que a instância de resistência se coloca nesse momento enunciativo. Entretanto, é necessário também analisar as faces desse ponto de resistência manifesto pelo silêncio do sujeito.

Inicialmente, percebo que o silêncio aparece como resposta à exigência de que ele fale, marcando uma forma de estar na linguagem contra a injunção que leva o terapeuta e o

---

<sup>234</sup> PÊCHEUX, M. (1975) *Les Vérités de La Palice*. Trad. Bras.: Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 2ª ed. Campinas: Unicamp, 1995.

<sup>235</sup> FOUCAULT, M. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002a.

social a “fazer o paciente falar”. Conforme propõe Surreaux<sup>236</sup>, ecoam aí vozes do discurso científico e da demanda social que levam a essa injunção. Esse silêncio foi designado pela autora como silêncio de resistência. De qualquer forma, esse silêncio surge como resposta a essa imposição e, enquanto resposta, ele já é atividade do sujeito na linguagem.

Percebemos o silêncio de **A1** como ponto de resistência, ou seja, como forma de dizer não. Souza<sup>237</sup> afirma que o que define a resistência não é uma ação de entrincheiramento do sujeito em si mesmo. Afirma-a justamente ao contrário, como um movimento de saída da trincheira, uma metáfora da ordem simbólica que determina o que é ou não o sujeito. Para o autor, resistir não é deter-se em si mesmo como origem de subjetividade, mas poder abrir-se a novos caminhos de subjetivação por onde o discurso que determina a verdade do sujeito não entra.

O autor ressalta que a resistência parte de um eu como ponto, mas não se trata de negar ou afirmar esse mesmo eu, senão de tomar esse ponto como reconhecimento de si como um entre outros, principalmente os que não são ainda conhecidos, aqueles a inventar. Nas palavras do autor: “resistir é dispor-se a reverter e subverter a linha do reconhecimento de si, deixar-se afetar por forças exteriores a este reconhecer que é efeito de assujeitamento<sup>238</sup>.”

Diante da possibilidade de falar, ainda que precária fisiologicamente, o sujeito escolhe calar. Trata-se de uma escolha que mantém o sujeito na constância, o mantém integrado; como uma concentração num tempo e num instante, exatamente aquele em que é convocado a falar. Um calar que é caracterizado por uma espécie de intensidade, que faz

---

<sup>236</sup> SURREAUX, L. M. A questão do silêncio na aquisição desviante de linguagem. **Letras de Hoje**. v. 36, n.3. Porto Alegre, set. 2001, pp.593-599.

<sup>237</sup> SOUZA, P. Resistir, a que será que se resiste? O sujeito fora de si. **Linguagem em (dis) curso**. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, v. 3. Tubarão, 2003b, p. 3.

<sup>238</sup> SOUZA, P. *op. cit.*



com que tome posse de si, como efeito de uma vontade livre. Para Foucault<sup>239</sup>, o *si* é o objeto da vontade livre. O sujeito é efeito de uma vontade. Esse exercício da liberdade acontece entre a tensão do *si* como razão e do *si* enquanto elemento do aqui e agora, ou seja, lugar da liberdade entre aquilo que o assujeita e aquilo que o subjetiva, enquanto prática de liberdade.

As práticas da liberdade têm relação com a ética do cuidado de si. Tais práticas não podem ser tomadas como práticas de liberação, no sentido de rompimento de amarras, mas sim, como exercício ético de escolhas e reconhecimentos de si que o sujeito pode fazer a partir de determinadas condições; têm relação com o exercício de si sobre si mesmo, através do qual se elabora certo modo de ser, como as práticas designadas por Foucault de ascéticas. As práticas de liberdade vão ocorrer num determinado contexto de relações de poder que podem chegar até um estado de dominação onde, então, as práticas de liberdade não existem ou podem ser bastante restritas ou limitadas<sup>240</sup>.

Souza<sup>241</sup> coloca que, no contexto das práticas de liberdade, a questão da resistência está essencialmente ligada ao processo de subjetivação:

resistir e subjetivar-se remetem a um modo de produção de sujeito cujas relações de força agem tencionando-se, mas nunca obstruindo-se. Este é o próprio da liberdade que abre espaço para a subjetivação e não para o assujeitamento. Se o assujeitamento é um fato historicamente inexorável, não deixar-se assujeitar é abrir-se a outros modos de ser sujeito, ainda que desconhecidos.

Sobre a construção do *si*, tal qual Foucault a propõe, há uma dinâmica complexa de relações de forças que produzem dobras sobre si mesmas. Esse movimento de dobrar-se demarca os espaços externos e “internos” onde há sempre jogos de poder vergados. Porém,

---

<sup>239</sup> FOUCAULT, M. **La hermenêutica del sujeto**. Curso en el Collège de France (1981-1982). 3ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2002b.

<sup>240</sup> FOUCAULT, M. (1984) A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, M.B. **Michel Foucault: Ética, Sexualidade, Política. Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

<sup>241</sup> SOUZA, P. *op. cit.*, p. 4.

não se trata de pensar esses jogos de poder apenas como relações de dominação e controle, já que as relações de poder que produzem as subjetividades podem também se abrir para estratégias de instabilidade e de saída, que podem demarcar outras possibilidades de posições sujeito<sup>242</sup>.

Assim, a partir do silêncio como resistência na posição enunciativa assumida pelo sujeito afásico, vê-se uma segunda possibilidade de movimentação do sujeito: um *si* que se constitui pela resistência. Ao silenciar, **A1** faz um movimento de saída daquele discurso que o submete e que também o produz como sujeito. Coloca-se fora de si mesmo ao ser interpelado pelo discurso que lhe impõe a fala, silenciando, buscando produzir-se pela resistência. O silêncio aqui opera como dobra, vergando a força do verbal e, ao fazê-lo, funciona como posição possível para o sujeito afásico na linguagem. A dobra que parece ser constituída pelo silêncio é resultado da relação consigo, na medida em que surge da tensão da segunda dobra entre falar e não falar. Porém, nesse caso, não falar é dizer. Com o silêncio o afásico faz de si outra coisa, algo diferente da posição afasia.

### 4.3 Considerações sobre as análises

A análise dos quatro blocos discursivos permitiu vislumbrar o movimento do sujeito no processo de subjetivação nas afasias. Identifiquei a partir delas três posições enunciativas possíveis para o sujeito afásico que poderia designar da seguinte forma:

- Posição sujeito afasia: aquela em que o sujeito fica colado naquilo que o objetiva, vergado pela força do assujeitamento à doença e às forças que vêm do fora enquanto detonadoras do processo, ou seja, o AVE.

---

<sup>242</sup> SOUZA, P. *op. cit.*

- Posição sujeito suspensão/dessubjetivação: aquela em que o sujeito coloca-se no intervalo entre a posição sujeito afasia e a posição sujeito resistência, já que este parece adquirir certo fôlego dentro do jogo de forças que o vergam. Porém, destaco a efemeridade desta posição que se encontra vinculada apenas a instantes de permanência sendo que não se estabelece numa temporalidade efetiva, como um modo de existência mais contínuo para o sujeito. Esta posição é relativa principalmente à dobra na constituição da subjetividade que diz da relação consigo. Sob a tensão entre falar e não falar, o sujeito encontra buracos por onde respirar e dar certo fôlego à subjetivação.
- Posição sujeito resistência: aquela em que o sujeito coloca-se num outro lugar diferente da afasia, produzindo-se de um outro modo, fazendo outra coisa para além do esperado no jogo de forças. A partir da relação consigo, rindo ou silenciando o sujeito faz força sobre os códigos e poderes que o instituem afásico, o que o faz não coincidir com a verdade sobre a afasia, dita como doença ou incapacidade para falar, fazendo-o resistir a essa verdade, inventando novos modos de existência na linguagem.

O movimento de posição a posição pode ser observado no quadro abaixo em sua relação com o funcionamento discursivo nos quatro blocos analisados:

Posições-sujeito	BD 1 Co-enunciação		BD2 Descontinuidades enunciativas			BD3 Humor	BD4 Silêncio	
	Intervenção inacabada	“eu” - “a gente”	pausas	atrapalhos	Comentários sobre si mesmo	Riso/ rubor	Não consequ e falar	Escolhe não falar
Afasia	x	x	x	x	x		x	
Suspensão/ dessubjetivação		x	x	x	x			
Resistência						x		x

Quadro 1: relação posições-sujeito com blocos discursivos

Vale ressaltar que considero movimentação subjetiva o trânsito do sujeito por entre essas três posições em um processo de subjetivação que permite momentos de permanência diferentes em cada uma delas. O pressuposto aqui é de que o processo não é fechado e sua temporalidade é aberta, permitindo que o sujeito se movimente em um ou outro ponto conforme as condições do jogo de forças no processo de subjetivação. A tensão no jogo é sempre falar e não falar, entre ser objeto da afasia ou ser outra coisa. A força do assujeitamento pode ser visualizada pela permanência do sujeito em quase todos os blocos discursivos analisados na posição-sujeito afasia.

As práticas de subjetivação foram enunciadas por Foucault<sup>243</sup> como práticas de *si* porque resultam do modo como o sujeito se relaciona com os sentidos e efeitos do assujeitamento constituído pela realidade imposta. A imposição da realidade afasia é violenta e opera forças produzindo mudança de posição do sujeito na linguagem. A tabela acima atesta a força hegemônica das práticas sociais que fizeram incidir na clínica fonoaudiológica o modo de funcionar da clínica médica, na qual a doença toma o lugar do sujeito.

<sup>243</sup> FOUCAULT, M. (1984) A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, M. B. **Michel Foucault: Ética, Sexualidade, Política. Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

Entretanto, a partir da ótica foucaultiana, é possível avançar para além do entendimento das práticas coercitivas como produtoras de subjetividade e dar visibilidade a outras posições sujeito relativas às práticas de autoformação do sujeito. Tais práticas são afirmadas por Foucault como aquelas que resultam do modo e relação do sujeito consigo mesmo ainda que sob a força do assujeitamento. Foucault<sup>244</sup> considera as práticas de autoformação como um exercício de *si* sobre *si* mesmo que permite ao sujeito se elaborar e atingir certo modo de ser. Este exercício não tem relação com atingir certo essencialismo como se este fosse livre de qualquer objetivação. O sujeito vive sob a tensão entre dois pontos, o assujeitamento e aquele em que ele se reconhece ou não nesse assujeitamento podendo inventar novas formas de estar no jogo, dobrando-se sobre *si* mesmo.

Nas afasias, o exercício da liberdade é um movimento tenso e mostra a relação do sujeito com os efeitos do assujeitamento imposto de modo tão abrupto e violento, enquanto acontecimento singular que expressa o mal-estar de um sujeito em sua fala.

---

<sup>244</sup> FOUCAULT, M. *op. cit.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS?

Por hora, posso afirmar parte de minhas considerações. Acredito que a análise empreendida até o momento permitiu vislumbrar aspectos importantes quanto ao processo de subjetivação nas afasias. Entretanto, creio também que há pontos de reflexão e análise que podem ser ampliados e que ainda fazem questão diante do inacabamento deste texto. A afasia continua a se colocar como um interrogante que me convoca desde o lugar da clínica e daquele de investigadora do campo da linguagem, e me convoca porque múltiplos são seus efeitos.

Metaforicamente, poderia dizer que a questão que me coloquei no início desse projeto de pesquisa funcionou como o disparador de uma crise que produziu mudança de posição, já que o encontro com Foucault permitiu deslizamentos importantes não apenas quanto ao conhecimento sobre os modos de produção da subjetividade, mas principalmente no que se refere a uma posição de investigação. Nesse sentido, foi preciso dessubjetivar para depois de alguns momentos de suspensão produzir as colocações aqui apresentadas e, por isso, talvez, algo da ordem de sua fragmentação ainda se dê a ver neste texto.

Como fato de linguagem, a afasia coloca-se como um acontecimento que constituído por uma ruptura na linguagem implica necessariamente o sujeito e sua relação com a língua. Longe de estar restrita ao que o discurso tradicional constitui na clínica médica e fonoaudiológica, como um transtorno de linguagem subsequente a um dano cerebral, ela afirma a relação sujeito-linguagem, e o abalo que advém disto quando o sujeito não se reconhece mais no que diz, logo, não se reconhece mais em si mesmo.

Desse modo, considero também que o estatuto patológico das afasias não pode ser considerado *a priori*. É preciso escutar o sujeito e seu modo de relação com a língua e a própria fala já que a dimensão do que faz o sujeito sofrer só será dada pelo que ele próprio

enunciar. Além disso, penso que as reflexões propostas nesse trabalho apontam para a necessidade de compreensão da afasia na atualidade. A afasia é um modo de existência que num e noutro tempo deveria ter sido redefinida, principalmente pelos modos como os sujeitos se assujeitaram ou resistiram a ela, inventando novos modos de existir. O problema é que a posição hegemônica no âmbito da clínica, não percebe e não escuta esse movimento, assiste a saída dos sujeitos do “tratamento” e conforma-se com a falta de resolutividade que tem caracterizado a clínica com pessoas afásicas.

Pensada pelo viés da subjetivação, a afasia não pode ser compreendida como sendo sempre a mesma. Acredito que a análise do processo de subjetivação, principalmente no que ele contempla a análise da relação consigo, permitiu entrever importantes faces da questão da afasia. O que se vê é um sujeito cindido, que vive sob a tensão de ser sujeito e não ser falante, e que atua e age de modo específico numa comunidade e numa sociedade; que em sendo afásico hoje, não é igual à outra pessoa que tenha sido afásica em outro tempo. O que estabelece um modo de ser na afasia, sob meu ponto de vista, é o modo como o sujeito se relaciona com sua fala e é preciso compreender em que tempo isso acontece. Na cisão do sujeito, na perda da vigência do dizer, é necessário escutá-lo em sua enunciação e como este pode fazer-se sujeito exatamente no instante em que enuncia, no e pelo discurso. Penso que tal concepção pode ampliar o olhar e a escuta para novos *eus* passíveis de existir com linguagens próprias e singulares. A questão que coloco a partir disso é não apenas suportar a diferença no dizer, mas admiti-la como expressão de um *eu* possível.

Especificamente quanto às análises, estas permitiram vislumbrar algumas posições-sujeito possíveis para o afásico, a saber: posição sujeito afasia, posição sujeito suspensão/dessubjetivação e posição sujeito resistência. Observei que a todo momento o sujeito se depara com uma espécie de ir e vir entre os pólos do assujeitamento e da

subjetivação, ora assumindo posições coladas naquilo que o designa como afásico, tendendo a um fechamento do si com a racionalidade que o objetiva, e ora “buscando o ar”, emergindo em posições que se não o retiram da posição afásico, lhe dão certo fôlego para resistir ao que lhe é imposto. Nestas posições, o sujeito tende mais para o pólo de um si que não se reconhece absolutamente no rótulo de afásico, permitindo ao sujeito experimentar um outro modo de existência, ainda que sob o regime discursivo da afasia.

As modalidades discursivas analisadas nos quatro blocos discursivos demonstraram movimento no processo de subjetivação nas afasias. No funcionamento da co-enunciação, pude entrever duas posições possíveis para o sujeito afásico, que através do funcionamento das intervenções inacabadas pode desistir do falar, assumindo o posto de incapacitado para tal. Entretanto, apesar disso também adquire status de interlocutor ativo no discurso, mediante a construção dessa posição no jogo dos turnos de conversação - onde ele e o interlocutor se fazem. Ainda no funcionamento da co-enunciação, vi que o sujeito se divide entre um “eu” e um “nós” ao reconhecer-se ora com uma certa coletividade – a afasia e ora tentando estabelecer-se como um diferente diante dela ao enunciar-se eu. Nesta posição, não vislumbro uma saída da posição do assujeitamento, mas observo o instante em que o sujeito pode se perguntar sobre isso num momento de suspensão.

A análise das pausas e hesitações revelou também certa posição subjetiva em que apesar de submetido à afasia, o sujeito se retoma, buscando jogar o jogo diante do que Foucault<sup>245</sup> chamou pisca-pisca da palavra. Neste modo de funcionar o sujeito vê-se dividido entre dois tempos: o tempo por dizer e o tempo do dizer; deles resulta uma possibilidade de suspensão em que o dizer pode ser ressignificado.

---

<sup>245</sup> FOUCAULT, M. Sete Proposições para o Sétimo Anjo. In: MOTTA, M. B. **Michel Foucault (1926-1984) Estética: literatura e pintura, música e cinema. Ditos e Escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b.



Já no funcionamento dos atrapalhos, também pude observar o entrecruzamento do fluxo enunciativo, onde a instância da falta, causa de desejo, de ordem simbólica e a da perda, causa de sofrimento da ordem do sintoma, sobrepõem-se ao sujeito produzindo um lugar específico de enunciação. Diante do sem-sentido da fala do afásico, os interlocutores podem ignorar a seqüência enunciativa excluindo o sujeito do discurso, legitimando a ordem discursiva vigente e deixando à margem as enunciações fora da ordem. Entretanto, vi também que os atrapalhos podem produzir outro lugar de enunciação, na medida em que não desestabilizam a interação. No funcionamento com e apesar dos atrapalhos, o sujeito corre o risco e fala, legitimando uma enunciação fora da ordem que demarca um lugar particular para o afásico. Assim, a posição sujeito aqui ainda é uma posição dentro da ordem discursiva da afasia, mas há a possibilidade de instantes de suspensão dentro dessa mesma posição.

Destaco o funcionamento dos comentários sobre a própria fala observados no discurso do afásico sob a forma de autocomentário. Acredito ser muito significativo esse modo de enunciar-se na linguagem, quando é possível suspender a enunciação e refletir sobre ela. Para mim é no comentário sobre a própria fala que o sujeito incide sobre a palavra, ainda que não possa corrigi-la. E justamente porque o faz, identifico aí um modo de subverter sua posição na linguagem. No instante da enunciação em que o afásico serve-se da linguagem para fazer uma auto-reflexão, este se dobra sobre si mesmo, duplica seu dizer, suspende-o e faz-se sujeito exatamente nesse ponto.

As análises referentes ao funcionamento do humor sobre si mesmo, evidenciado pelo riso/rubor na enunciação, mostraram um momento de distanciamento do sujeito da posição afasia, no qual ele pode fazer outra coisa com aquilo que fizeram dele: rir. Esta ação constitui o sujeito numa espécie de resistência, mantendo-o por um instante integrado numa outra posição, subjetivando-se na afasia e apesar dela.

Já a análise do funcionamento do silêncio no discurso de pessoas afásicas aponta para o não falar como uma das possibilidades de constituição do *si*. Pude observar que, ao ser convocado a falar, o sujeito afásico realiza movimentos na linguagem a partir do silêncio que o coloca em duas posições possíveis. A partir de um silêncio fisiológico, o sujeito afásico constitui um *si* que funciona numa coincidência em relação ao pré-construído que objetiva o sujeito na afasia. Tem-se aí, um primeiro movimento de constituição do *si*, mais ligado ao assujeitamento. Nesta posição sujeito, o *si* como ponto é aquele da ordem da racionalidade. Já o silêncio como resistência opera um outro funcionamento na linguagem e promove a saída daquele discurso que o objetiva a partir de um regime discursivo. Esse modo de funcionar do silêncio coloca o sujeito fora de si mesmo ao ser interpelado pelo discurso que lhe impõe a fala, ele silencia e produz-se pela resistência. O silêncio opera como dobra no discurso do afásico vergando a força da palavra. Nesta posição, há subjetivação através do silêncio e este funciona como posição possível para o sujeito afásico na linguagem. Trata-se, nessa posição, do *si* como ponto num tempo que permite certa permanência de identidade e que o mantém como *si* exatamente diante da convocação do falar. Um *si* que resiste quando cala e, ao fazê-lo, constitui-se.

A subjetividade, então, aparece como produto da tensão entre a racionalidade, que estabelece a afasia e a identidade afásica, e uma série de possibilidades construídas discursivamente pelos sujeitos, levando-os à coincidência ou à resistência com essa racionalidade. Penso que há ruptura a partir da afasia e que esta funciona como uma fratura que deixa exposta a fragmentação do sujeito. A heterogeneidade da linguagem parece estar sempre mostrada nas afasias, a falha está sempre perceptível para o afásico, redobrando sua distância da palavra. O sujeito está sempre sob o risco de desabar, mas toma essa ou aquela posição no jogo de sentidos que o constitui em diferentes tempos do dizer.

Um projeto de pesquisa começa por uma questão e termina por tantas outras. Muitas delas ficam como pontos de deriva, encobertos pela opacidade do texto, e outras emergem para outros rumos como novos pontos a percorrer. Desse modo, não poderia deixar de colocar questões da ordem da clínica que não deixam de ressoar diante dos fatos discursivos analisados, não há como ser indiferente a eles. Se a afasia impõe uma crise ao sujeito e dessa problemática haverá reinvenção do *si* mesmo, o que faz o fonoaudiólogo na clínica da linguagem com este acontecimento? Pode o fonoaudiólogo posicionar-se como “mestre”, aos moldes do que podemos ler em Platão<sup>246</sup> nos diálogos entre Sócrates e Alcebíades, e sustentar essa crise procurando ser operador de conversão? O mestre é aquele que promove a saída da inércia; como mediador, ele é uma ação, uma operação que se faz pela linguagem e que produz a passagem do indivíduo de um lugar para outro, o de ser sujeito. Qual o modo de agir sobre os outros na clínica? Penso que é pelo discurso.

Ainda com Foucault, faria uma proposição preliminar no sentido de uma “clínica da alma”, uma clínica que se dispusesse a promover o domínio de *si*, visando a autonomia do sujeito e que o levasse ao governo de *si*, deixando de se apresentar apenas como objeto de uma clínica, assumindo uma posição de sujeito de sua “cura”. Na afasia, especialmente, é preciso trabalhar pela construção de uma clínica que permita viver o luto da perda, mas que permita subjetivação nesta perda. Esse trabalho não resolve totalmente esta questão, mas penso que pude contribuir de alguma forma na resposta a ela.

Terá o fonoaudiólogo a possibilidade de posicionar-se como mestre? Sigo me interrogando.

---

<sup>246</sup> PLATÃO. Alcebíades I e II. **Cadernos Culturais**. Editorial Inquérito Limitada. Lisboa. ed n.8 18 116/0069 (mimeo).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOROSO, M. R. M. & FREIRE, R. M. Os sentidos do sintoma de linguagem na clínica fonoaudiológica. In: PASSOS, M. C. **A Clínica Fonoaudiológica em Questão**. São Paulo: Plexus, 2001.

AGAMBEM, G. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

ARANTES, L. **Diagnóstico na Clínica de Linguagem**. Tese de Doutorado. LAEL/PUC SP, São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. O fonoaudiólogo esse Aprendiz de Feiticeiro. In: DE-VITTO, M. F. L. **Fonoaudiologia no Sentido da Linguagem**. São Paulo: Cortez, 1994.

AUDOUARD, X. O Silêncio: um “mais-de-palavra”. In: NASIO, J. D. (org.) **O silêncio em psicanálise**. Campinas: Parios, 1989.

BAKTHIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento. O contexto de François Rabelais**. Trad. Y.F. Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BAUBY, J. D. **O Escafandro e a Borboleta**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRÉS, J. & GARDÈS-MADRAY, F. Ratages et temps de l'à-dire. In: PARRET, H. **Le sens et ses hétérogénéités**. Paris: Editions du CNRS, 1991.

BROCA, O. (1875). **Le mot aphasie. La naissance de la neuropsychologie du langage (1875-1925)**. Paris: PUF, 1925.

CARDOSO JR., H. R. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n. 18, v. 3, 2005, pp. 343-349.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso. Discurso e Afasia: Análise Discursiva de Interlocuções com Afásicos**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CUTOLO, L. R. A. **Estilo de Pensamento em Educação Médica**. Tese de doutoramento. Programa de Pós-graduação em Educação / UFSC, 2001.

CUTOLO, L. R. A. **A localização da pediatria e a saúde da criança em seu contexto histórico e epistemológico**. Arquivos Catarinenses de Medicina, vol. 35. n. 3., 2006, pp. 87-93.

DE CERTEAU, M. Utopias vocales: glossalalies. In: **Le discours psychanalytique.**, an 3, n.1.Paris: Association Freudienne, 1980.

DEL PINO, C. C. **El silencio**. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

DELEUZE, G. **Foucault**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. **Empirismo e Subjetividade. Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

DERRIDA, J. J. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciencias humanas. In: \_\_\_\_\_ **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1967.

DE-VITTO, M. F. L. & ARANTES, L. **Aquisição, Patologias e Clínica da Linguagem**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2006.

DE-VITTO, M. F. L. & FONSECA, S. C. Reformulação ou ressignificação. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, vol. 27. Campinas: Unicamp, 1998.

DE-VITTO, M. F. L. Patologias da Linguagem: subversão posta em ato. In: LEITE, N. V. A. **Corpolinguagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. Novas Contribuições da Lingüística para a Fonoaudiologia. In: **Distúrbios da Comunicação**, n. 7, v. 2, 1995, pp. 163-171.

FELMAN, S. **Le scandal du corps parlant: don Juan avec Austin, ou la séduction en deux langues**. Paris: Éditions du Seuil, 1990.

FIERRO, A. La conducta del silencio. In: DEL PINO, C. C. (org.) **El Silencio**. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

FONSECA, S. C. **O afásico na clínica de linguagem**. Doutorado em Lingüística e Estudos da Linguagem. PUC/ São Paulo, 2002.

FONSECA, S. C. & VIEIRA, C. H. A afasia e o problema da convergência entre teoria e abordagens clínicas. In: **Distúrbios da Comunicação**, v.16, n.1, 2004.

FONSECA, S. **Afasia: fala em sofrimento**. Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas. PUC/ São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. Lesão vs sintoma: uma questão de causalidade. In: **DELTA**, n. 2. São Paulo: EDUC, 1998.

FOUCAULT, M. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. (1984) A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, M.B. **Michel Foucault: Ética, Sexualidade, Política. Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003a.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres.** 10ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003b.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade III: o cuidado de si.** 15ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002a.

\_\_\_\_\_. **La hermenêutica del sujeto.** Curso en el Collège de France (1981-1982). 3ª ed. México: Fondo de Cultura Econômica, 2002b.

\_\_\_\_\_. **História da Loucura.** São Paulo: Perspectiva, 2001a.

\_\_\_\_\_. Sete Proposições para o Sétimo Anjo. In: MOTTA, M. B. **Michel Foucault (1926-1984) Estética: literatura e pintura, música e cinema. Ditos e Escritos III.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir.** Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, RABINOW. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica.** Trad. Vera Porto Carreiro. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

FREIRE, R. M. Uma análise discursiva da afasia. In: PASSOS, M. C. (org.) **Fonoaudiologia recriando seus sentidos.** São Paulo: Plexus, 1996.

FREUD, S. **A Interpretação das Afasias.** São Paulo: Edições 70, 1987.

GONZÁLEZ, J. El significado del silencio y el silencio del significado. In: DEL PINO, C.C. (org.) **El silencio.** Madrid: Alianza Editorial, 1992.

HACKING, I. Entrevista disponível em <http://brigadasinternacionais.blogspot.com/2007/10/entrevista-ian-hacking221007.html>. Acessada em 7/12/07.

HENRY, P. **A Ferramenta Imperfecta: Língua, Sujeito e Discurso.** São Paulo: Unicamp, 1992.

ISHARA, C. Palavras e não-palavras na jargonafasia. In: **Estudos Lingüísticos**, n. XXXIV, Campinas: Unicamp, 2005, pp. 1146-1151.

LACAN, J. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. **O Seminário.** Livro 3: as psicoses. Versão Brasileira de Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LANDI, R. **Sob o efeito das afasias: a interdisciplinaridade como sintoma nas teorizações.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: LAEL/PUC, 2000.

- LEANDRO FERREIRA, M. C. (org.) **Glossário de Termos do Discurso**: projeto de pesquisa: A aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição leitor-autor. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- LEITE, N. V. A. **Corpolinguagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- LEMOS, C. T. G. **Das vicissitudes da Fala da Criança e de sua investigação**, 2002 (mimeo.).
- \_\_\_\_\_. Los Procesos Metafóricos e Metonímicos como Mecanismos de Cambio. In: **Substratum**, vol.1. n.1. Barcelona, 1992, pp. 121-134.
- \_\_\_\_\_. Corpo e linguagem. In: JUNQUEIRA FILHO. L.C.U. **Corpo mente. Uma fronteira móvel**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- MANCOPE, R. **O dizer nas afasias: o tratamento recriando sentidos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem / UFRGS. Porto Alegre, 2001.
- MELMAN, C. **Novos estudos sobre o inconsciente**. Seminário de 12 de fevereiro de 1985. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- MILNER, J.C. **O Amor da Língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- MURDOCH, B. E. **Desenvolvimento da fala e distúrbios da linguagem: uma abordagem neuroanatômica e neurofisiológica**. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.
- NISA-CASTRO, S. A. F. & SANTOS, A. C. **Guia de orientações à família do paciente afásico**. Serviço de Fisiatria do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Porto Alegre: Publicações HCPA, 1996.
- ORLANDI, E.P. **As Formas do Silêncio**. 3ª ed. Campinas: Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, M. (1969) Análise Automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. & HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2ª ed. Campinas: Unicamp, 1993.
- \_\_\_\_\_. (1975) **Les Vérités de La Palice**. Trad. Bras.: Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 2ª ed. Campinas: Unicamp, 1995.
- \_\_\_\_\_. (1983) **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.
- PELBART, P. P. **A Vertigem por um Fio: Políticas da Subjetividade Contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- PLATÃO. Alcebiades I e II. **Cadernos Culturais**. Editorial Inquérito Limitada. Lisboa. edição n.8 18 116/0069 (mimeo).

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesan. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROBSON, J. *et alii*. "Phoneme frequency effects in jargon aphasia: a phonological investigation of nonword errors". In: **Brain and Language**, n. 85, 2003, pp.109-124.

ROLNIK, S. Novas Figuras do Caos. Mutações da Subjetividade Contemporânea. In: ORLANDI, E. P. (org.) **Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001.

SELIGMANN-SILVA, M. Riso e rubor: o sujeito nos limites do corpo, prolegômenos para uma filosofia do corpo. In: LEITE, N. V. A. **Corpolinguagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SOUZA, P. Os suprasegmentos como índices da subjetivação na enunciação oral. **Revista ANPOLL**, n. 8. São Paulo: Humanitas / FFCLCH, USP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Confidências da Carne: o público e o privado na enunciação**.

\_\_\_\_\_. Enunciações fora da ordem: falas escrituradas em salas virtuais de conversa. **Revista Organon**, n.31, v.16. Porto Alegre: UFRGS, 2003a, pp. 55-67.

\_\_\_\_\_. Resistir, a que será que se resiste? O sujeito fora de si. **Linguagem em (dis)curso**. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, v. 3. Tubarão, 2003b.

STEINER, G. **Linguagem e Silêncio – Ensaio sobre a crise da palavra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SURREAUX, L. M. A questão do silêncio na aquisição desviante de linguagem. **Letras de Hoje**, v. 36, n.3. Porto Alegre, set. 2001, pp. 593-599.

\_\_\_\_\_. **O discurso fonoaudiológico: uma reflexão sobre sujeito, sentido e silêncio**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem / UFRGS. Porto Alegre, 2000.

TFOUNI, F. **O Interdito como Fundador do Discurso**. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP. Campinas, 1998.

TROGNON, A. Discontinuités énonciatives. Temps de l'interaction et temps de la pensée. In: PARRET, H. **Temps et Discours**. Louvain: Presses Universitaires de Louvain, 1993.

VIEIRA, C. H. **Um percurso sobre a história da afasiologia: estudos neurológicos, lingüísticos e fonoaudiológicos**. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992.

\_\_\_\_\_. E por falar em afasia. In: GOLDFELD, M. **Fundamentos em fonoaudiologia: linguagem**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.



VIEIRA, C. H. **Sobre as afasias: o doente e a doença**. In: DE-VITTO, M. F. L. & ARANTES, L. **Aquisição, Patologias e Clínica da Linguagem**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2006.

VORCARO, A. **Crianças na Psicanálise: Clínica, Instituição, Laço Social**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. Gestos que Descarrilam. In: LEITE, N. V. A. **Corpolinguagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.